

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATOLICA DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE PSICOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA
MESTRADO EM PSICOLOGIA SOCIAL

**CULTURA, IDENTIDADE E GÊNERO NO PROCESSO DE IMIGRAÇÃO JUDAICA
DE SOBREVIVENTES DA SEGUNDA GUERRA MUNDIAL**

BRUNA KRIMBERG VON MÜHLEN

Dissertação apresentada ao Programa de pós-graduação em Psicologia da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Psicologia.

Porto Alegre
Novembro de 2012

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE PSICOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA
MESTRADO EM PSICOLOGIA

**CULTURA, IDENTIDADE E GÊNERO NO PROCESSO DE IMIGRAÇÃO JUDAICA
DE SOBREVIVENTES DA SEGUNDA GUERRA MUNDIAL**

BRUNA KRIMBERG VON MÜHLEN

Prof. Dra. MARLENE NEVES STREY

Presidente

Profa Dra. ANA MARIA COLLING

Universidade Federal da Grande Dourados

Profa Dra. ANITA BRUMER

Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Porto Alegre

Novembro de 2012

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

M952c Mühlen, Bruna Krimberg von

Cultura, identidade e gênero no processo de imigração judaica de sobreviventes da Segunda Guerra Mundial / Bruna Krimberg von Mühlen. – Porto Alegre, 2012.

111 f.

Diss. (Mestrado em Psicologia) – Fac. de Psicologia, PUCRS.

Orientador: Profa. Dra. Marlene Neves Strey.

1. Psicologia Social. 2. Imigração Judaica – Rio Grande do Sul. 3. Guerra Mundial II, 1939-1945. 4. Cultura. 5. Aculturação. 6. Identidade (Psicologia). 7. Relações de Gênero. I. Strey, Marlene Neves. II. Título.

Bibliotecária Responsável: Dênira Remedi – CRB 10/1779

DEDICATÓRIAS

A tod@s @s que sobreviveram,
e aos que não sobreviveram,
à “inominável” tragédia e sofrimento
que foi a perseguição e o extermínio d@s judeus e
judias e outras minorias na Segunda Guerra Mundial.

Também à Gladis Russowsky Krimberg,
minha avó, pelo exemplo de mulher, judia,
professora, avó e pessoa que sempre
se dedicou a estudar o judaísmo.

AGRADECIMENTOS

Meu período de mestrado e caminho percorrido está vinculado a minha história de vida e trajetória até então; a começar pelas minhas experiências como imigrante, e antes mesmo de eu nascer, a história dos meus antepassados que imigraram da Rússia, da Bessarábia, de Portugal, do Marrocos, da Itália e da Alemanha, e que de alguma forma sempre me atravessou. E o mestrado me deu a oportunidade de entrar em contato, além da pesquisa e dos aprendizados do curso, com minhas origens, e principalmente, ao que muitos judeus passaram que sem dúvidas, se não fosse a imigração anterior da minha família, eu poderia não estar aqui hoje.

À Marlene Neves Strey, minha orientadora, que tanto admiro e que tanto me ensinou; um exemplo de pessoa, mulher, professora e uma grande orientadora, que sempre me encorajou a seguir, a ter motivação para fazer minha dissertação, e também me proporcionou novos aprendizados e experiências, sempre confiando em mim; sobretudo uma pessoa que admiro muito, humana, e caso não siga o doutorado com ela, fará muita falta.

Ao CNPq, pois sem a bolsa não poderia ter me dedicado como me dediquei ao mestrado, podendo focar na minha dissertação e também em outros artigos científicos, pesquisas e congressos; com os quais também aprendi muito, e fizeram com que meu mestrado fosse tão produtivo e bem aproveitado. Afinal não importa *o que* fazemos, mas *como* fazemos.

À minha família, minha mãe Claudia Krimberg von Muhlen, ao meu pai Fernando von Muhlen, ao meu irmão Daniel Krimberg von Muhlen, ao meu avô Wilson Davi Krimberg, e especialmente à minha avó, Gladis Russowsky Krimberg – principal inspiração, por sempre ter histórias para contar sobre a imigração judaica para o Brasil e Rio Grande do Sul; por ter uma biblioteca em casa sobre assuntos ligados a imigração judaica e ao judaísmo; e por sempre corrigir meus trabalhos durante o mestrado como professora de português e tradutora de inglês, além de ter sido diretora do Instituto Cultural Judaico Marc Chagall – por sempre estarem do meu lado.

Ao Colégio Israelita Brasileiro, colégio em que estudei e que me proporcionou o primeiro contato com um sobrevivente da Segunda Guerra Mundial, além de ter me introduzido a triste realidade que foi o Holocausto, quando iniciou minha inquietação sobre esse tema.

Aos sobreviventes que venceram a barreira de falar sobre suas experiências traumáticas de guerra, que sem sua colaboração essa pesquisa não teria sido possível.

Ao Instituto Cultural Judaico Marc Chagall, na pessoa da Ieda Gutfreind (além das assistentes Fátima e Monique) que apoiou a realização desta pesquisa e ajudou em todos sentidos na coleta do material e disponibilidade do mesmo; além de me proporcionar a escutar os sobreviventes no colégio Anne Frank - patrocinado pela B'nei B'hrit.

A Ana Maria Colling, pela contribuição na banca de qualificação do projeto da dissertação, além de prontamente responder e-mails com dúvidas, e sobretudo, ter se mostrado uma pessoa tão prestativa, com a qual pude aprender muito no pouco tempo que a conheço.

Aos colegas de mestrado, com os quais aprendi também, durante as aulas, ou nos corredores do pós-graduação.

Aos amigos que serviram de inspiração para realização do meu mestrado, como Catherine Bortolon, amiga e incentivadora, que já era bolsista de iniciação científica alguns semestres antes de eu decidir ser também.

Ao José Carlos de Carvalho Leite, com o qual aprendi bastante, além de ter me introduzido ao mundo da pesquisa, quando fui sua orientanda no trabalho de conclusão de curso, e prontamente me aceitou no seu grupo de pesquisa como bolsista de iniciação científica, e sempre apoiou a realização do meu mestrado.

Ao meu grupo de pesquisa, que tenho certeza que apesar de eu não o ter escolhido, ele me escolheu, pois aprendi demais sobre relações de gênero, e hoje me sinto feminista com muito orgulho, e com vontade de lutar pela igualdade de gênero e fim de violências decorrentes da desigualdade criada pela sociedade patriarcal. Sobretudo agradeço meus colegas do grupo de pesquisa, os que estão e os que já passaram, pois cada um foi e é muito especial no caminho de quase dois anos do mestrado.

À Ethel Kosminsky, por me inspirar com seus artigos a escrever sobre gênero e judaísmo, além de ter prontamente aceito escrever um capítulo para o livro da coleção de gênero organizado também por mim, e ter se mostrado uma pessoa muito atenciosa.

RESUMO

Esta dissertação está dividida em quatro estudos, dois de revisão de literatura e dois empíricos. A pesquisa teve como ponto de partida o estudo da imigração de sobreviventes da Segunda Guerra Mundial para o sul do Brasil, visto que a imigração impulsiona mudanças de atitudes e de identidade, entre outros aspectos, relacionados às relações de gênero. A parte inicial da pesquisa foi uma revisão de literatura para esclarecer conceitos de imigrante e refugiado, a imigração judaica no Brasil, focando no Rio Grande do Sul, e questões relacionadas à identidade étnica e cultural, assim como o processo de aculturação de uma maneira geral e como podemos aplicar esses conceitos aos imigrantes judeus. Também realizamos uma segunda revisão de literatura focando questões relativas às relações de gênero, através da investigação sobre o que as mulheres, judias e não judias, vivenciaram no Holocausto, com o objetivo de dar visibilidade às experiências enfrentadas por elas; que resultou na descoberta que muitas sofreram violência de gênero, tendo que se prostituir. Já os artigos empíricos se deram através de uma análise documental de entrevistas com imigrantes judeus sobreviventes arquivadas no Instituto Cultural Judaico Marc Chagall, em Porto Alegre, Brasil, seguida de uma análise de discurso dos documentos coletados. O primeiro artigo empírico investigou questões relacionadas à identidade étnica e cultural dos sobreviventes no processo de imigração; o segundo explorou especificamente experiências vividas pelos sobreviventes na Europa e no Brasil, relacionadas às relações de gênero. Como resultados verificou-se que os imigrantes passaram por uma aculturação em que suas identidades étnicas e de gênero se transformaram no processo de aculturação.

Palavras-Chaves: Sobreviventes, Segunda Guerra Mundial, cultura, gênero, identidade.

Área conforme classificação CNPq: 7.07.00.00-1 - Psicologia

Sub-área conforme classificação CNPq: 70705003 - Psicologia Social

ABSTRACT

This thesis is divided into four studies, two theoretical and two empirical. The research took as its starting point the study of immigration of survivors of World War II to the south of Brazil, seen that immigration drives changes in attitudes and identity, among other things, related to gender relations. The initial part of the research was a literature review to clarify concepts of immigrant and refugee Jewish immigration in Brazil, focusing on the Rio Grande do Sul, and issues related to ethnic and cultural identity, as well as the acculturation process in general and how we can apply these concepts to Jewish immigrants. We also conducted a second review of the literature focusing on issues of gender relations through research on women, Jewish and non-Jewish, lived in the Holocaust, in order to give visibility to the experiences faced by them, which resulted in the discovery that many suffered gender violence, having to prostitute themselves. Already the empirical articles were through a documentary analysis of interviews with Jewish immigrants survivors filed in Marc Chagall Jewish Cultural Institute in Porto Alegre, Brazil, followed by a discourse analysis of documents collected. The first article empirically investigated issues related to ethnic and cultural identity of the survivors in proceso immigration, the second specifically explored experiences of the survivors in Europe and Brazil, related to gender relations. As a result it was found that immigrants passed a acculturation in which their ethnic identities and gender became the proceso of acculturation.

Key-words: Survivors, Second World War, culture, gender, identity

Área conforme classificação CNPq: 7.07.00.00-1 - Psicologia

Sub-área conforme classificação CNPq: 70705003 – Psicologia social

SUMÁRIO

DEDICATÓRIA.....	3
AGRADECIMENTOS.....	4
RESUMO.....	6
ABSTRACT.....	7
SUMÁRIO.....	8
1-INTRODUÇÃO.....	9
2-ARTIGOS	
2.1- ARTIGO 1: VISIBILIZANDO O INVÍVEL: AS MULHERES E O HOLOCAUSTO.....	13
2.2-ARTIGO 2: A IMIGRAÇÃO DE SOBREVIVENTES DA SEGUNDA GUERRA MUNDIAL PARA O BRASIL: UMA REVISÃO DE LITERATURA.....	32
2.3-ARTIGO 3: BRANDS OF GENDER AND ACCULTURATION IN IMMIGRATION PROCESS OF SECOND WORLD WAR SURVIVORS IN SOUTHERN BRAZIL.....	56
2.4- ARTIGO 4: SOBREVIVENTES DA SEGUNDA GUERRA: GÊNERO E IMIGRAÇÃO... ..	79
3-CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	95
4-ANEXOS	
4.1-ANEXO 1: DIRETRIZES ARQUIVO MARAAVI.....	99
4.2-ANEXO 2: DIRETRIZES CADERNOS DE LÍNGUA E LITRERATURA HEBRAICA.....	102
4.3-ANEXO 3: PROCEEDING IACCP.....	105
ANEXO 4: INSTRUÇÕES REVISTA TEMPO SOCIAL.....	106
ANEXO 5: APROVAÇÃO COMITÊ CIENTÍFICO.....	112

1. INTRODUÇÃO

Esta dissertação faz parte dos pré-requisitos necessários para a obtenção do título de Mestre no programa de Pós-Graduação em Psicologia da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. E será apresentada conforme o modelo proposto pelo programa, o qual prescreve que a dissertação seja constituída sob a forma de, no mínimo, dois artigos, sendo dois de revisão de literatura e dois empíricos, somados a essa introdução geral do trabalho desenvolvido, bem como às considerações finais.

Meu caminho no início do mestrado foi inesperado, mas com final feliz. No mesmo dia em que soube que fui aprovada na seleção, soube que o professor que eu havia escolhido para me orientar deixaria a PUCRS. Isso implicaria em mudar completamente o tema da minha dissertação. Felizmente, a comissão coordenadora me designou para a Professora Marlene Neves Strey, com quem tive gratas surpresas. Uma dessas surpresas foi ser introduzida aos estudos de gênero, que eu não conhecia, e me identifiquei.

Outra feliz ironia do destino foi quando a Professora Marlene me disse, no primeiro dia de mestrado, dia 14 de março de 2011, que eu poderia pesquisar sobre o que quisesse dentro da psicologia social desde que eu pudesse incluir a categoria gênero nos meus objetivos e análise.

Inicialmente sabia que gostaria de estudar o processo de imigração, interesse desencadeado por duas experiências que tive como imigrante, dentro das quais vivenciei a aculturação em quatro culturas distintas (Sydney, Barcelona, Madrid e Porto Alegre), e dar um enfoque de gênero. Devido a este interesse realizei meu trabalho de conclusão de curso em Psicologia na PUCRS, no ano de 2010, juntamente ao grupo de pesquisa o qual fazia parte enquanto bolsista de iniciação científica PIBIC/CNPq, sobre Stress e Processo de Adaptação em Pessoas que mudam de país. A Professora Marlene concordou, e desde o primeiro momento estava motivada e entusiasmada, com a pesquisa, e a orientação.

Mas não bastava escolher a imigração como objeto de pesquisa, era preciso afinar, escolher uma imigração específica para estudar. Assim pensei na imigração com uma conotação social, e veio a ideia de pesquisar os refugiados, que eu já havia tido contato, em um estágio de Psicologia Intercultural que realizei durante a graduação. Marquei reunião com a responsável pelo Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados (ACNUR), em Porto Alegre.

Na ACNUR fui muito bem recebida, e tive o aval para fazer a pesquisa e entrar em contato com alguns dos colombianos, palestinos e haitianos refugiados recém chegados aqui. No entanto fui avisada de que eles eram uma população muito sensível para eu pesquisar, havendo o risco de não quererem me receber, pelos traumas que passaram. Poderiam até conversar comigo num primeiro momento, mas em um segundo momento poderiam não querer me receber por algum motivo, até mesmo por eu ser psicóloga, e as resistências que isso implica nas pessoas (ainda mais sabendo que seriam estudadas, e analisadas).

Levei para a orientação o que eu tinha conversado, e juntas, minha orientadora e eu, decidimos que seria um risco muito grande para correr durante o pouco tempo de mestrado, fazer um projeto sobre uma população, e depois ter que mudar e começar do zero outro projeto, caso algo desse errado.

No manual da ACNUR descobri que este comissariado foi criado na década de 50 para inicialmente reassentar refugiados europeus que ainda estavam sem lar como vítimas da Segunda Guerra Mundial. E tive a ideia de pesquisar os refugiados da Segunda Guerra, devido à minha origem judaica e, conseqüentemente o contato que desde sempre tive com esta temática. Além da constatação de que o enfoque dado pelos pesquisadores que estudam os sobreviventes da Segunda Guerra quase sempre é a experiência da guerra em si, o que é importante, no entanto a imigração, que teve uma conotação de experiência impactante para os sobreviventes, raramente é focada.

Mas junto com a ideia veio a resistência. Inicialmente tive muitas, e quem me encorajou foi a Professora Marlene, desde o início se interessou bastante pelo assunto. Diria que inicialmente foi ela quem ficou mais entusiasmada do que eu. Hoje me dou conta do porquê. Falar desta temática implicava em falar sobre minhas origens, olhar para mim, entrar em contato com algo tão delicado, que eu sempre resisti.

Depois de ter assistido palestras com sobreviventes - que me marcaram de maneira bastante intensa, no colégio Israelita Brasileiro, onde estudei, e desde o início do meu 1º grau até o final do 2º grau ter sido introduzida a temáticas do Holocausto e da Segunda Guerra - lembro de fotos dos cadáveres empilhados em um dos campos de concentração; ter também assistido palestra com um sobrevivente em Israel; além de ter visitado museus que homenageiam as vítimas da Segunda Guerra, como o *Yad Vashem* em Jerusalém, o Museu de Anne Frank em Amsterdã e o *Australian War Memorial*, em Canberra; cheguei a um ponto de

saturação que eu não queria mais ter contato com este tipo de museu, ou até mesmo livros e filmes da Segunda Guerra.

Lembro em Berlim, em 2009, quando fui ao monumento em homenagem às vítimas da Segunda Guerra, uma amiga que estava comigo quis descer para o museu, eu não quis. Também fui convidada por um amigo, quando morava na Espanha, a ir para Polônia, visitar *Awshwitz*. Pensei, pensei, pensei, mas não tive coragem. E não fui.

Venci minha resistência inicial e tomei a decisão de estudar os sobreviventes. O passo seguinte foi entrar em contato com a Presidente do Instituto Cultural Judaico Marc Chagall (ICJMC), Ieda Gutfreind, através da minha avó, Gladis Krimberg, que havia sido diretora do ICJMC. Ieda me recebeu em sua casa, e conversamos algumas horas para que eu pudesse mais uma vez, afunilar os objetivos do meu estudo. Ieda me indicou como inspiração o livro “*Hijos de la Shoah*” da argentina, filha de sobrevivente, Diana Wang. Realmente foi muito inspirador.

Escolhido estudar os sobreviventes da Segunda Guerra que vieram para Porto Alegre, fui ao ICJMC e descobri que existiam centenas de fichas de imigrantes, além de muitos sobreviventes que imigraram para cá. Mais uma vez era preciso “afunilar”. Junto com a Professora Marlene decidi que o critério para escolher os participantes da minha pesquisa seria os sobreviventes ainda vivos. Com a ajuda do ICJMC soube que havia quatro ou cinco sobreviventes ainda vivos em Porto Alegre: Uma senhora polonesa que imigrou para o Brasil no início da Segunda Guerra, um senhor holandês que foi entregue pela mãe para não judeus o esconderem, e dois senhores que estiveram em campos de concentração, um polonês e outro alemão.

Devido à idade avançada de tod@s, foi decidido que seria feito uma análise documental dos materiais existentes deles no ICJMC. Foi feito o levantamento do material arquivado, e curiosamente só havia entrevista realizada segundo o padrão do Marc Chagall de um dos sobreviventes, dos demais havia entrevistas gravadas em vídeo e uma autobiografia. Então o próprio Instituto se mostrou interessado em realizar entrevistas com os outros três sobreviventes.

Tivemos como problema de pesquisa a seguinte questão: A partir da imigração da Europa para o Brasil, como se deu o processo de aculturação dos imigrantes europeus e da imigrante européia sobreviventes da Segunda Guerra Mundial que vieram para o Brasil se instalando em Porto Alegre?

A partir de todos os documentos coletados, foi feita uma compilação dos materiais referentes a cada sobrevivente. A partir do estudo realizado, foram produzidos quatro artigos, dois de revisão de literatura assistemática, e dois empíricos. O primeiro artigo de revisão de literatura compreende questões referentes às questões de gênero, focando principalmente nas mulheres sobreviventes (ou não) do Holocausto. Já o segundo artigo de revisão de literatura aborda conceitos de imigrante, refugiado, contextualiza a imigração judaica no Brasil, a Segunda Guerra e o Holocausto. Um dos artigos empíricos buscou compreender como se deu o processo de aculturação dos imigrantes vindos da Europa para o Brasil, como sobreviventes da Segunda Guerra Mundial, focando o contexto cultural e étnico em que os e a sobrevivente estavam inseridos na Europa em comparação com o contexto cultural brasileiro. O outro artigo empírico analisou as diferenças e semelhanças nas relações de gênero vivenciadas pelos sobreviventes na Europa e no Brasil. Nos artigos empíricos utilizamos a análise de discurso de Rosalind Gill (2002).

A abordagem discursiva é importante, pois como ferramenta permite investigar questões invisibilizadas nas relações de gênero em diferentes culturas e sociedades. Tanto o primeiro quanto segundo artigo empírico buscam visibilizar duas questões ainda pouco estudadas no que diz respeito a sobreviventes da Segunda Guerra Mundial: o processo de imigração em um deles, e as mulheres, no outro.

Desta forma essa pesquisa pretende instigar a inclusão da categoria gênero tanto nos estudos migratórios quanto nos estudos que dizem respeito ao judaísmo, e principalmente à *Shoá*, trazendo à tona dados referentes às mulheres no Holocausto; e ao processo de aculturação dos sobreviventes que imigraram para Porto Alegre, antes e após a 2ª Guerra Mundial. Fazendo com que os aspectos referentes às imigrações dos sobreviventes sejam compreendidos, bem como dar visibilidade às mulheres nesses processos.

Referências

Gill, Rosalind (2002). Análise de discurso. In: BAUER, Martin W.; GASKELL, George (Ed.), Pesquisa Qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático. Petrópolis: Vozes.

VISIBILIZANDO O INVÍVEL: AS MULHERES E O HOLOCAUSTO
Giving visibility to the invisible: the women and the Holocaust

Bruna Krimberg von Muhlen*
Marlene Neves Strey**

RESUMO:

Este artigo é parte da dissertação de mestrado da primeira autora, sob a orientação da segunda autora, sobre sobreviventes da Segunda Guerra Mundial que emigraram da Europa para o Brasil, focando questões relativas à cultura, identidade e relações de gênero. Nesse texto focamos nas questões de gênero, através da investigação sobre o que as mulheres vivenciaram na *Shoah*, isto é, no Holocausto, com o objetivo de dar visibilidade às experiências enfrentadas por elas. Foi feita uma revisão da literatura, utilizando descritores relacionados às mulheres e ao holocausto.

ABSTRACT:

This article is part of the master thesis of the first author, by the supervision of the second author, about survivors of WWII who emigrated from Europe to Brazil, focusing on issues of culture, identity and gender relations. In this text we focus on gender issues through research about what women have experienced in the Shoah, ie the Holocaust, to provide visibility experiences faced by them. A review of the literature, using descriptors related to women and the holocaust.

PALAVRAS-CHAVE: Mulheres, holocausto, Segunda Guerra Mundial e gênero.

KEY-WORDS: Women, Holocaust, Second World War and gender.

* Psicóloga e mestranda na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul

** Psicóloga, doutora e professora na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul

Introdução

Neste artigo fazemos uma reflexão sobre vários aspectos que envolvem os sobreviventes da Segunda Guerra Mundial, e também os que não sobreviveram à perseguição nazista, focando nas mulheres. Refletir sobre um tema tão delicado como o Holocausto, em um primeiro momento nos deixa sem palavras. Talvez por que, como disse a argentina, filha de sobreviventes, Diana Wang (2007), não há palavras para denominar tal acontecimento; não existe explicação. E o pior, é que crimes contra a humanidade seguem acontecendo, tanto no que diz respeito à genocídios, como em Ruanda; campos de concentração, como na Coreia do Norte – em que cerca de 200 mil pessoas estão nesses campos de concentração atualmente (GUZZO e BORGES-TEIXEIRA, 2010; SANTOS, LUCENA e DRAKOULAKIS, 2010); tanto no que tange à discriminação e antissemitismo de alguns grupos de *skinheads*, que em Porto Alegre, em 2005, agrediram judeus no bairro cidade baixa, e apenas em 2010 foram julgados (RÁDIO GAÚCHA, 2010). Sobre o tema, em dezembro de 2011, a Assembleia Geral das Nações Unidas aprovou por consenso uma norma em que se apela aos governos mundiais que combatam todos os sinais de intolerância religiosa (IHU, 2011).

Inicialmente fizemos um levantamento dos filmes e museus sobre este tema, que evidenciam o desejo humano de tentar entender e refletir sobre o “inominável”, e não deixar que tal acontecimento seja apagado da memória. Alguns filmes são: O Diário de Anne Frank (1959), baseado em fatos reais sobre uma menina holandesa que vivia com seus pais e irmã escondidos num sótão, junto com mais uma família judia, inspirado no diário da menina, onde ela conta os perigos e privações do seu dia-a-dia durante a guerra; A lista de Schindler (1993), que conta a história de um industrial alemão que negociava com os nazistas a utilização de trabalhadores judeus em sua fábrica, poupando-os de serem levados para os campos de concentração; A Vida é Bela (1997), um filme italiano, sobre um pai com força extraordinária para salvar o filho da morte e da realidade da guerra; O Pianista (2002), sobre um judeu polonês, que interpretava peças clássicas na rádio, quando as primeiras bombas caíram sobre a Polônia; Os Falsários (2008), em que um brilhante falsificador judeu é preso e cooptado pelos nazistas para coordenar a fabricação de cédulas estrangeiras numa gráfica montada dentro de um campo de concentração, onde ele e o grupo tinham algumas 'mordomias', como comer; O Menino do Pijama Listrado (2008) sobre a amizade entre dois meninos de oito anos - – um judeu e outro não - que vivem separados por uma cerca eletrificada; e o recente filme, inspirado no livro de mesmo nome, A chave de Sarah (2011), sobre uma jornalista que descobre que o apartamento para o qual ela e o marido planejam se mudar na França pertenceu aos Starzynski, uma família judia imigrante que fora desapossada pelo governo francês da ocupação. A jornalista decide descobrir o destino dos ocupantes anteriores – e a história de Sarah, a única sobrevivente dos Starzynski, é revelada (REVISTA ÉPOCA, 2009; FILMOW, 2011).

Em relação a museus do Holocausto, listamos alguns pelo mundo: *Yad Vahem*, em Jerusalém, Israel; *United States Holocaust Memorial Museum*, em Washington, EUA; *Ravensbruck Women's Concentration Camp Memorial Museum*, em Furstenberg, na Alemanha; *Museo del Holocausto* de Buenos Aires, na Argentina; *Jewish Holocaust Museum and Research Center*, em Melbourne, na Austrália; *Mauthausen Concentration Camp Memorial*, na Áustria; *Kazerne Dossin: Memorial, Museum and Documentation Centre on Holocaust*, na Bélgica; *Montreal Holocaust Memorial Centre*, no Canadá; *Terezin Memorial*, na República Tcheca; *Memorial de la Shoah*, em Paris; *Budapest Holocaust Memorial Center*, na Hungria; *Holocaust Education Center*, no Japão; *Anne Frank House*, em Amsterdã, Holanda; *Auschwitz-Birkenau Memorial and Museum*, na Polônia; *Russian Holocaust Foundation*, em Moscou, Rússia; *Cape Town*

Holocaust Centre, na África do Sul; *Imperial War Museum Holocaust Resources*, em Londres (ISRAEL SCIENCE AND TECHNOLOGY DIRECTORY, 2010). E recentemente, no dia 20 de novembro de 2011 foi inaugurado o primeiro Museu do Holocausto do Brasil, em Curitiba, tendo como objetivo primordial o aspecto pedagógico, como disse Miguel Krigsner, presidente da Associação Casa de Cultura *Beit Yaacov*, administradora do museu, e descendente de judeus que sofreram perseguições durante a Segunda Guerra: "*Pretendemos não atacar qualquer etnia, não temos intuito político nem de propaganda; o que queremos é levar à reflexão o momento atual, em que a intolerância em relação ao diferente vem à tona. Precisamos saber o que é possível fazer com uma propaganda orientada, como o ódio é gerado com informações distorcidas*". Para o acervo a comunidade judaica paranaense levantou uma lista com 82 nomes de pessoas que sofreram algum tipo de perseguição entre 1933 e 1945. Desses, 15 ainda estão vivos. Deles vieram doações de documentos, fotos e certidões. Também foi importante a parceria com museus semelhantes pelo mundo, como o *Yad Vashem*, que doou um fragmento da *Torá*, o livro sagrado judaico (velho testamento), salvo na Noite dos Cristais, quando sinagogas foram queimadas em 9 de novembro de 1938 em toda a Alemanha e a Áustria. O museu é pequeno, estrangulado, um caminho tortuoso, e isso propositalmente, congruente com o sofrimento das vítimas. O museu mostra a história de vida das pessoas no pré-guerra, durante a perseguição e a resistência no domínio nazista, e o pós-guerra, com os campos de refugiados e rotas de imigração. Há também telefones em que se ouve a história dos chamados "justos", os não judeus que ajudaram a salvar judeus. (EXAME, 2011). Também existiram as "justas" como Aracy de Carvalho Tess, que trabalhou no consulado brasileiro em Hamburgo de 1936 a 1942, ajudando muitos judeus a deixarem a Alemanha (SCHPUN, 2011).

Em um segundo momento, refletir sobre as vítimas da Segunda Guerra Mundial, nos remeteu para o esclarecimento de alguns conceitos, como Holocausto da Segunda Guerra Mundial, devido à incongruência do significado com o emprego do termo; bem como a definição do termo *shoah*, mais propício para denominar tal tragédia. Também consideramos importante situar historicamente a Segunda Guerra Mundial, no Brasil e no mundo. Assim como a importância de jamais esquecer essa atrocidade para que nunca se repita, contextualizando o *Yom Hashoah*. Por fim, abordamos as questões de relações de gênero, focando nas mulheres do Holocausto.

1 – Método

Este artigo se originou de uma pesquisa de mestrado, que investigou como se deu o processo migratório de sobreviventes da Segunda Guerra Mundial, da Europa para o Brasil. A partir de documentos com depoimentos dos sobreviventes buscou-se investigar, entre outras coisas, questões relacionadas às relações de gênero, na Europa nazista e depois no Brasil. Na busca de informações referente a mulheres, artigos e livros que retratavam a questão específica de mulheres no holocausto foram encontrados. Assim, o presente texto é parte da dissertação de mestrado da primeira autora, sob orientação da segunda autora, em que se realizou uma revisão de literatura assistemática. Os seguintes descritores foram utilizados: Mulheres, holocausto, sobreviventes, Segunda Guerra Mundial, gênero. Tais descritores foram buscados no título, ou/e no resumo, ou/e no texto. Os critérios de inclusão para seleção de artigos relevantes foram abordar uma das seguintes temáticas:

- (a) A questão das mulheres na Segunda Guerra Mundial;
- (b) O tema do holocausto relacionado à gênero.

2-Resultados

2.1-Contextualizando: A Segunda Guerra Mundial e a perseguição aos judeus

Inicia a Segunda Guerra Mundial em 1939 com a invasão da Alemanha à Polônia. De um lado os Aliados (União Soviética, Estados Unidos, Inglaterra, China, Polônia, França e o Brasil) e do outro o Eixo (Alemanha, Itália e Japão). Os países que não se envolveram inicialmente acabaram aderindo ao conflito em resposta a eventos como a Invasão da União Soviética pelos alemães e os ataques japoneses contra as forças dos Estados Unidos no Pacífico em Pearl Harbor, que resultou em declarações de guerra contra o Japão pelos EUA (OLIVEIRA, SANTOS, BARREIRA, LOPES, FILHO, e AMORIM, 2009).

Na era Vargas, no Brasil, várias pessoas do governo nutriam admiração pelos nazistas. O Estado Novo manteve uma política de apoio aos Estados Unidos, por uma mera questão de benefícios econômicos, rompendo relações diplomáticas com o Eixo. Isto fez com que o Brasil se tornasse alvo de torpedos de Hitler, em 1942, quando diante de uma reação popular a favor da guerra, a partir dos ataques nazifascistas a navios mercantes brasileiros na costa nordestina (que mataram 975 pessoas, além de numerosa perda de material), o Brasil declarou guerra à Alemanha e à Itália (VIDAL, 2002; SANDER, 2007). Com isto, mais de 200 mil brasileiros foram mobilizados, para realizar defesa interna e também lutar contra o nazismo na Europa. Mas, devido a dificuldades materiais somente 25.443 homens embarcaram para o combate. Durante nove meses, entre 1944 e 1945, as tropas brasileiras lutaram ao lado das tropas norte-americanas, saindo vitoriosas (FERRAZ, 2010).

Marcado por um número significativo de ataques contra civis, incluindo o Holocausto, violência sexual, e a única vez em que armas nucleares foram utilizadas em combate, foi o conflito mais letal da história da humanidade, com mais de setenta milhões de mortos. A guerra terminou com a vitória dos Aliados em 1945. Hitler permaneceu popular até ao fim do seu regime com a ajuda de seu chefe de propaganda, Joseph Goebbels, o qual conseguiu convencer a maioria dos alemães de que Hitler era o salvador da Depressão, dos Comunistas, do tratado de Versalhes, e dos semitas (PRACANA, 2002).

A Segunda Guerra Mundial foi global, envolveu todos os estados independentes do mundo, voluntariamente ou não. O mundo assistiu à expulsão compulsória e ao morticínio em escala astronômica; fenômeno tão incomum que novas palavras tiveram de ser inventadas, como apátrida e genocídio (TELLES, 2011).

2.2-Holocausto, ou melhor, *Shoah*

Muitos holocaustos existiram na história da humanidade e seguem existindo na contemporaneidade. Como o de minorias no Camboja, os curdos mortos no Iraque, as mortes na antiga Iugoslávia, e o grupo étnico dos *hutus* que foram perseguidos e assassinados pela etnia *tutsis* na Ruanda (GUZZO e BORGES-TEIXEIRA, 2010; SOUZA, 2010). No entanto, o Holocausto da Segunda Guerra Mundial é considerado por muitos o maior crime contra a humanidade. Na abertura do Tribunal Internacional

de Nürenberg, em 1945, Robert Houghwout Jackson, então promotor chefe dos Estados Unidos, pronunciou que *“Nunca a História registrou um crime perpetrado contra tantas vítimas ou executado com tanta calculada crueldade”* (Neto, Cardoso, Riccio, e Sakata, 2008). Aproximadamente seis milhões de judeus foram exterminados pelos nazistas (REIS e SCHUCMAN, 2010) entre outras minorias que também foram vítimas. E ainda hoje deixou marcas nos poucos sobreviventes, nos filhos dos sobreviventes e no próprio povo judeu.

O Holocausto da Segunda Guerra é considerado o pior dos crimes contra a humanidade, também por que, ao comparar o holocausto da Ruanda com o ocorrido na Segunda Guerra Mundial, estima-se que entre 250 e 500 mil mulheres tenham sido violentadas sexualmente no conflito em Ruanda. Este número assusta, mas infelizmente, um número muito maior de mulheres foi violentada no Holocausto ocorrido na Segunda Guerra Mundial: cerca de 2 milhões de mulheres foram estupradas na Alemanha nazista, e outras centenas de mulheres possivelmente foram submetidas a escravidão sexual na Ásia (SAIDEL, citada por SORG, 2011b).

Os nazistas estavam certos de que ninguém acreditaria que seres humanos seriam capazes de cometer tamanhas atrocidades, era a *“inimagibilidade”* do Holocausto, sua inverossimilhança. Assim, em 1939 os nazistas começaram a caça aos judeus, aos ciganos, aos homossexuais, às Testemunhas de Jeová, aos deficientes físicos e aos doentes mentais utilizando-se de uma cruel metodologia nunca antes registrada na História. Apostavam na descrença dos povos quando tomassem consciência do que estava acontecendo (crimes em massa). (SANTANA, 2008).

Os nazistas inicialmente executavam os judeus através de uma espécie de fuzilamento coletivo, em que as vítimas recebiam pás para cavar suas próprias valas, onde eram mortas e enterradas. Ironicamente, desencadeado pelo fato de que isso causava muito impacto psíquico para os soldados alemães, Hitler criou os campos de concentração. O primeiro campo de concentração foi o de Dachau, perto de Munique, criado em 1933; foi um modelo para os outros (SILVA, 2008). Quando chegavam aos campos, os prisioneiros judeus eram divididos em dois grupos: os considerados muito fracos para trabalhar eram imediatamente assassinados em câmaras de gás (disfarçadas com chuveiros) e seus corpos eram queimados, enquanto os outros eram mandados a campos de trabalho forçado onde trabalhavam como escravos, e depois eram mortos pelos nazistas ou pela fome (FINKELSTEIN, 2001).

Importante destacar que Holocausto é um termo de origem grega que remete ao sacrifício total, onde a própria vítima se colocava como oferenda ou um animal era entregue a uma fogueira para purificar pecados de um grupo (LEWGOY, 2010). No dicionário Aurélio (FERREIRA, 1994), o primeiro significado para Holocausto é: *“Sacrifício, entre os antigos hebreus, em que se queimavam inteiramente os animais”*. No entanto esta palavra aplicada ao ocorrido na Segunda Guerra com o povo judeu pode ser considerada uma ofensa, pois indica que eles mesmos teriam se entregue voluntariamente aos nazistas para *“purificar seus pecados”*. Já em hebraico, o termo *shoah* significa devastação, arrasamento, discordando dessa aceção absurda de que judeus foram supostamente culpados de seu próprio assassinato, como se o sacrifício tivesse um significado religioso de expiação coletiva. No entanto mesmo este segundo termo remete a um fenômeno natural e não um acontecimento realizado por seres humanos, não sendo completamente apropriado. Talvez nunca se encontre uma palavra adequada. Isso, para Wang (2007) poderia ser positivo, pois se acontecimentos assim não se repetissem, uma palavra nesse sentido poderia deixar de ser necessária.

2.3-Yom Hashoah: Para nunca esquecer

Diana (WANG, 2007), filha de sobreviventes poloneses da Segunda Guerra que imigraram para Buenos Aires em 1947, relata em seu livro que décadas depois de estarem vivendo na Argentina, quando houve o atentado à Associação Mutual Israelita Argentina (AMIA), em 1994, onde muitos morreram e outros vários se feriram, sua mãe ligou para ela desesperada pedindo desculpas por tê-la trazido para a Argentina acreditando que mais uma vez queriam matá-las. A questão do medo contínuo de perseguição por quem já vivenciou esta experiência traumática mesmo em países tão distantes da Europa nazista, como Argentina e Brasil, e tanto tempo após a imigração, mostra, além do quão presente ainda está o tema do Holocausto, o quão fortes são as marcas da *Shoah*/Holocausto para quem o vivenciou. E como atualmente os sobreviventes são poucos e é a única prova viva que a *Shoah*/Holocausto existiu, mas que não vão viver para sempre, foi criado o *Yom Hashoah*.

Em consideração às vítimas da *Shoah* – inclusive os poucos sobreviventes ainda vivos - e ao temor que as pessoas marcadas por esse acontecimento têm que se repita, foi criado o dia do Holocausto (*Yom Hashoah* em hebraico) – como um reconhecimento da *Shoah* como uma tragédia de significado universal, que passa pela consideração da dimensão judaica como vítima do extermínio nazista. Pelo mesmo motivo também são criados museus e memoriais do Holocausto ao redor do mundo, como por exemplo, o memorial da *Shoah*/Holocausto em Berlim - como um grande cemitério, com muitos blocos de concreto de diferentes tamanhos - numa área central, onde também há um museu. Segundo Lewgoy (2010, pg.54) “esses reconhecimentos também são uma tentativa de saldar uma dívida histórica, tentando agir de forma terapêutica para lembrar os crimes dos nazistas, reconhecendo o componente judaico da história da Alemanha e possibilitando que a lembrança preventiva favoreça a reconciliação do passado”, como o fato de que o governo alemão paga um valor mensal aos perseguidos de guerra, chamado de *Wiedergutmachung*, que significa reparação e compensação, como tentativa simbólica de saldar essa dívida.

Sobre o *Yom Hashoah*, Saidel, em entrevista a Sorg (2011b) considera a data escolhida pela Organização das Nações Unidas (ONU) para lembrar o sofrimento das vítimas do Holocausto – 27 de janeiro - como um momento importante de aprendizado, pois hoje em dia temos novos genocídios no mundo, como o ocorrido em Ruanda, e ela considera importante não esquecer das histórias e lições do passado para que essas coisas não voltem a acontecer nem hoje nem no futuro.

Assim o dever da memória é uma premissa presente nos estudos testemunhais, e a ideia central é preservar a memória do que ocorreu, visando evitar futuras manifestações de desrespeito aos direitos humanos. Interessante perceber que uma memória em si não é boa nem ruim, isto é, depende da finalidade. Segundo Ferreira (2006), se for para lembrar visando evitar que se repita é bom; já se for para justificar revanches, não. Tais memórias, mais do que possibilitar compreender o passado, influenciam no presente.

Recentemente foi criada a Marcha pela Vida, que é uma organização não-governamental, sem fins lucrativos e independente, comprometida em manter acesa a chama da memória das vítimas do

extermínio nazista. Promovem atividades para combater o antissemitismo e preconceitos à etnia judaica. Também realiza em *Yom Hashoah*, anualmente, uma marcha pela vida, que reúne cerca de 10.000 pessoas do mundo inteiro que perfazem o caminho entre os Campos de Concentração de Auschwitz e Birkenau, na mesma trilha da marcha da morte feita pelos judeus e judias prisioneiros (as) do Regime nazista (BRASIL, 2008).

2.4- As mulheres nos campos de concentração

O Holocausto nazista condenava à morte todos os judeus, homens e mulheres, adultos e crianças sem distinção. Nem as mulheres nem as crianças eram poupadas do assassinato em massa. A ideologia nazista pregava o extermínio completo dos judeus, independente de idade ou sexo. O exército nazista (SS) e os agentes policiais, como a Gestapo (polícia secreta) executaram a política do extermínio sob o código "Solução Final" e, em centenas de localidades do território soviético ocupado, homens e mulheres foram massacrados brutalmente durante as operações de fuzilamento em massa (MALERBA, 2010).

O regime nazista frequentemente submetia as mulheres a violentas perseguições que, na maioria das vezes, estavam estritamente relacionadas ao sexo das vítimas. A ideologia nazista também destinou seu ódio a mulheres não judias, as quais eram também exterminadas em massa no campo de concentração de *Auschwitz*, como as mulheres ciganas, as portadoras de deficiências físicas e mentais, e também massacraram as que acusavam de serem *partisans* (isto é, as que faziam parte de grupos de resistência ao nazismo) em muitas aldeias soviéticas entre 1943-1944; fazendo com que essas mulheres ficassem tão vulneráveis quanto às judias. As mulheres judias e ciganas eram também usadas sadicamente pelos "médicos" e pesquisadores alemães como cobaias em experimentos de esterilização, e outras "pesquisas" antiéticas (BURDS, 2009; SILVA, 2010). Ou seja, a discriminação ia além de etnia, raça, classe social e orientação sexual, é preciso levar em consideração também a categoria de gênero (MUHLEN, DEWES e STREY, 2011).

Nos guetos, as judias grávidas tentavam esconder a gravidez para não serem forçadas a abortar. Nos campos, mulheres grávidas e mães com crianças de colo eram sistematicamente classificadas como "incapacitadas para o trabalho", sendo imediatamente enviadas para os campos de extermínio, onde os oficiais geralmente as incluíam nas primeiras fileiras de prisioneiros a serem enviados para as câmaras de gás, já que além de não poder trabalhar, "ainda dariam a luz a um outro judeu", relata Saidel, em entrevista à Sor (2011b).

As judias ortodoxas, acompanhadas por crianças, eram facilmente reconhecidas devido às suas roupas, o que as tornava especialmente vulneráveis. Em nome do recato, as ortodoxas usam roupas que cobrem os joelhos, os cotovelos e o colo. Elas também eram as principais vítimas de atos de sadismo durante os massacres. O grande número de filhos nas famílias ortodoxas também transformava as mulheres destas famílias em alvos especiais dos nazistas (BARLACH e PEZO, 2009).

Nos guetos e campos de concentração as autoridades alemãs colocavam as mulheres para trabalhar sob condições em que frequentemente morriam enquanto executavam suas tarefas. Como se não bastasse, as mulheres deportadas da Polônia e da União Soviética para fazerem trabalhos forçados eram sistematicamente espancadas, estupradas, ou forçadas a manter relações sexuais com alemães em troca de comida e outras coisas. Muitas vezes, as relações sexuais forçadas entre as trabalhadoras escravas e homens alemães resultavam em gravidez, as mães eram forçadas a abortar, ou eram enviadas para darem à luz em maternidades improvisadas, onde as péssimas condições de higiene garantiriam a morte do recém-nascido. Outras eram expulsas para suas regiões de origem sem nenhuma comida, roupa, ou cuidados médicos (MENDA, 2007, BAER e GOLDENBERG, 2003).

O conceito de Raça, em 1943, segundo Vallois (citado por WITTNEY, 2011) era definido como uma população natural definida por características físicas herdadas e comum a todos. E para Langasey (citado por WITTNEY, 2011), raça é a propriedade dos que consideramos diferentes; assim a reação ao outro que provoca uma atitude agressiva, não depende do critério pelo qual foi estabelecida a diferença, pois há um mal estar, um medo do outro ou então, a ganância do que o outro tem e não possuímos. Há quem defenda que isso possivelmente provocava inveja dos nazistas em relação a tantos judeus competentes e “gênios” como Freud, Einstein, entre tantos outros. Tal conceito foi eliminado pela ciência moderna, infelizmente, só em 1948, após ter acontecido o Holocausto, quando a Declaração Universal dos Direitos Humanos disse: “*Toda pessoa tem capacidade para gozar os direitos e as liberdades estabelecidos nesta declaração, sem distinção de qualquer espécie, seja de raça, cor, sexo, língua, religião, opinião política ou de outra natureza, origem nacional ou social, riqueza, nascimento ou qualquer outra condição*” (WITTNEY, 2011, p.137). Com a inserção do gênero na declaração dos direitos humanos, na Conferência Internacional em Viena, em 1948, a categoria gênero passou a ser percebida como “legitimação institucional”, corroborando gênero como conceito analítico para trabalhar as desigualdades (SIQUEIRA, FONSECA, ASSIS e ESCALDA, 2011).

As desigualdades de gênero dão origem à violência de gênero, podendo levar a violência contra a mulher (MENEHHEL e MARTINI VIAL, 2008). As mulheres são vítimas de um sistema social que subordina o sexo feminino, e os homens utilizam a violência como forma de controle da mulher (SAGOT, 2000). A violência contra a mulher corresponde a qualquer ato ou omissão de discriminação, agressão ou coerção que cause dano, morte, constrangimento, sofrimento, ocasionado pelo fato da vítima ser mulher (NARVAZ e KOLLER, 2006). A violência pode estar contemplada nas mais diversas situações, como: violência física, sexual, psicológica; estupro; abuso sexual; assédio sexual; violência étnica e racial; violência realizada pelo estado por ação ou omissão; mutilação genital; assassinatos; estupro em massa nas guerras e conflitos armados (OEA, 1996).

Sobre as relações sexuais forçadas na Europa nazista, como violação dos direitos humanos, as pesquisadoras Sonja Hedgepeth, professora de alemão da Universidade do Tennessee, e Rochelle Saidel, americana, do Núcleo de Estudos da Mulher e Relações Sociais de Gênero da Universidade de São Paulo, organizaram o livro *Sexual violence against Jewish women during the Holocaust* (Violência sexual contra mulheres judias durante o Holocausto, 2010). O livro foi resultado de uma pesquisa que buscou entender como mulheres tiveram experiências diferentes das dos homens no Holocausto. Quando começaram a pesquisar mulheres no Holocausto não imaginavam encontrar questões sobre violência sexual. No entanto descobriram que ninguém havia perguntado para as mulheres

sobreviventes se elas haviam passado por isso, e quando elas foram questionadas, falavam que havia acontecido com uma amiga, mas não com elas, em uma postura de submissão e culpa pela situação de violência (APAV, 2010).

No livro, Hedgepeth e Saidel (2010), contam que as mulheres judias sofreram violência não só nos campos de concentração, mas também nos esconderijos. Nos guetos, por exemplo, havia os conselhos judeus, que estavam nas mãos dos nazistas, mas eram responsáveis por organizar a vida diária. E os nazistas às vezes diziam ao conselho que se não dessem certa quantidade de mulheres jovens para seu prazer, iriam deixar de apoiar toda a população, assim o conselho tinha que decidir se mandava mulheres aos nazistas ou se todos morreriam. E eles enviavam as mulheres. Outro exemplo do que acontecia era que alguns não-judeus que escondiam judeus, ironicamente violentavam sexualmente as mulheres que diziam proteger. Uma das vítimas que as pesquisadoras entrevistaram contou que estava na casa de um homem e ele insistiu para que ela fosse até a cama dele. Ela era adolescente e pensou que estava salvando a irmã mais nova de sofrer o mesmo tipo de abuso. Diante do abuso, muitas mulheres convivem com o isolamento social e o silêncio, impostos por mecanismos psicológicos de defesa, contra o sentimento de impotência frente à violência (DALCIN e SOUZA, 2011).

Além do silêncio, pouco ainda se sabe sobre as mulheres vítimas do Holocausto por várias razões. Segundo Saidel, em entrevista a Sorg (2011a) a principal é que a maioria foi assassinada. Havia uma lei na Alemanha nazista que proibia as relações sexuais entre alemães arianos e judeus; então quando soldados da SS estupravam uma judia, eles a matavam para evitar problemas. Outra razão, segundo a pesquisadora pode ser por que as que sobreviveram tinham um sentimento muito grande de vergonha e não falavam sobre o assunto, achavam que isso impediria que se casassem, não queriam que seus maridos soubessem. Além disso, outro fator que acentuava a vergonha das mulheres violentadas e as impediam de falar sobre o assunto era que muitos soldados alemães usavam seu poder para dar às prisioneiras algo que lhes garantisse a sobrevivência; isto é, elas trocavam sexo por um pedaço de pão, por exemplo, o que não deixa de ser considerado um estupro. Outro motivo pode ser por que muitos pesquisadores do Holocausto são homens, e ver que as mulheres eram violentadas, implicava admitir que os homens não conseguiram protegê-las, papel atribuído ao masculino pela sociedade, já que mulheres são consideradas “frágeis”. Alguns estudiosos também diziam que retratar o sofrimento das mulheres tirava de foco de que o Holocausto era o extermínio de judeus, ainda segundo a pesquisadora entrevistada. Além de uma maneira geral, as mulheres foram banidas da História, disciplina que influenciou todas as outras durante muito tempo. As mulheres não são mencionadas nos feitos das guerras narradas pelos homens (TELLES, 2011). Assim percebe-se também que muitas mulheres sobreviventes começaram a relatar suas experiências após décadas do fim da guerra, como o caso da sobrevivente “Ruth” que retrata sua experiência para o pesquisador Michael Pollak (2010), em que o silêncio foi comparado de maneira equivocada com o esquecimento.

A violência sexual, segundo Saidel (2010), não tem a ver com desejo sexual, mas com poder. Saidel, em entrevista para Sorg (2011a) diz que violência sexual é um ato de poder, uma arma de guerra; o estupro acontece em todos os conflitos, desde sempre, mas a maior diferença é que na Alemanha nazista, a lei considerava o estupro ilegal.

Em relação a violência sexual entre não-judeus nos campos de concentração, Robert Sommer escreveu um capítulo no livro organizado por Hedgepeth e Saidel (2010), intitulado *“Sexual Exploitation of Women in Nazi Concentration Camp Brothels”*, e também escreveu o livro *“Das KZ. Bordell”* (Bordéis em campos de concentração, de 2009). Ele pesquisou durante nove anos arquivos escondidos sobre os prostíbulos instalados para atender a prisioneiros nos campos de concentração nazistas. Nesse período, constatou que pelo menos 210 mulheres foram forçadas a se prostituir em vários campos. Segundo Sommer, em entrevista a Graupner (2009) foi difícil vencer a resistência de sobreviventes para reconstituir uma história que ainda é um tabu até para os pesquisadores. O historiador fala que ao ouvir sobre a existência de um bordel para prisioneiros no campo de concentração de *Buchenwald*, não acreditou que prisioneiros do campo que estavam morrendo de fome ou deveriam ser mortos eram autorizados a visitar um bordel. Durante sua pesquisa visitou alguns museus do Holocausto na Alemanha, como *Dachau* e *Buchenwald*, e entrevistou 30 sobreviventes. Diz que foi muito tarde, pois, em 2000, poucos estavam vivos e a maioria com mais de 80 anos. Diz que só encontrou uma mulher viva que havia trabalhado de prostituta, mas ela não quis falar “com um alemão”. Um jornalista polonês tentou entrevistá-la, mas ela disse não se lembrar de nada de *Auschwitz* (SOMMER, 2009, citado por ARAÚJO, 2011a).

Sommer (2009, citado por ARAÚJO, 2011b) descobriu que, ao contrário dos prostíbulos que serviam aos soldados nazistas, nas casas destinadas aos presos não havia judias — e nem prisioneiros judeus poderiam usar o sexo pago. Dentre as mulheres obrigadas a ir para os bordéis, a maioria (71%) havia sido considerada “perturbadora da ordem pública”. O restante se dividia entre prisioneiras de guerra e criminosas. Jovens alemãs e polonesas presas por causarem “desordem social” se estendiam lado a lado diante dos olhos atentos dos soldados da SS. Dessa fila saíam as próximas trabalhadoras dos bordéis destinados a atender prisioneiros em campos de concentração entre os anos de 1941 e 1945.

Já os frequentadores dos bordéis eram divididos em três classes (no topo estavam os comandantes) das diferentes frentes de trabalhos, cozinheiros, barbeiros e funcionários dos correios; na sequência, vinha a grande massa trabalhadora das plantações e das fábricas; e na última classe estavam os trabalhadores forçados pela SS a frequentar o bordel “para aumentar a produtividade” — mesmo que não quisessem ir. Há relatos de homossexuais obrigados a manter relações com prostitutas durante experimentos para que fossem “curados”. Após as experiências frustradas, os nazistas decidiam infringir terror ainda maior aos gays. “Diante da impossibilidade de curar os homossexuais, foi necessário castrá-los para privá-los, daí em diante, de qualquer prazer”, relata o pesquisador ítalo-argentino Daniel Borrillo em seu livro *Homofobia – História Crítica de um Preconceito* (SOMMER, 2009, citado por ARAÚJO, 2011b).

A ideia do líder da SS e arquiteto do Holocausto, Heinrich Himmler, era usar a prostituição como estímulo para o trabalho dentro do campo de concentração. As visitas eram permitidas para aqueles que se destacassem e os ‘melhores trabalhadores’ tornavam-se então exploradores sexuais das mulheres obrigadas a se prostituir, segundo Sommer (2009, citado por ARAÚJO, 2011b). Ou seja, as mulheres nos campos de concentração eram obrigadas a se submeter a situações de violência.

Ainda a partir da pesquisa de Sommer, as mulheres acordavam às 7h30, tomavam banho e se vestiam. Durante o dia, se ocupavam de cuidar da casa e deixar os quartos limpos. À noite, logo após os homens voltarem do trabalho, “atendiam” por duas horas. Para frequentar o estabelecimento era

necessário pagar com cupons que os prisioneiros recebiam como gratificação eventual por seu trabalho. O direito de usar uma mulher para ter sexo custava dois *Reichsmark* (moeda da Alemanha entre 1928 e 1948), sendo que apenas um quarto disso ia para a mulher. Era mais barato que um maço de cigarros (3 *Reichsmark*). Antes de entrar, passavam por uma consulta médica e tomavam uma injeção com contraceptivo (SOMMER, 2009, em entrevista a ARAÚJO, 2011b). Um dos depoimentos do livro de Sommer é da prisioneira Magdalena, que relata: “*Todas as noites, tínhamos de deixar os homens ficarem em cima de nós por duas horas. Eles vinham para o bordel, mas antes tinham que ir para a sala médica, para obter uma injeção. Depois, pegavam um número, aí poderiam fazer suas coisas no quarto, em cima, depois para baixo, para fora. Voltavam para a sala dos médicos, onde mais uma vez recebiam uma injeção. Logo depois vinha o próximo. Sem parar. Eles não tinham mais que 15 minutos para gastar conosco.*” (2009, citado por ARAÚJO, 2011b). Situações como essas, penetram os espaços (corporal, pessoal e cognitivo) da mulher, afetando sua integridade psicológica (BURLAE, 2004).

Havia campos de concentração destinados somente às mulheres, e outros que tinham dentro das suas instalações áreas designadas apenas para elas. Em maio de 1939, a SS inaugurou o maior campo de concentração nazista para aprisionamento de mulheres, o campo de *Ravensbrück*. Até a libertação deste campo pelas tropas soviéticas, em 1945, estima-se que mais de 132.000 mulheres passaram por lá (SAIDEL, 2004). Em 1942, as autoridades da SS construíram um complexo no campo de concentração de *Auschwitz-Birkenau* (também conhecido como *Auschwitz II*) destinado a servir como campo de prisioneiras, e entre as primeiras delas estavam as que a SS havia transferido de *Ravensbrück* (JACOBS, 2008). Em *Bergen-Belsen*, no ano de 1944, as autoridades do campo construíram uma extensão feminina e, durante o último ano da Segunda Guerra Mundial, a SS transferiu de *Ravensbrück* e *Auschwitz* para lá milhares de prisioneiras judias (ROBINSON, RAPAPORT-BAR-SEVER e METZER, 1994).

Saidel (2004) também é autora do livro “*The Jewish Women of Ravensbrück Concentration Camp*” (As judias do campo de concentração de *Ravensbrück*), sobre prisioneiras que passaram pelo campo de *Ravensbrück*. Nesse livro a pesquisadora conta que os nazistas criaram o campo de concentração de *Ravensbrück* para aprisionar mulheres, e recebeu as primeiras prisioneiras na primavera de 1939. Apesar de não ser criado especificamente para mulheres judias, elas estavam sempre entre a população do campo nos seis anos de existência. Mais de 132 mil mulheres e crianças foram encarceradas nesse campo, 20% eram judias. As outras eram prisioneiras políticas - que incluía as que ajudavam judeus, as que participavam de grupos de resistência, membros do exército soviético, e um número pequeno de mulheres (uma delas judia) mantidas como reféns, pois tinham parentes “poderosos”; além de testemunhas de Jeová; criminosas – no entendimento dos nazistas, quem, além de matar ou roubar, desrespeitava as leis impostas pelos próprios; e as denominadas “associais”- categoria que incluía lésbicas e ciganas. Cada categoria de prisioneira tinha uma cor de triângulo no uniforme: vermelho para as presas políticas; roxo para testemunhas de Jeová; preto para as associais; verde para criminosas; e amarelo para judias. Se uma mulher era, por exemplo, judia e lésbica usava duas cores de triângulo organizadas como uma estrela de David. As judias eram sempre separadas nas listas do campo devido à sua “raça”. Quando o campo foi inaugurado, foi visto como modelo para mulheres prisioneiras políticas (SAIDEL, 2009).

O campo de *Ravensbrück* estava localizado a 80 km de Berlim, perto da cidade de *Fürstenberg* (hoje é um memorial oficial do estado de *Brandenburg*). Depois que começou a guerra, transportes chegavam todos os dias de países ocupados pelos nazistas. Em 1940, apenas um ano após a abertura do campo, o

número de pessoas já tinha atingido a capacidade máxima de três mil mulheres. Em 1941 tinha cinco mil mulheres, e em abril de 1942 cerca de 6400 prisioneiras. Em meados de 1942 o campo já havia sido aumentado várias vezes, através da mão de obra das mulheres presas. Entre maio de 1939 e junho de 1944, 43 mil mulheres foram levadas para *Ravensbrück*, deteriorando cada vez mais as condições do campo. As mulheres judias eram as escolhidas para os trabalhos mais pesados, recebendo menos privilégios, as outras prisioneiras podiam até receber cartas (SAIDEL, 2009).

Em 1942, 1500 mulheres, incluindo de 700 a 800 judias foram mandadas de *Ravensbrück* para *Bernberg*, e mortas em câmaras de gás. Também no mesmo ano cerca de 1522 judias foram enviadas a *Auschwitz*. Tais ações eram parte do comando de *Himmler* que queria o território do campo livre de judeus. No entanto meses depois mais judeus chegaram ao campo, em 1943 chegaram cerca de 10 mil prisioneiras, e em 1944 mais de 70 mil mulheres foram registradas (judias e não judias). Barracas construídas para 250 mulheres abrigavam até duas mil mulheres. Algumas dividiam a cama com mais duas, outras tinham que deitar sem nem mesmo um cobertor. A comida era racionada e cada vez em menor quantidade. Quando mais mulheres chegaram da Hungria em 1944, não havia lugar para elas, que deitavam nas suas próprias sujeiras, no chão frio e morriam em massa. Muitas chegavam ao campo nos caóticos últimos meses e não eram nem contadas. Mais de três mil mulheres foram deixadas sem água, comida, e cobertores, quando *Auschwitz* foi evacuada, com a aproximação do fim da guerra (SAIDEL, 2009).

Em relação a vida dessas mulheres nesse campo, confinamento e tortura eram rotina. Mesmo não sendo classificado como campo de extermínio, as mulheres morriam de fome, doenças, por trabalhar demais, por tiros, envenenamento, experimentos médicos, injeções letais, mordidas deliberadas de cachorros, tortura e espancamentos. Algumas eram mandadas para instalações de eutanásia para morrerem gaseificadas. Nenhuma mulher judia que esteve no campo durante os primeiros três anos (1939 a 1941) sobreviveu. Pouco antes do fim da guerra passaram a funcionar câmaras de gás também em *Ravensbrück* (SAIDEL, 2009).

Além de encarceradas, as mulheres eram obrigadas a trabalhar como escravas e faziam trabalhos mais leves como reparos de roupas, até trabalhos mais pesados, semelhantes aos realizados pelos homens, carregando peso e trabalhando como mão-de-obra em fábricas da época. Segundo Saidel (2009), o trabalho era o mesmo, mas a mulher tem um músculo mais fraco, é um fator biológico e elas precisavam fazer o mesmo trabalho. Era mais difícil para elas porque elas faziam construções, carregavam madeira, árvores. Eram coisas muito pesadas. No entanto, o sofrimento ia além do trabalho forçado, afinal ir para um campo de concentração significava, na maioria das vezes, morrer e se separar dos filhos, que também eram assassinados, segundo a pesquisadora, quando uma família chegava, tinha uma separação. Geralmente a mãe ia para a câmara de gás com as crianças e o pai ficava no trabalho forçado (SAIDEL 2009). Tanto a questão de a mulher trabalhar, quanto a questão de se separar dos filhos, ia contra o que era esperado socialmente das mulheres, principalmente para aquela época.

As mulheres judias em *Ravensbrück* tentavam reduzir seu sofrimento psicológico dividindo pequenos presentes feitos a mão, além de poemas, dramatizações, e receitas entre elas. Essa autora diz que criar livros de receitas era uma forma de resistência única das mulheres, pois permitia que elas usassem suas habilidades “domésticas” de cozinhar, em palavras, lembrando tempos melhores em casa, e

das famílias que perderam durante o Holocausto. Frequentemente as receitas eram compartilhadas oralmente, mas algumas vezes as mulheres podiam escrever. Pelo menos dois livros de receitas foram compilados pelas sobreviventes (SAIDEL, 2004). Mesmo em tempos de guerra, as mulheres tendiam a se envolver em atividades consideradas femininas.

Muitos grupos informais de "assistência mútua" foram criados dentro dos campos de concentração pelas próprias prisioneiras, as quais garantiam sua sobrevivência compartilhando informações, comida e roupas. Isto é, mesmo que em situação de prisioneiras, as mulheres tendiam a exercer seu lado materno de alguma forma. Também percebe-se questões de gênero ao se constatar que algumas mulheres sobreviveram porque as autoridades das SS as colocavam para trabalhar no conserto de roupas, na cozinha, na lavanderia e na faxina (USHMM, 2012). Funções atribuídas pela cultura patriarcal às mulheres.

Sobre o tipo de trabalho realizado pelas mulheres nos campos, nos anos 30 e 40, as mulheres tinham uma educação muito mais diferente dos homens que hoje, a sociedade era muito mais patriarcal. Elas eram treinadas para as atividades domésticas, além de "cuidar" dos outros, o que evidencia o grau de submissão das mesmas. Talvez por isso, durante o Holocausto, tenham conseguido se organizar para cuidar da comida, da higiene, além de formarem famílias "emprestadas", fazendo presentes umas para as outras mesmo diante das circunstâncias no campo de concentração de Ravensbrück (HEDGEPEETH e SAIDEL, 2010).

A maioria das judias que sobreviveram ao holocausto chegou depois que *Auschwitz* foi evacuada, em 1945. Muitas iam para campos satélites e algumas permaneceram no campo principal até a liberação soviética em abril. A cruz vermelha resgatou cerca de 1000 mulheres judias deste campo, e as levou para a Suécia para que se recuperassem.

Segundo Saidel (2004) *Ravensbrück* e suas vítimas não receberam reconhecimento o suficiente nas memórias do Holocausto. A maioria não sobreviveu para contar suas histórias, e a maioria que sobreviveu foi para *Ravensbrück* depois que *Auschwitz* foi evacuada, e chegaram lá muito fracas e doentes, e apenas *Auschwitz* permanece nas suas memórias. Vinte e seis mil mulheres judias passaram por esse campo, ou foram mortas nele.

Por fim, as mulheres tiveram papel importante em várias atividades da resistência ao nazismo. Este foi o caso das mulheres que, previamente à guerra, eram membros de movimentos juvenis socialistas, comunistas ou sionistas. Na Polônia, as mulheres serviam como mensageiras que levavam informações para os guetos. Muitas conseguiram escapar escondendo-se nas florestas no leste da Polônia e da União Soviética, e servindo nas unidades armadas dos *partisan*. Na resistência francesa, da qual muitas judias participaram, a atuação das mulheres não foi menos importante (BURDS, 2009), demonstrando o ativismo das mulheres, muitas vezes invisibilizado nos livros de história.

Algumas mulheres lideraram ou integraram organizações de resistência dentro dos guetos, enquanto outras se engajaram na resistência dentro dos próprios campos de concentração, como em *Auschwitz I*,

onde cinco judias que haviam sido colocadas para trabalhar na separação de munição de uma fábrica forneceram a pólvora que foi usada para explodir uma câmara de gás e matar vários homens das SS durante um levante de membros do *Sonderkommando* (Grupo Especial, isto é, os prisioneiros recrutados para fazer tarefas que os nazistas não queriam fazer, como enterrar corpos e limpar as câmaras de gás), em 1944. E outras mulheres participaram das operações de resgate e socorro aos judeus na parte da Europa ocupada pelos alemães. Muitas dessas também foram mortas pelos nazistas (CHATELARD e SOUZA, 2011).

Os efeitos psicológicos da guerra nos que sobrevivem são duradouros, sobretudo nas mulheres que além do trauma de guerra, tiveram o trauma de terem sido violentadas sexualmente. Segundo Bose (citada por SORG, 2011), é justamente por trazer danos a longo prazo que a violência sexual é tão usada por exército e milícias, e o estupro desumaniza as vítimas e quebra a comunidade. Em 1998 o tribunal criado para Ruanda considerou o estupro um instrumento de genocídio e, conseqüentemente, um crime contra a humanidade. Saidel em entrevista a Sorg (2011b) diz que o estupro não foi nem mencionado nos Tribunais de Nuremberg e de Tóquio, que julgaram os crimes da Segunda Guerra Mundial. O que por um lado é chocante, mas por outro é o que se espera na sociedade em que vivemos, já que ainda existem traços da cultura patriarcal, em que violências contra mulheres são naturalizadas, para que homens possam exercer controle sobre as mesmas.

Esses traumas também respingam nos descendentes dos/das sobreviventes, como bem retrata o livro *"Hijos de la shoah"* (WANG, 2007), sobre os filhos de sobreviventes. Existem associações de filhos de vítimas da *Shoá*, como em Buenos Aires a associação *Niños de la Shoah* (WANG, 2007); mais recentemente foi criada uma associação de netos das vítimas em Nova York, contou Saidel, em entrevista a Sorg (2011a).

Conclusão

O fenômeno da negação do "Outro" não é fenômeno recente e, principalmente, não é constatado em apenas uma categoria humana. Ao longo da história, várias categorias forjaram o "Um" e, como tais, se sobrepuseram ao "Outro". Este, por "não ser", foi sistematicamente excluído, segregado e violado. O genocídio dos judeus (outro) pelos nazistas (um) é um exemplo, a primazia dos homens (um) em relação às mulheres é outro. Talvez o expoente máximo dessa cultura de negação de direitos diga respeito à liberdade, e mais uma vez pode-se pensar nos judeus, e nas mulheres que tiveram seus direitos mais básicos violados (RAMPIN, 2011).

A partir das pesquisas de Hedgepeth, Saidel, Sommer e Pollak, podemos constatar mais uma vez que a etnia judaica para os nazistas era equivalente a nada. Se mulheres não judias que tinham uma conotação hierárquica maior, eram forçadas a se prostituir em bordéis, o que sobrava para as judias, que eram consideradas da raça mais baixa? O extermínio, claro. E os não judeus que eram obrigados a ter relações sexuais com mulheres e eram homossexuais? Esse era outro grupo que era menosprezado pelos nazistas. Mas o que mais chama a atenção é o papel da mulher, onde ela tinha que "abrir as pernas" para que homens trabalhassem melhor. O prazer era reservado ao homem.

Mesmo em tempos de guerra, a mulher não era isenta de cumprir “seu papel”, isto é, fazer tarefas domésticas para tentar sobreviver. Enquanto alguns homens prisioneiros “deveriam” ter prazer (os não judeus, pois os judeus não eram considerados seres humanos), a única opção que restava às mulheres era sofrer, com o não-prazer: a dor (mas claro, isso cabia às judias também, com a diferença de que apenas as não judias eram poupadas da morte).

Os conflitos que envolvem ideias de etnia, raça e tribo, como o Holocausto da Segunda Guerra (e o genocídio da Ruanda), costumam ser cruéis com mulheres e meninas, pois elas são fundamentais para a perpetuação de seus grupos étnicos, o que as torna presas valiosas para os inimigos, no caso que estamos tratando aqui, os nazistas. Aos olhos deles elas são reduzidas a nada, ou melhor, a meros alvos militares que perdem suas identidades de seres humanos, relata Saidel, em entrevista a Sorg (2011b).

Atualmente, as mulheres seguem sendo vítimas de violência sexual em países onde existem conflitos, como *Eman al-Obeidi*, mulher que denunciou ter sido estuprada por oficiais na Líbia, e foi acusada de ser da oposição. O governo líbio disse que ela era uma prostituta, para desacreditá-la. Enquanto a Anistia Internacional afirmou não haver evidências de práticas sistemáticas de violência sexual na Líbia, o promotor do Tribunal Penal Internacional afirma ter informações sobre uma política de estuprar quem é contra o governo; relatou Saidel a Sorg (2011a). Também em 2011, a jornalista americana *Lara Logan* sofreu violência sexual no Egito e teve de enfrentar comentários dizendo que ela não deveria estar lá. Sobre isso Saidel, em entrevista à Sorg (2011a) declarou: “*Mulheres têm tanto direito quanto os homens de estar lá. Não são as mulheres que não podem estar em alguns lugares, e sim a violência que não deveria acontecer. Além de que, infelizmente as mulheres têm uma vulnerabilidade que é sempre usada contra elas, e isso não deveria mais acontecer*”.

A vulnerabilidade é um termo útil, pois permite que se enxerguem tanto as condições concretas que resultam em violências, quanto as condições em situações que ainda não ocorreram episódios explícitos de violência, desnudando estruturas (SCOTT, 2011). Infelizmente isso ficou invisibilizado no período da Segunda Guerra, mas atualmente cada vez mais se busca reverter essas situações de vulnerabilidade.

Situações como as dessas mulheres geram no mínimo indignação, e o desejo de poder fazer alguma coisa por elas. Como é possível que durante o Holocausto não houvesse resistência o suficiente para impedir o extermínio de milhões de pessoas? E como não impediram que tantas mulheres fossem sexualmente violentadas? E o pior: Como que hoje, em pleno século XXI, ainda haja tantas mulheres pelo mundo vítimas de violência sexual, estando em países de conflito ou não?

Na atualidade, sobre os melhores e piores países para se ser mulher, em 2011, a revista TIMES (STREIB, 2011), situa o *Yemen* em 3º país pior para ser mulher, visto que, entre outros problemas, lá a violência doméstica não é crime e não há reconhecimento de estupro matrimonial, bem como no Paquistão, que é o 8º pior país para ser mulher; já o Congo está em 4º lugar, pois os índices de violência doméstica estão entre os piores do mundo (cerca de 1100 mulheres são estupradas diariamente); Mali é o 5º pior, lá a maioria das mulheres são submetidas a mutilação genital (o que não deixa de ser uma violência sexual) e não há legislação para banir tal prática. Apesar do Haiti não

estar no ranking dos 20 piores países para ser mulher, lá mulheres e meninas vem sendo negligenciadas e sujeitas a violência sexual. Em 2º lugar esta o Afeganistão, que tem o maior índice de mortalidade materna, já que 85% das mulheres dão luz sem ajuda médica, e em 1º lugar está Chad, onde mulheres quase não tem direitos legais e muitos casamentos são arranjados quando meninas tem entre 11 e 1 anos.

Sobre os melhores países para ser mulher, em 1º lugar está a Islândia, que em 2010 começou a barrar negócios envolvendo strip-tease e nudez, além da indústria do sexo. Em 2º lugar está a Suécia, que apesar de mães e pais terem 16 meses de licença maternidade, ironicamente o índice de violência doméstica é relativamente alto (STREIB, 2011). Fica a duvida quais foram os criterios utilizados para concluir o que torna um país bom ou ruim para ser mulher.

Por isso “dar voz e justiça às vítimas que sobrevivem à violência sexual significa lhes devolver um pouco da dignidade roubada pela guerra” (SORG, 2011b, p. 106). Dar visibilidade a esse tipo de violência é muito importante, pois implica em reconhecer algo que acontece desde os tempos bíblicos, até os dias de hoje, e não parece ter fim. Na bíblia (DEUTERONÔMIO 21, citado por SORG, 2011b, p.104) está escrito que *“Quando na guerra contra os inimigos (...) e tu os fizeres cativos, se vires uma mulher bonita, da qual te enamores, e a queira tomar por esposa, tu introduzirás em tua casa”*. É quase inacreditável que esse crime se repita desde a bíblia até os dias atuais. Mas para haver uma transformação social há que haver um reconhecimento que as categorias homens e mulheres são simultaneamente vazias e transbordantes, e que deve haver uma reestruturação e redefinição da categoria de gênero em parceria com uma visão de igualdade política e social (SCOTT, 1995).

Para finalizar, reiteramos a intenção de trazer à consciência do maior número possível de pessoas o que aconteceu durante a Segunda Guerra Mundial a fim de que todo o sofrimento e toda a violência que ocorreram não sejam esquecidos, e para que diminuam as possibilidades de se repetirem. Também queremos homenagear o número incalculável de vítimas, que sobreviveram ou não, que pouco a pouco, apesar de terem seus nomes registrados nos museus de holocausto, caem no esquecimento.

Referências

- APAV. *Manual ALCIPE 2ªed. - Para o Atendimento de Mulheres Vítimas de Violência*, 2010.
- ARAÚJO, Mário. Bordeis nazistas ainda são tabu, Brasil, acessado em dezembro de 2011, retirado de <http://revistagalileu.globo.com/Revista/Common/1,,EMI249896-17770,00.html>, 2011a.
- ARAÚJO, Mário. Bordeis no campo de concentração, acessado em dezembro de 2011, retirado de <http://revistagalileu.globo.com/Revista/Common/0,,EMI252226-17773,00-BORDEIS+NO+CAMPO+DE+CONCENTRACAO.html>, 2011b.
- BARLACH, Lisete; PEZO, Maria Antonieta, A identidade judaica: uma identidade religiosa? *Estudos de religião*, n.34, 2009, p.184-194.
- BURDS, Jeffrey, Sexual Violence in Europe in World War II, 1939–1945, *Politics e Society*, v.37, n. 1, 2009, p. 35-73.
- BURLAE, Krista K. The Theory Of Mindful Space: Identifying, Understanding, and Preventing Violence, *AFFILIA*, v.19, n.1, 2004, p.85-98.
- BRASIL, Marcha da Vida, acessado em novembro de 2011, retirado de <http://www.marchadavida.org.br/novo/contato.html>, 2008.
- CHATELARD, Daniela Scheinkman; SOUZA, Ana Janaina, PRIMO LEVI: coordenadas éticas entre a psicanálise e a literatura, *Polifonia*, v.18, n.24, 2011, p.4-20.
- DALCIN, Camila; SOUZA, Martha, Violência contra a Mulher: Reflexões para o cuidado de enfermagem, *Anais do Interfaces no Fazer Psicológico*, 4. Org. OLIVEIRA, Felipe S. de; JAEGER, Fernanda P. Santa Maria, RS: Centro Universitário Franciscano, 2011.
- BAER, Elizabeth R.; GOLDENBERG, Myrna (Eds.), *Experience and Expression: Women, the Nazis, and the Holocaust*. Detroit: Wayne State UP, 2003.
- EXAME. Curitiba apresenta primeiro museu do Holocausto, acessado em fevereiro de 2012, retirado de <http://exame.abril.com.br/economia/brasil/noticias/curitiba-apresenta-primeiro-museu-do-Holocausto-no-brasil>, 2011
- ÉPOCA, 14 filmes para entender o holocausto, acessado em janeiro de 2012, retirado de <http://revistaepoca.globo.com/Revista/Epoca/0,,EMI75238-15220,00-FILMES+PARA+ENTENDER+O+HOLOCAUSTO.html>, 2009
- FILMOW, A chave de Sarah, acessado em maio de 2012, retirado de <http://filmow.com/a-chave-de-sarah-t26806/>, 2011
- FERRAZ, Francisco Alves, Os livros didáticos e a participação brasileira na Segunda Guerra Mundial, *Luso-Brazilian Review*, v.47, n.1, 2010, p. 11-39.
- FERREIRA, Aurelio Buarque de Holanda (Ed.) *Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa*. Folha de São Paulo: Nova Fronteira, 1994.
- FERREIRA, Marieta de Moraes. Oralidade e memória em projetos testemunhais. In.: LOPES, Antonio H., Velloso, Mônica P. e Pesavento, Sandra J. (orgs.). *História e Linguagens: Texto, imagem, oralidade e representações* (p.195-203). Rio de Janeiro: 7letras, 2006.
- FINKELSTEIN, Norman G. *A Indústria do Holocausto*. São Paulo: Record, 2001.
- GRAUPNER, Hardy. Livro revela horrores sobre bordéis em campos de concentração na Alemanha Nazista, acessado em abril de 2012, retirado de <http://www.dw.de/dw/article/0,,4582960,00.html>, 2009.
- GUZZO, Morgani; BORGES-Teixeira, Nincia Cecilia Ribas. O genocídio em Ruanda: intersecções entre jornalismo, história e cinema. *Verso e Reverso*, v.24, n.56, 2010, p. 83-94.
- HEDGEPEETH, Sonja M.; SAIDEL, Rochelle G. *Sexual violence against Jewish women during the Holocaust*. Lebanon: Brandeis University Press, University Press of New England, 2010.
- ISRAEL SCIENCE AND TECHNOLOGY DIRECTORY, acessado em maio de 2012, retirado de <http://www.science.co.il/holocaust-museums.asp>, 2010.

INSTITUTO HUMANITAS UNISINOS, ONU aprova norma contra a intolerância religiosa, acessado em maio de 2012, retirado de <http://www.ihu.unisinos.br/noticias/505279-onu-aprova-norma-contr-a-intolerancia-religiosa>, 2011.

JACOBS, Janet, Gender and collective memory: Women and representation at Auschwitz, *Memory Studies*, v.1, n.2, 2008, p. 211-225.

LEWGOY, Bernardo. Holocausto, trauma e memória, *WebMosaica*, v.2, n.1, 2010, p. 50-56.

MENDA, Leniza Kautz, Um olhar sensível sobre o Holocausto, *Arquivo Maaravi: Rev. Dig. Estudos Judaicos/UFMG.*, v.1, n.1, .2007.

MALERBA, Jurandir, Exercício de memória: interfaces com a história e a historiografia. *Hist.R.*, v.15, n.2, 2010, p.373-391.

MENEGHEL, Stela N.; MARTINI Vial, S.R, Rotas críticas: mulheres enfrentando as violências, *Athenea digital*, n.14, 2008, p.199-213.

MUHLEN, Bruna; DEWES, Diego; STREY, Marlene. Enfrentando as desigualdades de gênero e a violência contra mulheres, Seminário Nacional Sociologia e Política. *Anais...* ISSN 2175-6880, 2011.

NARVAZ, M.G.; KOLLER, S.H. Mulheres vítimas de violência doméstica: compreendendo subjetividades assujeitadas. *Psico*, v. 37, n.1, 2006.

NETO, Octavio Ribeiro De Mendonça; CARDOSO, Ricardo Lopes; RICCIO, Edson Luiz; SAKATA, Marici Cristine Gramacho. A Contabilidade a Serviço do Nazismo: Uma Análise da Utilização da Contabilidade como Instrumento de Exercício de Poder. *Revista de Contabilidade da Universidade Federal da Bahia*, v.2, n.2, 2008, p. 4-14.

OEA. Convenção Interamericana para prevenir, punir e erradicar a violência contra a mulher: convenção de Belém do Pará, Brasil. São Paulo: Comitê Latino Americano e do Caribe para Defesa dos Direitos da Mulher. (CLADEM)/IPÊ, 1996.

OLIVEIRA, Alexandre Barbosa de; SANTOS, Tânia Cristina Franco; BARREIRA, Ieda De Alencar; LOPES, Gertrudes Teixeira; FILHO, Antônio José De Almeida; AMORIM, Wellington Mendonça De, Enfermeiras brasileiras na retaguarda da segunda guerra mundial: Repercussões dessa participação. *Texto Contexto Enferm*, v.18, n.4, 2009, p.688-696.

PRACANA, Clara, Alemanha de Hitler: O Nazismo como Fenômeno Grupal. Uma Perspectiva Bioniana. *Interacções*, n.3, 2002, p.69-90.

POLLAK, Michael, A gestão do Indizível. (Trad. Gabriele dos Anjos). *WebMosaica*, v.2, n.1, 2010, p.9-49.

RAMPIN, Talita Tatiana Dias, Direitos humanos e gênero: um aporte quase universal. In. Paulo César Corrêa BORGES (org.) *Marcadores Sociais da Diferença e Repressão Penal* (p.90-100). São Paulo: Cultura Acadêmica editora, 2011.

RÁDIO GAÚCHA. Grupo skinhead denunciado pelo MP gaúcho vai a Júri Popular em Porto Alegre, acessado em maio de 2012, retirado de <http://www.radioguaiba.com.br/Noticias/?Noticia=184621> , 2010.

ROBINSON, S., Rapaport-Bar-Sever, M., Metzger, S., The Feelings of Holocaust Survivors Towards Their Persecutors. *Echoes of the Holocaust*, n.3, 1994, p.9-20.

REIS, Alice Casanova; SCHUCMAN Lia Vainer. A constituição social da memória: lembranças de uma testemunha da II Guerra Mundial. *Psicologia em Revista*, v.16, n.2, 2010, p. 388-408.

SAIDEL, Rochelle, *The Jewish women of Ravensbrück Concentration Camp*, Terrace Books, The University of Wisconsin Press, 2004.

SANTOS, Mariana Teixeira dos; LUCENA, Pedro Feitosa de; DRAKOULAKIS, Stefanos Georgios Corsino. *Comissão de Direitos Humanos (CDH) "A Nova Ordem Econômica e a Desordem Trabalhista"*, 2010.

SANTOS, Maria Medianeira dos; BEZZI, Meri Lourdes. A manifestação da cultura judaica no território de Philippon/Santa Maria/RS. *Geografia: Ensino e Pesquisa*, Santa Maria, v. 13 n. 2, 2009, p. 156-162.

- SANDER, Robert. *O Brasil na mira de Hitler: a história do afundamento de navios brasileiros pelos nazistas*: Editora Objetiva, 2007.
- SANTANA, Évila De Oliveira Reis, Auschwitz: "Nunca Mais"! *Iberoamerica Global*, v. 1, n.4, 2008, p. 224-246.
- SAGOT, M.; CARCEDO, A., *Ruta crítica de las mujeres afectadas por la violencia intrafamiliar en America Latina: Estudios de caso de diez países*: Pan American Health Org, 2000.
- SCOTT, Joan, Gênero: uma categoria útil de análise histórica. *Educação e realidade*, v.20, n.2, 1995, p.71-99.
- SCOTT, Parry, Fluxos migratórios femininos, desigualdades, autonomização e violência. gênero In: Arend, Silvia M. F., Rial, Carmen S. d. M., e Pedro, Joana M. (orgs.). *Diásporas, mobilidades e migrações* (p.47-66). Florianópolis: Ed. Mulheres, 2011.
- SCHPUN, Mônica Raisa. Corpo *versus* texto. Margarethe Levy e Aracy de Carvalho: entre a Alemanha nazista e o Brasil da Era Vargas. In: Arend, Silvia M. F., Rial, Carmen S. d. M., e PEDRO, Joana M. (orgs.). *Diásporas, mobilidades e migrações* (p.79-101). Florianópolis: Ed. Mulheres, 2011.
- SILVA, Mariana da. Jurisprudência dos crimes nazistas contra Princípios dos direitos humanos. *ETIC*, v. 6, n. 6, 2010.
- SILVA, Helenice Rodrigues Da., Narrar, transmitir, representar: o testemunho de um sobrevivente francês (judeu e resistente) dos campos de concentração nazista. *Anos 90*, v. 15, n.28, 2008, p. 221-252.
- SIQUEIRA, Sueli; FONSECA, Maria do Carmo da; ASSIS, Gláucia de Oliveira; e ESCALDA, Patrícia Maria Fonseca. Divisão sexual do trabalho, rearranjos familiares e relações de gênero em comunidade rural de emigração masculina. In: AREND, Silvia M. F., RIAL, Carmen S. d. M., e PEDRO, Joana M. (orgs.). *Diásporas, mobilidades e migrações* (p.149-170). Florianópolis: Ed. Mulheres, 2011.
- SORG, Leticia. Violência sexual na guerra: terror no holocausto, acessado em abril de 2012, retirado de <http://colunas.revistaepoca.globo.com/mulher7por7/2011/07/16/violencia-sexual-na-guerra-terror-no-Holocausto/>, 2011a.
- SORG, Leticia. A mais covarde das armas de guerra. *Revista Época*, p.104 a 106, 2011b.
- SOMMER, Robert, Sexual Exploitation of Women in Nazi Concentration Camp Brothels. In: HEDGEPEETH, Sonja M. e SAIDEL, Rochelle G. (orgs.). *Sexual violence against Jewish women during the Holocaust*. Lebanon: Brandeis University Press, University Press of New England, 2010.
- SOUZA, Janine Pacheco. A convenção para a prevenção e repressão do crime de genocídio (1948). In Jose Blanes Sala (Ed.), *Relações Internacionais e Direitos humanos* (p. 75-89). São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010.
- STREIB, Lauren, The best places to be a woman, *TIMES*, 26 de setembro de 2011, p.18-21.
- TELLES, Norma. Memórias do fundo do poço. In.: Pedro, Joana M., Arend, Silvia M. F., e RIAL, Carmen S. d. M.(orgs.). *Fronteiras de gênero* (p.89-105). Florianópolis: Ed. Mulheres, 2011.
- UNITED STATES HOLOCAUST MEMORIAL MUSEUM, Enciclopédia do holocausto, acessado em maio de 2012, retirado de <http://www.ushmm.org/wlc/ptbr/article.php?ModuleId=10005176>
- VIDAL, Germano Seidi. Lembranças oportunas e significativas. *Revista da Escola Superior de Guerra*, n.41, 2002, p.118-129.
- WANG, Diana, *Los Hijos de La Guerra: La segunda generación de sobrevivientes de la Shoá*, V.1, Buenos Aires: Marea, 2007.
- WITTNEY, Laurette, Raça e gênero na especificidade migratória: o caso das prostitutas migrantes em Leon (França). In: AREND, Silvia M. F., RIAL, Carmen S. d. M., e PEDRO, Joana M. (orgs.). *Diásporas, mobilidades e migrações* (p.129-147). Florianópolis: Ed. Mulheres, 2011.

A IMIGRAÇÃO DE SOBREVIVENTES DA SEGUNDA GUERRA MUNDIAL PARA O BRASIL: UMA REVISÃO DE LITERATURA

Bruna Krimberg von Muhlen*

Marlene Neves Strey**

Resumo

Este artigo é parte da pesquisa de mestrado da primeira autora, sobre a imigração de sobreviventes da Segunda Guerra Mundial para o Brasil, tendo em vista da importância que este tema ainda tem na contemporaneidade, sobretudo porque a maioria das pesquisas sobre essa população aborda traumas de guerra em si, mas não a imigração, que também tem conotação de experiência bastante significativa. Assim, foi realizada uma revisão de literatura, explorando os conceitos de imigrante e refugiado, a imigração judaica no Brasil, focando no Rio Grande do Sul, e questões relacionadas à identidade étnica e cultural, assim como o processo de aculturação de uma maneira geral e em particular sobre como podemos aplicar esses conceitos aos imigrantes judeus.

Palavras-chave: Imigração, sobreviventes, Segunda Guerra Mundial, identidade e aculturação.

Abstract

This paper is part of a master's degree research of the first author, about Second World War Survivors that immigrated to Brazil, focusing on the importance that this subject has still nowadays, mostly because the majority of the researches about this population is about war's traumas, but not about the immigration, that also has the connotation of experience very meaningful. Thus, was conducted a literature review exploring the concepts of immigrant and refugee, Jewish immigration to Brazil, focusing on Rio Grande do Sul state, and matters in relation to ethnic and cultural identity, as well the acculturation process in an overall view and in particular about how we can apply this concepts to Jewish immigrants.

Key-words: Immigration, survivors, Second World War, identity and acculturation.

* é mestranda na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul

** é doutora e professora na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul

Introdução

Quase sete décadas após o fim do Holocausto da Segunda Guerra Mundial, percebemos que seu significado segue sendo explorado por testemunhos de sobreviventes, em museus, filmes e pelo campo de estudos sobre este tema que reafirmam que mesmo milhões de vidas sendo apagadas pelos nazistas, elas seguem impossíveis de ser esquecidas e difíceis de ser compreendidas (HOWES, 2008). No entanto, o enfoque dado pelos pesquisadores sempre é a experiência da guerra em si, o que é muito importante. Contudo a imigração, que geralmente também tem uma conotação de experiência, muitas vezes marcada por um forte nível de stress de aculturação, raramente é focada. O significado da imigração para os sobreviventes ainda foi pouco explorado, e, portanto, pouco compreendido. Como bem relata Maurício Wainrot, argentino e conhecido internacionalmente por seu trabalho como coreógrafo de balé contemporâneo, filho de sobrevivente da Segunda Guerra Mundial:

Quando papai voltava a contar a história eu me dizia ‘Uh, outra vez!’ Creio que não me dava conta do que havia sido, por exemplo, a imigração. Recém me dei conta quando vivi no exterior, da magnitude de mudar de idioma, de cultura, de idiossincrasia, de coisas comuns. Uma pessoa toma como natural mas foi uma coisa imensurável de ter que se adaptar a uma nova cultura de uma maneira tão abrupta (WANG, 2007, pg. 174).

Atualmente ainda há quem defenda a ideologia preconizada por Hitler, como o atual presidente do Irã, Mahmoud Ahmadinejad que diz que o Holocausto não existiu. Também o bispo britânico Richard Williamson negou a existência de câmeras de gás e o extermínio de milhões de seres humanos, ao declarar em entrevista exibida pela TV sueca, em 2009:

HOWES, 2008, p. 266-292.
WANG, 2007, p. 174.

Não acredito que as câmaras de gás tenham existido... Acho que duzentos ou trezentos mil judeus morreram nos campos de concentração Nazistas... mas nenhum deles em câmaras de gás (CARMO, 2009).

Até mesmo em Porto Alegre o cardeal arcebispo Dom Dadeus Grings fez declarações que visam a relativizar o Holocausto, reduzindo-o a sofrimentos comuns de guerra (LEWGOY, 2010). O ministro da propaganda de Hitler, Josef Goebbels disse que “uma mentira dita cem vezes torna-se verdade” (FAINGOLD, 2005). Tal fenômeno foi inclusive nomeado de “negacionismo” (MALERBA, 2010). A negação do Holocausto indubitavelmente é preocupante, pois, como diz Roudinesco (2008), pode ser considerada uma continuação simbólica desse crime contra a humanidade por outros meios.

Os Países Baixos rejeitaram um projeto de lei que propunha uma sentença máxima de um ano de detenção para negação de atos de genocídio em geral, apesar de manter especificamente a negação do Holocausto como ofensa criminal. Na Espanha foi declarada inconstitucional a lei de negação do Holocausto. A Itália também rejeitou a lei que propunha sentença de prisão para crimes de negacionismo. Reino Unido, Dinamarca e Suécia também rejeitaram propostas de lei relacionadas ao tema. Indo no caminho contrário ao negacionismo, o Parlamento da Hungria aprovou em fevereiro de 2010 uma lei que penaliza a negação do Holocausto da Segunda Guerra Mundial com até três anos de prisão. Segundo essa lei, negar em público o Holocausto ou apresentá-lo "como algo insignificante" poderá ser uma infração passível de pena. Votaram representantes das organizações judaicas do país, assim como sobreviventes. Durante a Segunda Guerra, mais de 600 mil dos 840 mil judeus húngaros -

CARMO, 2009.

LEWGOY, 2010, p. 373-391.

FAINGOLD, 2005.

MALERBA, 2010, p. 373-391.

ROUDINESCO, 2008.

constatados em 1941, segundo as leis de pureza racial da Alemanha - foram assassinados pelos nazistas. Apenas 130 mil judeus húngaros sobreviveram, e atualmente a comunidade judaica do país tem cerca de 100 mil pessoas (ROITBERG, 2010). O negacionismo do Holocausto também é ilegal na Alemanha, Áustria, Bélgica, Eslováquia, França, Israel, Lituânia, Polônia, Portugal, República Tcheca, Romênia e Suíça. O Painel de decisões da União Européia a respeito de Racismo e Xenofobia decidiu que negar ou trivializar brutalmente "crimes de genocídio" deve tornar-se "passível de punição em todos os estados membros da UE" (SHERMER e GROBMAN, 2002).

No início de 2012, a Presidenta Dilma Rousseff aprovou um acordo que permite estudantes, professores e pesquisadores a ensinar e pesquisar sobre o Holocausto e outros temas relacionados ao judaísmo. Sendo assim, o hebraico e temas judaicos como o Holocausto, e a intolerância vão fazer parte do currículo em algumas escolas, universidades e outras instituições educacionais no país. O acordo foi resultado do esforço de Osias Wurman, cônsul honorário de Israel no Rio de Janeiro e ex-presidente da Federação Judaica do mesmo estado, que declarou:

Teaching the Holocaust in Brazilian schools is key in a moment when revisionist waves grow, notably from the Iranian government, which try to wipe the memory for future generations. We must shed light on the past in order to clear the future (JTA, 2012).

Tal acordo foi assinado inicialmente em 2008, aprovado no congresso em 2010, e sancionado pela presidenta na segunda semana de janeiro de 2012 para "*developing and strengthening the friendship ties between both countries.*" (JTA, 2012). Dilma Rouseff compareceu à cerimônia de *Yom Hashoah* menos de um mês depois de ter sido eleita, em

ROITBERG, 2010.
SHERMER, 2002.
JTA, 2012

2011 e nesse momento disse:

The Holocaust is not and will never be just a historic moment. The duty of the memory should not be mistaken for passiveness of the ordinary remembrance," she said at the time. (...) Memory is the human weapon to prevent the repetition of the barbarism. We must not allow any kind of human rights violation in any country, and especially in Brazil. The Jewish tradition and dignity integrate the Brazilian nationality in a special way (JTA, 2012).

Assim, ao pensar nos sobreviventes da Segunda Guerra que imigraram para o Brasil, buscamos esclarecer os conceitos de imigrante e refugiado; contextualizar a imigração judaica no Brasil e principalmente no Rio Grande do Sul, antes, durante e após a II Guerra. E em seguida abordamos as questões de identidade étnica e cultural e aculturação.

1 - Método

Este artigo se originou de uma pesquisa de mestrado, que investigou como se deu o processo migratório de sobreviventes da Segunda Guerra Mundial, da Europa para o Brasil. O presente texto é a parte inicial da pesquisa, em que se realizou uma revisão de literatura assistemática.

Os seguintes descritores foram utilizados: Imigrante, imigração, refugiado, identidade, etnia, cultura, aculturação, sobreviventes, Segunda Guerra Mundial, Brasil e Rio Grande do Sul. Tais descritores foram buscados no título, ou/e no resumo, ou/e no texto. Os critérios de inclusão para seleção de artigos relevantes foram abordar uma das seguintes temáticas:

(c) A questão da Segunda Guerra Mundial e/ou sobreviventes;

(d) O tema imigração e/ou identidade e/ou cultura.

2- Resultados

2.1- Imigrantes ou Refugiados?

O fenômeno da mobilidade humana se situa dentro da questão social, e implica necessariamente um movimento temporário ou estável, de pessoas ou grupos, de um lugar para o outro, por diversos motivos (ZAMBERLAM, 2004). A imigração é um fenômeno construído socialmente por meio de interações entre grupos e forças sociais (como imigrantes de diferentes etnias e nacionalidades, instituições que auxiliam o processo, campo de trabalho disponível) e configura-se uma conexão entre vários níveis - micro e macro - da produção dos fenômenos sociais e dos processos que mediam aspectos estruturais e ações individuais (TEDESCO, 2011).

De acordo com a Convenção de Genebra, de 1951, referente ao Estatuto dos Refugiados, são refugiadas as pessoas que se encontram fora do seu país devido a fundado temor de perseguição por motivos de raça, religião, nacionalidade, opinião política ou participação em grupos sociais, e que não possam (ou não queiram) voltar para casa. Posteriormente, definições mais amplas passaram a considerar como refugiados as pessoas obrigadas a deixar seu país devido a conflitos armados, violência generalizada e violação massiva dos direitos humanos (ACNUR, 2011).

Segundo a lei brasileira 9474/97 refugiada é: “(...) a pessoa que, devido à grave e generalizada violação de direitos humanos é obrigada a deixar seu país de nacionalidade para buscar refúgio em outro país.” (ZAMBERLAM, 2004).

ZAMBERLAM, 2004.
TEDESCO, 2011, 44-55.
ACNUR, 2011.

Normalmente, um migrante¹ deixa o seu país voluntariamente, à procura de uma vida melhor. Para um refugiado, as condições econômicas no país de acolhida são menos importantes do que a segurança. Na prática, a distinção pode ser muito difícil de estabelecer, mas ela é fundamental: um migrante goza da proteção do governo do seu país; um refugiado, não (ACNUR, 2011).

Estes sobreviventes podem ser considerados migrantes sociais, visto que a migração social pressupõe a exclusão das pessoas dentro de sua classe, categoria, com perdas de direitos básicos, com a impossibilidade de ascensão social e ou dificuldade de inserção aos valores culturais, políticos, sociais e religiosos. Também podem ser incluídos dentro do conceito de migração forçada, a qual implica migrar por motivos alheios a sua vontade, que podem ter origem em causas políticas, sociais e inclusive na busca de sobrevivência (ZAMBERLAM, 2004).

Para Said (2001, citado por ALMEIDA, 2011): “nossa época, com guerra, imperialismo e ambições quase teológicas de governos totalitários, é com efeito a era do refugiado, da pessoa deslocada, da imigração em massa”. De fato, cartografias contemporâneas mapeiam uma ampla gama de conceitos como migração, diáspora, trânsito, deslocamento, entre outros que remetem à condição do exílio. A diáspora é tida como uma experiência coletiva, enquanto exílio privilegia o enfoque da individualidade.

¹ Segundo Koogan (1999), migrante é quem migra, mudando de país ou de região. Já imigrante é quem vem residir num país que não é o seu de origem. E emigrante é quem parte de sua terra natal para outra.

ACNUR, 2011.

ZAMBERLAM, 2004.

ALMEIDA, 2011, p. 239-256.

O número de refugiados foi enorme na Segunda Guerra Mundial. Exilados se deslocavam de um lugar para outro. Sendo o exílio a separação de uma pessoa da terra em que vive; a expatriação, geralmente por motivos políticos, como processo de separação e abandono, decisão de deixar o que se tornou insuportável emocionalmente, implica no que aconteceu com muitos sobreviventes (IGLESIAS, 2011): muitos sentem que seu país é o mundo inteiro, não pertencendo ou desejando pertencer a nenhum país em especial, mesmo precisando de um “teto só seu” (TELLES, 2011, pg.90).

Assim, muitos judeus hoje em dia vivem na diáspora, isto é, se deslocaram de seus países originários. O termo diáspora antes era chamado pelos judeus de *galuth*, que significava exílio em hebraico. O termo diáspora se popularizou com o movimento Sionista, isto é judeus defensores do Estado de Israel, principalmente logo após a Segunda Guerra. Muitos tiveram que imigrar para lá devido à perseguição nazista (TAKEMURA, 2011). E com a criação do Estado Israelense, houve uma imigração maciça (ZOHAR, 1998).

2.2 - Imigração judaica no Brasil

A presença de judeus no Brasil é identificada desde o período colonial. Foram arrendatários, como o cripto-judeu (cristão novo) Fernando de Noronha. Fizeram parte do ciclo da cana-de-açúcar. Muitos judeus que vieram com os holandeses para a ocupação do nordeste foram embora devido à Inquisição em 1700-70. Houve um retorno a partir de 1855, com o Império. Em 1900 o Censo indicou a presença de 1021 judeus de origem europeia no Brasil (ZAMBERLAM, 2004).

ZAMBERLAM, 2004.
IGLESIAS, 2011, p. 107-134.
TELLES, 2011, p. 89-105.
TAKEMURA, 2011, p. 153-165.
ZOHAR, 1998, p.13-32.

Na Europa, mesmo antes do Nazismo, os judeus já sofriam perseguições - chamadas Pogroms, as quais incluíam saques e destruições de casas. O conceito *pogrom* faz parte da memória desse grupo étnico e emerge em situações de instabilidade e de violência (GUTFREIND, 2010). Assim, em 1891, com o intuito de ajudar os judeus a enfrentar as perseguições, foi fundada a *Jewish Colonization Association* (JCA) pelo Barão Maurice Hirsch - judeu europeu, que enriqueceu no século XIX financiando e construindo estradas de ferro na Europa. O barão visava estabelecer uma expatriação metódica e ordenada de judeus russos (GUTFREIND, 2004). O Brasil foi um dos países escolhidos pela JCA. O começo se deu na província do Rio Grande do Sul, vista como adequada para o estabelecimento de colônias rurais, com terras férteis para agricultura, onde foram compradas terras para a criação da Colônia *Philippson*, perto de Santa Maria, e a de Quatro Irmãos, perto de Erechim (CRUZ, 2009). O início dessa colonização foi em 1904, quando a colônia *Philippson* recebeu os primeiros imigrantes (GUTFREIND, 2009).

A população judaica no Brasil, até o fim do século XIX, era constituída oficialmente de 300 pessoas. Já na primeira década do século XX, os moradores da colônia *Philippson* eram em torno de 400. Como havia muita procura pela colônia, a JCA, aumentou o número de lotes e trouxeram mais judeus (SANTOS e BEZZI, 2009). A partir da segunda década do século XX, a imigração judaica começou a chamar a atenção no mundo inteiro. No Brasil, em 1920, a população judaica era de aproximadamente 15 mil pessoas. No ano de 1933 imigraram cerca de 20.000 para o Brasil, 94.000 para os Estados Unidos, 21.000 para a Argentina, 8.000 para a República Sul-Africana e México, Canadá e Suíça receberam 6.000 judeus. Inclusive a China recebeu 15.000 judeus russos refugiados (PÓVOA, 2005).

GUTFREIND, 2010, p.84-91.

GUTFREIND, 2004.

GUTFREIND, 2009, p.108-112.

SANTOS e BEZZI, 2009, p.156-162.

CRUZ, 2009, p.225-250.

Muitos também foram para a Inglaterra e para Israel (na época chamada de Palestina, sob domínio Inglês). Na década de 40 já havia 75 mil judeus imigrantes no Brasil, em consequência da vinda de europeus em busca de refúgio durante a guerra e após seu fim em 1945 (CRUZ, 2009).

A ascensão do nazi-fascismo, forneceu um modelo para o antissemitismo, que são concepções negativas estereotipadas sobre judeus (CRUZ, 2009; LESSER, 1995). Em 1933, os nazistas, recém-eleitos, organizaram um boicote de um dia a todas as lojas e negócios pertencentes a judeus na Alemanha. Fixaram cartazes de propaganda que diziam para que alemães se defendessem e não comprassem de judeus, seguida de muitas outras violentas ondas de propagandas difamatórias (WELCH, 2002). Já era uma premonição do Holocausto. O que explica o grande número de imigrantes naquele período.

Em 1935 as Leis de Nuremberg foram criadas, fazendo com que judeus perdessem a sua condição de cidadãos alemães e fossem banidos de quaisquer lugares na função pública, de exercer profissões ou de tomar parte na atividade econômica (REIS e SCHUCMAN, 2010). Poucos não-judeus alemães objetaram essas medidas. As Igrejas Cristãs, impregnadas de séculos de antissemitismo, permaneceram caladas.

A partir de 1941, os judeus foram obrigados a usar na roupa a estrela de Davi amarela em público, para serem facilmente reconhecidos e considerados "inferiores" (RICCHEZZA, 2008). Entre 1938 - quando houve a operação antissemita conhecida como Noite dos Cristais - e 1939, mais de 180.000 judeus fugiram da Alemanha (KESTLER, 2007).

CRUZ, 2009, p.225-250.

LESSER, 1995.

WELCH, 2000.

REIS, 2010, p.388-408.

RICCHEZZA, 2008.

KESTLER, 2007, p.6-14.

Após o final da Segunda Guerra Mundial as primeiras migrações que ocorreram foram intra-europeias. No entanto, esses imigrantes não permaneciam nesses países, e após cumprirem o seu contrato de trabalho, retornavam com o dinheiro para os seus países de origem (JUNIOR, 2009).

Outros muitos usavam o dinheiro para conseguir visto para imigrar para outros países que recebessem judeus, ou onde simplesmente conseguissem entrar, mesmo que com vistos falsos ou de turistas. De 1939 a 1947, 12.884 judeus imigraram para o Brasil – esses números incluem apenas os imigrantes registrados (LESSER, 1995).

Em relação à entrada de imigrantes no Brasil, a Constituição de 1937, art. 2º, sobre a imigração dizia que a União tinha o direito de “limitar ou suspender, por motivos econômicos ou sociais, a entrada de indivíduos de determinadas raças ou origens, ouvido o Conselho de Imigração e Colonização” (ZAMBERLAM, 2004).

Após o fim da Segunda Guerra, o Decreto-Lei 7.967, de setembro de 1945, dizia no artigo 1º que “Todo estrangeiro poderá entrar no Brasil desde que satisfaça às condições desta lei” que eram segundo o artigo 2º “Atender-se-á, na admissão dos imigrantes, à necessidade de preservar e desenvolver, na composição étnica da população, as características mais convenientes de sua ascendência europeia” (ZAMBERLAM, 2004).

Ou seja, em tempos de guerra, havia uma política imigratória anti-judaica no Brasil, como essa lei discriminatória, que seguia a ideologia nazista da raça ariana, além de ter o centralismo inspirado nas Cartas fascistas da Itália e da Polônia (BERDICHEWSKI, 2001).

JUNIOR, 2009, p.1-20.

LESSER, 1995.

ZAMBERLAM, 2004.

BERDICHEWSKI, 2001, p.39-60.

Lesser (1995) aponta que apesar do crescente discurso de oposição na década de 30 no Brasil, a entrada de judeus e a proibição não impediram a entrada dos mesmos no país. A quantidade de judeus que entraram no Brasil entre 1920 e 1930 foi somente 11% superior à taxa dos que imigraram entre 1930 e 1940. Isso porque havia muitas queixas de empresários judeus americanos, canadenses, ingleses ao governo, fazendo com que o Brasil cedesse à pressão internacional e aceitasse os refugiados.

Com isso em 1938 o Brasil estipulou novas regras para a imigração judaica, abrindo suas portas, e fazendo com que mais judeus do que em qualquer um dos dez últimos anos escolhessem o Brasil como seu novo lar. Por fim, entre 1939 e 1942 houve altos e baixos na admissão de refugiados judeus, mostrando contradição, além de que os judeus nunca foram considerados socialmente desejáveis na Era Vargas. A tabela abaixo ilustra esse período:

Imigração Judaica para o Brasil, por país de Origem, 1933-1942:

Ano	Polônia	Alemanha	Romênia	Outros	Total
1933	1.920	363	210	824	3.317
1934	1.746	835	292	921	3.794
1935	1.130	357	127	144	1.758
1936	1.147	1.172	177	322	3.418
1937	405	1.315	85	186	2.003
1938	22	445	7	56	530
1939	845	2.899	107	750	4.601
1940	455	1.033	68	860	2.416
1941	333	406	-	759	1.500
1942	15	4	-	89	108
Totais	8.018	9.431	1.085	5.019	23.445

Fonte: Lesser (1995, pg. 320).

 LESSER, 1995.

2.3 - Identidades étnicas: Judaica e Brasileira

Migrações põem em jogo novas identidades e favorecem múltiplas identificações (FEMENÍAS, 2011). Assim, a identidade é formada e transformada num processo contínuo em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam. A identidade é um processo multidimensional, que depende do tempo em que é conjugado, articulando entre si o passado, o presente e o futuro, ao mesmo tempo em que dissocia os espaços, as instituições e as categorias sociais (RODRIGUES, STREY e ESPINOSA, 2009; BASTOS, 2007).

A identidade inicialmente era relacionada com a ideia de nação, e depois com a ideia de raça e etnia (FEMENÍAS, 2011). Assim, ser judeu não é delimitado por uma origem nacional, nem antes da criação do Estado de Israel em 1948, nem depois. A identidade judaica é principalmente um legado cultural, que, apesar de guardar certa relação com a religiosidade judaica não está delimitada por ela (NETO, 2008). Ser judeu tem sido entendido não em termos de práticas e crenças religiosas, mas no contexto da identificação étnica (CAMATI, 2009). Recentemente, em pesquisa realizada por Schwartzman (1999), um grupo de origem judaica, que se origina de lugares muito distintos, se identificam como brasileiros. Apesar de que também ter sido constatado que a origem das pessoas é um fator significativo da identidade, principalmente nas regiões de migração mais recente.

FEMENÍAS, 2011, p.167-189.

RODRIGUES, STREY, e ESPINOSA, 2009, p.421-430.

BASTOS, 2007, p.93-106.

FEMENÍAS, 2011, p.167-189.

NETO, CARDOSO, RICCIO, SAKATA, e GRAMACHO, 2008, 4-14.

CAMATI, 2010.

SCHWARTZMAN, 1999, 83-96.

A identidade étnica é uma construção social, justamente a partir da diferença (POUTIGNAT e STREIFF-FENART, 1998). Um grupo étnico é uma população que possui um grupo de membros que se identifica e é identificado por outros como se constituísse uma categoria diferenciável de outras do mesmo tipo.

A etnicidade é considerada por autores contemporâneos como um modo de organização das relações sociais, sendo que sua significação é suscetível de transformações, ou seja, é um feixe de interações cambiantes mais do que um componente central da organização da sociedade (ARMSTRONG, 1982, citado por POUTIGNAT e STREIFF-FENART, 1998).

As etnias judaicas são o conjunto de ramificações da comunidade judaica, considerando a cultura e os países onde foram radicados. Devido aos fatores de tempo, local, miscigenação e interpretação religiosa e filosófica, geralmente cada comunidade possui tradições diferenciadas de um grupo para outro. As fronteiras das identidades étnicas podem se tornar mais flexíveis ou mais rígidas no processo de imigração. Como em Israel, as fronteiras na década de 50 entre judeus imigrantes alemães, poloneses, romenos e húngaros com o tempo se apagaram, à medida que se reforçavam fronteiras entre judeus Sefaradim – etnia de judeus de origem espanhola, portuguesa e marroquina - e Asquenazim – etnia de judeus provenientes da Europa Central e Oriental (WEINGROD, 1979, CITADO POUTIGNAT e STREIFF-FENART, 1998).

A discriminação à etnia judaica, o antissemitismo, tem sua origem nos primórdios da história da humanidade e não se findou com Hitler na Segunda Grande Guerra, pois, todavia há perseguição dos judeus e de outras minorias étnicas e religiosas (CAMATI, 2009).

POUTIGNAT, e STREIFF-FENART, 1998.
CAMATI, 2009, 57-68.

De acordo com as leis de pureza racial da Alemanha, o que implicava em definir um judeu como tal era se tinha pelo menos um dos quatro avós judeu, não importando qual era a sua religião e criação ou a de seus pais (ROITBERG, 2010).

E é na referência aos fatores psicológicos e biológicos que se encontra o máximo do impulso primitivo para rejeitar o outro. A política da intolerância é responsável pelo antissemitismo, fascismo, comunismo, nazismo e todos os outros totalitarismos do século XX (CAMATI, 2009). Além de que as sociedades intolerantes aos outros étnicos e raciais tendem a tornar-se também intolerantes aos outros sexuais (TAKEMURA, 2011).

Na peça de Shakespeare, *O mercador de Veneza*, o personagem judeu Shylock insiste na semelhança dos atributos humanos entre cristãos e judeus e expressa revolta com relação à intolerância:

Eu sou judeu. Um judeu não tem olhos? Um judeu não tem mãos, órgãos, dimensões, sentidos, afeições, paixões? Não é alimentado pela mesma comida, ferido pelas mesmas armas, sujeito às mesmas doenças, curado pelos mesmos meios, esquentado e congelado pelo mesmo verão e inverno, tal como um cristão? Quando vós nos feris, não sangramos nós? Quando nos divertis, não rimos nós? Quando nos envenenais, não morremos nós? E se nos enganais, não haveremos nós de nos vingar? Se somos como vós em todo o resto, nisto também seremos semelhantes. Se um judeu enganar um cristão, qual é a humildade que encontra? A vingança. Se um cristão enganar um judeu, qual deve ser seu sentimento, segundo o exemplo cristão? A vingança, pois. A vileza que me ensinai eu executo, e, por mais difícil que seja, superarei meus mestres (SHAKESPEARE, 1999. pg. 77-78).

O binário semelhança e diferença é inerente ao conceito de identidade, o que as identidades têm de semelhante é o fato de serem vistas e tratadas como iguais pela cultura hegemônica, o que acontecia no nazismo em relação aos judeus, e o que pode acontecer no país de destino. Toda identidade se constrói pela diferença, as identidades são permeadas pela sociedade e por questões políticas (HALL, 2003).

CAMATI, 2009, 57-68.

ROITBERG, 2010.

TAKEMURA, 2011.

SHAKESPEARE, 1999, p.77-78 (Escrita entre 1596-1598).

HALL, 2003, p. 335-349.

2.4 - Cultura

Cultura, segundo Burke (2005), costumava se referir às artes e às ciências, mas recentemente a palavra passou a ser referir a uma ampla gama de práticas e artefatos, abrangendo também ideias, hábitos e valores, e foi a preocupação antropológica com o cotidiano e as sociedades que encorajou o emprego do termo em sentido amplo. Na psicologia cultural, aproximando-se da antropologia e da sociologia, a cultura implica em um distanciamento da ideia de que todos os seres humanos têm impulsos iguais.

Burke (2005) diz que muitas pessoas falam em cultura hoje em dia para se referir ao que há 20 ou 30 anos atrás merecia ser chamado de sociedade. O termo inclui também a cultura cotidiana, isto é, costumes, valores e modos de vida. Em menor volume, existem também estudos sobre a cultura material, que se refere principalmente às vestimentas, alimentos e habitação.

Falcon (2002) fala que aspectos culturais são as práticas culturais e as representações culturais. As primeiras dizem respeito à vida de um grupo humano, inclusive seus costumes. E a segunda diz respeito à cultura como representante coletiva e expressão de algum tipo de finalidade inerente à cultura, isto é, a cultura como resultante das práticas culturais, em seus aspectos coletivos e culturais. Já a história cultural tem como objetivo “observar no passado, em meio aos movimentos de conjunto de uma civilização, os mecanismos de produção dos objetos culturais” (DURBY, citado por FALCON, 2002). Segundo Barreto (citado por FALCON, 2002) a inteligibilidade do cultural passa pela possibilidade de interpretações que os sujeitos e discursos estabelecem com o clima que os contextualiza.

Sobre o “multiculturalismo”, Tony Blair disse: "A nossa tolerância é o que faz do Reino Unido o Reino Unido. Por isso, ou se adaptam a ela ou não venham para cá", enfatizado que os ingleses não iriam aceitar "vendedores de ódio, qualquer que seja a sua raça, religião ou credo", além de que "quando se trata dos valores essenciais - democracia, tolerância, igualdade, respeito pelo país e pela sua herança - é preciso estarmos unidos" e que “os imigrantes têm direito a serem diferentes”, mas "o dever de se integrarem". Por fim Blair disse que o multiculturalismo não deve ser abandonado: "Pelo contrário, devemos continuar a *celebrá-lo*." (TECEDEIRO, 2006). Apesar de que em 2011, o senador russo Margelov denunciou a falência do multiculturalismo como causa de tumultos provocados por imigrantes na Inglaterra (CAMBER, 2011).

2.5 - O processo de aculturação

Toda imigração pressupõe um processo de aculturação, o qual pode ser definido como o processo de troca quando grupos e indivíduos de etnias diferentes - no caso judeus europeus de diferentes nacionalidades e brasileiros - passam por contato constante uns com os outros, e há conseqüentemente mudanças culturais nos indivíduos (MÜHLEN, DEWES e LEITE, 2010).

O processo de aculturação é marcado de um lado pela influência das normas sociais dominantes na cultura e por outro, por uma afirmação de traços étnicos (BERRY, 2008). O processo de aculturação envolve diferentes níveis de modificações, sobrevivência, adaptação, dominação, resistência e stress (BERRY, 2006; LUECK e WILSON, 2011).

TECEDEIRO, 2006.

CAMBER, 2011.

MÜHLEN, DEWES, e LEITE, 2010, p.59-68.

BERRY, 2008.

BERRY, 2006.

Poutignat e Streiff-Fenart (1998) dizem que a noção de aculturação permite que se analise a integração dos imigrados como um processo dinâmico, de ajustes culturais, em que os imigrantes são os atores. As escolhas morais e éticas que são feitas durante a aculturação são determinadas pelo *Zeitgeist* ou espírito da época em que vivemos (CAMATI, 2009).

Além da etnia, a idade no momento da imigração e o contexto da saída do país de origem para imigrar precisam ser considerados (LUECK e WILSON, 2011), pois podem influenciar no processo de adaptação no país hospedeiro. Segundo Neto (2002) a aculturação tem dois níveis, um populacional e o outro individual. No primeiro os antecedentes são as características culturais internas e o contato com influências culturais externas que geram uma mudança cultural ou aculturação mudando o sistema social e cultural. No segundo, os antecedentes são as características psicológicas tradicionais dos indivíduos, que através de aculturação psicológica, as mesmas características individuais psicológicas sofrem mudanças, isto é, há câmbios na identidade, nos valores, no comportamento e nas atitudes. A aculturação psicológica é o resultado de um indivíduo estar em contato com outras culturas e de participar no processo de aculturação por que passa seu grupo étnico.

Mais especificamente o conceito de aculturação está dentro do estudo da Psicologia Intercultural, que é o estudo científico dos modos como forças sociais e culturais modelam o comportamento humano. Enfatiza a diversidade do comportamento humano no mundo e a relação do comportamento individual ao contexto cultural em que ocorreu (NETO, 2002).

POUTIGNAT E STREIFF-FENART, 1998.

CAMATI, 2009.

LUECK e WILSON, 2011.

NETO, 2002.

Nesse caso, judeus que viveram séculos na Europa antes da Segunda Guerra fizeram de tudo para integrar-se à cultura local, aprendendo o idioma do país no qual estavam instalados e investindo na educação dos filhos, levando a uma rápida ascensão social acarretando em significativas contribuições à vida científica e cultural às sociedades na qual estavam inseridos (LAQUEUR, 2007). E no Brasil tiveram que passar por um novo processo de aculturação em um contexto cultural distinto.

Na colônia de *Philippson*, por exemplo, judeus se aculturaram por vários sentidos, um deles foi terem aderido ao hábito de tomar chimarrão, embora considerassem esse hábito estranho. Um dos motivos que levaram a adquiri-lo foi o aspecto de confraternização, além de que era uma espécie de rito de iniciação, algo que os tornaria gaúchos. Houve a assimilação dos judeus pelo hábito de confraternizar em torno do chimarrão (SANTOS e BEZZI, 2009).

Considerações finais

Consideramos de extrema importância em primeiro lugar abordar o tema da Segunda Guerra Mundial, pois acreditamos que a pesquisa também é uma fonte para lembrar do holocausto, para que o mesmo não se repita. Em segundo lugar acreditamos ser relevante dar visibilidade ao fenômeno da imigração e da aculturação que faz parte da vida da maioria dos sobreviventes, se não de todos, que tem significação especial, já que na maioria dos casos a imigração foi forçada. E, conseqüentemente, refletir sobre a questão da identidade, dentro do judaísmo, sempre é esclarecedor, além de que sabemos, que as identidades judaicas passam por transformações contínuas, apesar de nunca perderem sua essência.

LAQUEUR, 2007.

SANTOS e BEZZI, 2009, p.156-162.

Sobre isso, o historiador Michel Gherman (2012), ao escrever sobre “Um violinista no telhado”, diz que seu autor, Sholem Aleichem:

(...) rompe com certos judaísmos e reiventa identidades que podem ser seculares, religiosas, nacionais, ou de várias outras naturezas, porém todas elas estão permeadas por influências externas ao judaísmo tradicional. São estas novas formas de “ser judeu que vão se inserir na modernidade (...). Assim, o povo do livro, se transforma em povo dos livros, das artes, do cinema, da política... enfim, de projetos transformadores cada vez mais universais e inclusivos.

Para finalizar, bem escreveu Isser Korik (2012):

O que é o Judaísmo? Religião ou Raça? Nacionalidade ou cultura? (...) Mas todos judeus são religiosos? Todos os judeus são filhos de judeus? Todos vivem em Israel? Todos falam hebraico? Ou *ídishe*? A resposta para todas essas perguntas é não”. E acrescenta: “Na verdade, o que define um judeu é sua própria identidade judaica. É se saber judeu. É se saber pertencente a essa cultura. (...) todos tenham uma história em comum. Espalhados hoje por todo o globo, judeus se preocupam com o que acontece em Israel, se encontram em Sinagogas, cantam as mesmas músicas, comemoram as mesmas datas (...) ele (o judeu) deve viver seu cotidiano, seu trabalho, suas relações familiares, comunitárias e sociais como qualquer cidadão, mas se dedicando a elevar o mundo material, dando sentido ético e espiritual a cada uma de suas ações. (...). A tradição, tão valorizada, não consiste em uma mera repetição sem sentido de hábitos que vieram das gerações passadas. É a tradição milenar, plena de conteúdos e significados (...), ao seguir apegados aos seus valores e à sua identidade, o povo judeu se mantém distinto, identificável, reconhecível como um “corpo estranho” dentro de qualquer sociedade. E passa a se equilibrar na estreita faixa entre o extermínio físico, estimulado pelas perseguições e preconceitos, e a extinção espiritual, causada pela absorção, a assimilação, a perda da identidade. Equilibrando-se entre esses dois fios de navalha, os judeus vem sobrevivendo há milênios.

Referências

- ACNUR, Alto comissariado das Nações Unidas para Refugiados. Recuperado em 27 de abril, 2011, de <http://www.acnur.org/t3/portugues/>, 2011.
- ALMEIDA, G., Exílios e diásporas: cartografias de gênero na contemporaneidade. In: Arend, Silvia M. F., Rial, Carmen S. d. M., e Pedro, Joana M. (orgs.). *Diásporas, mobilidades e migrações* (p.239-256). Florianópolis: Ed. Mulheres, 2011.
- BASTOS, José Gabriel Pereira. A mudança na cultura - identidade, interculturalidade e hibridação cultural. *Cadernos de Museologia*, n.28, 2007, p. 93-106.
- BERDICHEWSKI, Ivone Herz. A adaptação, segunda parte: Terra gaúchas. In Gladis Wiener Blumenthal (Ed.), *Em terras gaúchas: a história da imigração judaico-alemã* (pp. 39-60). Porto Alegre: Sociedade Israelita Brasileira de Cultura e Beneficência, 2001.
- BERRY, John W. Acculturative stress. In & L.Wong Wong (Ed.), *Handbook of multicultural perspectives on stress and coping*. New York: Springer, 2006.
- BURKE, Peter. *O que é história cultural?* Tradução Paula, Sérgio Góes de, Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2005.
- CAMATI, Anna Stegh. Ser ou não ser judeu: subversão de estereótipos raciais em o mercador de Veneza de Shakespeare. *Revista Letras*, n.77, 2009, p. 57-68.
- CAMBER, Rebecca. Daily mail, UK, acessado em janeiro de 2012, retirado de <http://www.dailymail.co.uk/news/article-2022670/The-gangsta-gunman-death-sparked-riots.html>
- CARMO, Márcia, Bispo que negou Holocausto é retirado de cargo. *O Estadão*, Recuperado em 7 de junho de 2011, de <http://www.estadao.com.br/noticias/vidae,bispo-que-negou-holocausto-e-retirado-do-cargo-na-argentina,320604,0.htm>, 2009.
- CRUZ, Natália dos Reis. A imigração judaica no Brasil e o anti-semitismo no discurso das elites. *Política e Sociedade*, v.8, n.15, 2009, p. 225-250.
- FAINGOLD, Reuven. O holocausto e a negação do holocausto. Recuperado em janeiro de 2012 de <http://www.reuvenfaingold.com/artigos/holocausto.pdf>, 2005.
- FALCON, Francisco José C. *História Cultural: uma visão sobre a sociedade e a cultura*, Rio de Janeiro: Campus, 2002.
-

- FEMENÍAS, Maria Luisa. Migración, Globalización y violencia: las construcciones identitarias. In.: Pedro, Joana M., Arend, Silvia M. F., e Rial, Carmen S. d. M.(orgs.). *Fronteiras de gênero* (p. 167-189). Florianópolis: Ed. Mulheres, 2011.
- GHERMAN, Michel, Um Violinista no telhado e Sholem Aleichem, *Um Violinista no telhado*, Ministério da cultura, 2012.
- GUTFREIND, Ieda, Imigração judaica no Rio Grande do Sul: Pogroms na terra gaúcha?, *Web Mosaica*, n.2, v.1, 2010, p. 84-91.
- GUTFREIND, Ieda, Jewish Colonization Association. In Wainberg, Jacques (coord.). *Cem Anos de Amor: a imigração judaica para o Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Federação Israelita do RS, 2004.
- GUTFRIEND, Ieda. A atuação da Jewish Colonization Association (JCA) no Rio Grande do Sul: A Colônia Philippson, *Web Mosaica*, v.1, n.1, 2009, p. 108-112.
- HALL, Stuart, Cultura Popular e Identidade. Que "negro" é esse na cultura negra. In. SOVIK, *Da Diáspora. Identidades e mediações culturais*, Liv (Org.) Belo Horizonte: Ed UFMG; Brasília: Representação da UNESCO no Brasil, 2003, p. 335-349.
- HOWES, Dustin Ells, "Consider If This Is a Person": Primo Levi, Hannah Arendt, and the Political Significance of Auschwitz. *Holocaust and Genocide Studies*, v.22, n.2, 2008, p. 266-292.
- IGLESIAS, Margarita. Cuerpos exilados o exilio de los cuerpos? Sociedad postdictatorial em el Chile. In.: Pedro, Joana M., Arend, Silvia M. F., e Rial, Carmen S. d. M.(orgs.). *Fronteiras de gênero* (p. 107-121). Florianópolis: Ed. Mulheres, 2011.
- JTA, Brazil approves Jewish studies agreement with Israel, Recuperado em fevereiro de 2012, de <http://www.jta.org/news/article/2012/01/15/3091186/brazil-approves-jewish-studies-agreement-with-israel>, 2012.
- JUNIOR, Lucio Jablonski. As questões demográficas, religiosas e culturais na Europa do século XXI: Imigração, multiculturalismo e o choque de civilizações. *Revista Direitos Fundamentais e Democracia*, 6, 2009, p. 1-20.
- KESTLER, Izabela Maria Furtado. Herbert Moritz Caro: exílio e vida no Brasil. *Revista Contingentia*, 2, 2007, p. 6-14.
- KORIK, Isser, ...Quem somos, e o que Deus quer que a gente seja, *Um Violinista no telhado*, 2012, Ministério da cultura.
-

- LAQUEUR, Walter (Ed.). *Os últimos dias da Europa: Epitáfio para um velho continente*. Rio de Janeiro: Lexikon, 2007.
- LESSER, Jeffrey (Ed.). *O Brasil e a questão judaica: imigração, diplomacia e preconceito*. Rio de Janeiro: Imago, 1995.
- LEWGOY, Bernardo. Holocausto, trauma e memória. *WebMosaica*, n.2,v.1, 2010, 50-56.
- LUECK, Kerstin, e WILSON, Machel. Acculturative stress in Latino Immigrants: The impact of social, socio-psychological and migration-related factors. *International Journal of Intercultural Relations*, 35, 2011, p. 186-195.
- MALERBA, Jurandir. Exercício de memória: interfaces com a história e a historiografia. *Hist.R.*, v.15,n.2, 2010, p. 373-391.
- MÜHLEN, Bruna Krimberg Von, DEWES, Diego, e LEITE, José Carlos De Carvalho, Stress e processo de adaptação em pessoas que mudam de país: uma revisão de literatura. *Ciência em Movimento*, n.24, 2010, p. 59-68.
- NETO, Octavio Ribeiro De Mendonça, CARDOSO, Ricardo Lopes, RICCIO, Edson Luiz, e SAKATA, Marici Cristine Gramacho, A Contabilidade a Serviço do Nazismo: Uma Análise da Utilização da Contabilidade como Instrumento de Exercício de Poder. *Revista de Contabilidade da Universidade Federal da Bahia*, v.2, n.2, 2008, p. 4-14.
- NETO, Félix Fernando Monteiro, *Psicologia Intercultural*. Lisboa: Universidade Aberta, 2002.
- PÓVOA, Carlos Alberto. *Da argentina para o Brasil: a imigração organizada dos judeus*. Paper apresentado nos Anais do X Encontro de Geógrafos da América Latina, 2005.
- POUTIGNAT, Philippe, e STREIFF-FENART, Jocelyne (Eds.). *Teorias da Etnicidade: seguido de Grupos étnicos e suas Fronteiras de Fredrick Barth*. São Paulo: Fundação da Editora da Unesp, 1998.
- REIS, Alice Casanova, e SCHUCMAN, Lia Vainer. A constituição social da memória: lembranças de uma testemunha da II Guerra Mundial. *Psicologia em Revista*, v.16, n.2, 2010, p. 388-408.
- RICCHEZZA, Giulio. *Hitler - O Sonho do Führer, o Pesadelo do Mundo*. Portugal: Parede, 2008.
- RODRIGUES, STREY, e ESPINOSA. Marcas do gênero nas migrações internacionais das mulheres. *Psicologia & Sociedade*,v.21,n.3,2009, p. 421-430.
-

- ROUDINESCO, Elisabeth. *A parte obscura de nós mesmos: uma história dos perversos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.
- ROITBERG, José, Hungria aprova lei que penaliza negação do Holocausto, *Comitê do Holocausto Brasil*, recuperado em janeiro de 2012 de <http://Holocaustobr.blogspot.com/2010/02/hungria-aprova-lei-que-penaliza-negacao.html>, 2010.
- SCHWARTZMAN, Simon, Fora de foco: diversidade e identidades étnicas no Brasil *Novos Estudos CEBRAP*, 55, 1999, p. 83-96.
- SHAKESPEARE, William (Ed.). *O mercador de Veneza*. Rio de Janeiro: Lacerda, 1999.
- SHERMER, Michael; GROBMAN, Alex, *Denying History: Who Says the Holocaust Never Happened and Why Do They Say It?* University of California, 2002.
- SANTOS, Maria Medianeira dos & Bezzi, Meri Lourdes, A manifestação da cultura judaica no território de Philippon/Santa Maria/RS. *Geografia: Ensino & Pesquisa*, Santa Maria, v. 13 n. 2, 2009, p. 156-162.
- TAKEMURA, Kazuko. Diásporas, sexualidade e tornando-se algo não existente. In.: Pedro, Joana M., Arend, Silvia M. F., e Rial, Carmen S. d. M.(orgs.). *Fronteiras de gênero* (p. 153-165). Florianópolis: Ed. Mulheres, 2011.
- TECEDEIRO, Helena, Atentados de Londres fizeram repensar o multiculturalismo Diário de notícias, Portugal, acessado em janeiro de 2012, retirado de http://www.dn.pt/inicio/interior.aspx?content_id=649826, 2006.
- TEDESCO, João Carlos, O Gênero na Imigração: Redefinições de Papéis e Dinâmicas Étnicas. *Revista Latino-americana de Geografia e Gênero*, v.2, n.1, 2011, p. 44-55.
- TELLES, Norma. Memórias do fundo do poço. In.: Pedro, Joana M., Arend, Silvia M. F., e Rial, Carmen S. d. M.(orgs.). *Fronteiras de gênero* (p.89-105). Florianópolis: Ed. Mulheres, 2011.
- WANG, Diana, *Los Hijos de La Guerra: La segunda generación de sobrevivientes de la Shoá* (Vol. 1), Buenos Aires: Marea, 2007.
- WELCH, David. Hitler - Perfil de um Ditador, 2000.
- ZAMBERLAM, Jurandir. *O processo migratório no Brasil e os desafios da mobilidade humana na globalização*. Porto Alegre: Pallotti, 2004.
- ZOHAR, Itamar Even, O surgimento de uma cultura hebraica nativa na Palestina (1882-1948), *Caderno de língua e literatura hebraica*, n.1, 1998, p.13-32.
-

Bruna Krimberg von Muhlen

Marlene NevesStrey

**Brands of Acculturation in Immigration Process of Second World War Survivors in
Southern Brazil**

ABSTRACT

This study is an ongoing dissertation in social psychology, which research started from an interdisciplinary way, through acculturation studies from Cross-cultural Psychology, focusing on that migration context drives changes in attitudes and identity. We took Jewish survivors of the Second World War immigration in South of Brazil as a starting point for our research, since the migration of this ethnic group is poorly studied. It's a very complex immigration because the Second World War survivors are more vulnerable to experience stress of acculturation. They lost families, homes and most of them everything but their lives. This work consists in a documentary analysis of interviews with Jewish survivors' immigrants performed by the Jewish Cultural Institute Marc Chagall in *Porto Alegre*, Brazil. As a result we found that these immigrants and their descendants have gone through a process of acculturation in which their ethnic identity gradually acquired new brands from a new social construction from this international migration.

Key-words: Second World War survivors, Jewish Immigration and Acculturation.

Currently several projects are being conducted by many institutions that aim register, by collecting oral records, the experiences of people involved in major trauma. And the theme that opened this type of work, called “testimonial movement”, was the Holocaust. Such traumatic events offer a unique opportunity to study the past (Ferreira, 2006).

Studying the experiences of acculturation of the few European Jews who survived the Nazism, interests in particular. Specifically Holocaust survivors who were in concentration camps and those who managed to escape persecution and immigrated to Brazil, before or after war. Of these only four or five are still living in *Porto Alegre*, where this research was conducted.

Accordingly, the objective of this research was to understand how was the process of acculturation of three immigrant men and one immigrant women, from Europe to Brazil, as survivors of the Second World War, and who are still alive, living in *Porto Alegre*, having as object the following questions: what were the differences and similarities that immigrants found in their integration in Brazil, compared to its ethnic context in Europe before and during World War II? How did happen their insertion in the Brazilian cultural context, taking into account the processes of immigration and acculturation?

Method

This research has a qualitative approach, in which one works with interpretations of social realities, emphasizing the significance of the data collected and the importance of the social context in which they were cast, playing the corpus and generating meaning (Allum, 2002), through an documentary analysis.

Sources or documental archives are any personal records or iconic belongings. In this study data were collected in Marc Chagall Jewish Cultural Institute of *Porto Alegre* (ICJMC), which has filed documents of Jewish immigrants. Documents to perform data collection were produced by ICJMC, which prepared the project called Preservation of Jewish Memory, by recording interviews of Jewish immigrants in *Rio Grande do Sul*, transcription and archiving in the Oral History Collection, plus a file of documents - including videos and Photographs (Chagall, 1992).

So, the starting point was the contact with the ICJMC. Such interviews are to the researchers interested in developing studies of the Jewish people. All documents have only local consultation.

As the object of this research is a specific part of the survivors' lives that involves acculturation in the immigration process, we use clippings of these life histories for analysis. Therefore the analysis of documents is appropriate, providing information about past occurrences that are not directly observed (Calado & Ferreira, 2006).

All archived interviews and other documents used, present a Consent Term signed by each respondent who collaborated or collaborates with his testimony. In our analysis of the documents were taken all measures to ensure no identification of any person whose documentation was read, studied and analyzed.

Documents Analysis through Discourse Analysis proposed by Rosalind Gill (2002) works with the meaning of the speech and not the content of the text, searching the effects of meaning related to speech and is concerned with understanding the meanings the subject manifests. According to Gill (2002) there are many styles of discourse analysis, but all defend the importance of discourse in the construction of social life, characterized by conflicts of various kinds. The term discourse refers to all forms of speech and all kinds of texts. A

discourse analyst is interested in the text itself, and sees every speech as a social practice, embedded in a context, and not in a social vacuum (Gill, 2002).

Results and discussion

The corpus of this study consists of one autobiography, four transcribed interviews and two recordings, previously collected by ICJMC, focusing on the experience of war and immigration. From these documents we seek to explore issues of identity and culture present in the life stories of these survivors.

Survey participants are: Hana, who was born in Eastern Europe, close the Russian border, in 1923; Moses, who was born in 1928 in a small town to the south, in Hana's same European country; Benjamin, who was born in 1936 in a small town, in a country of northwestern Europe, and Samuel, born in 1929, in a central European country, but after war, from 1946 until 1958 he lived in another country in Western Europe, where he was naturalized. Although the names used here are fictitious, they were chosen from names commonly used by Jews in Brazil.

The war and the issue of identity

Identity is understood here as a meaning source and an experience of a group. The groups are differentiated by language and culture that represent them. These distinguishing features are the sources of meanings defined by the people themselves, showing that we are not born with an identity and it is a social construct that depends on the culture in which each person belongs. Therefore, identity is a process of continuous construction, always remaining

unfinished (Pedro, Ferreira, & Moraes, 2009). The war has effects on this construction, as shown below.

Anti-Semitism has gained force when, in 1935, the Nuremberg Laws changed the daily life of the Jews in doing that they lost their citizenship, forbidding them to relate to non-Jews (Weinberg, 2004). And Jews who were persecuted by the government of their country, but managed to immigrate, may be called refugees, as they sought to protect their life in other countries. Those who immigrated after war, no longer suffered persecution in their own country, at least not officially and they could be configured as economic migrants, seeking better economic conditions because Europe was almost destroyed. In theory, they back to be considered citizens, and therefore, supposedly, have rights of protection. We noticed that in the history of the four survivors.

Hana was integrated into the Jewish community. Her grandparents had kosher kitchen. His father was a traditional Jew who maintained traditions. They used to celebrate Shabbat and go to synagogue on religious holidays. Hana felt aggressions of colleagues in public school where she studied and teachers gave lower grades to Jews. So her parents put her in a Jewish school that had classes on Sundays. Upon returning home she used to listen "Jew! You are studying today!" After Hitler's rise, anti-Semitism became more aggressive and direct and even the janitor of Hanna's building persecuted her family; the janitor's daughter said to Hana that she couldn't talk with her anymore because she was a Jewish girl.

In the same country, Moses lived in a *shtetl*, where there were many Hasidic (religious), rabbis. His parents were very religious. They also suffered from anti-Semitism.

Already in northwestern Europe Benjamin lived with his parents and sister. The paternal family was not religious, whereas the maternal family was religious. Every evening they used to pray and traditional Jewish dates were celebrated. The first memory he has of

Nazism was the fact of having to change to a Jewish school, away from his home because Jews were no longer allowed to study in public school. His father was supposed to be promoted to be the school director, but other man was named due to anti-Semitism.

Samuel lived in Central Europe. He used to go to the synagogue in the Jewish Holydays. Until he was expelled from public school, he had no idea what was anti-Semitism. He was expelled because he had some disagreements. When someone called him a Jew, he fought. Then he also went to a Jewish school, away from home.

Thus, the pre-war Jewish identity was related to being religious; attend a synagogue, celebrate Jewish feast dates and pray. This until begin to chase and be expelled from schools, being rejected by teachers and lost job opportunities, all because of prejudice against the Jewish identity. In Germany, during war, social representations were accentuated by the discriminatory Nazi society around the Jewish identity (Tedesco, 2011). The Jews of that period were characterized by the imperative of geographical displacement and problems in relation to religious identity. The objective was to survive the persecutions, the possibility of extermination practiced by the Holocaust, the loss of family, friends, properties, dignity, deportations, citizenship, among others, and the solution was to break with their origins (Lesser, 1995), as we perceive in the survivors stories.

Hana was the only one that was already in Brazil during war, managed to escape with family from persecution before 1939. Moses, during war, was with his family, living in a ghetto. They were forced to wear the David Star for identification. They were confined in a space with a capacity of 5,000 people, but where there were placed 40,000. They were forced to do hard labor. Their belongings were confiscated and food was rationed. In 1943, his parents and his sister were taken to Auschwitz, and sent to the gas chambers. His two sisters and the brother, who remained, were taken to concentration camps. Moses was taken to the

labor *Markstaet*camp. They were housed in wooden sheds. He was no more called by his name, but by the number he received. In early 1944 he was taken to the *Finfteichencamp*. In mid-1944 he was taken to the camp in the town of *Goerliz* where from 500 prisoners, remained 80, including Moses.

Samuel was deported from his hometown in 1941, to the Lodz ghetto, where his father died due to health problems and lack of food. Samuel and his mother were deported to Auschwitz; his mother was sent to the gas chamber. Samuel was tattooed and became a number too. When the Russians started to get close, they were sent to other camps: First to *Mauthausen* and then to *Sachsenhausen*. The Germans who took care of the camp, besides SS, were criminals and considered superior to Jews.

Benjamin, during war, had the most peculiar fate. In 1941 the Nazis called his father to submit to a "job", but he was killed. So he and his sister were taken by the mother to a non-Jewish family, where they spent two nights. Then they were taken to another family, where he saw a former classmate. For safety, he could no longer leave the house, and were taken to a third family. Nearby was a hotel occupied by Nazis, who could not see Benjamin. So once again there was suspicion of some risk, and they had to move home again. Another time, they passed through another family. After that, they returned for the third family. Benjamin was instructed on what to say if he ever were stopped and questioned: This family was his uncle and aunt. His parent died. Even a non-Jewish surname was invented. With time he forgot prayers in Hebrew. Both the second as the third family were Protestants. They used to read the Bible and celebrate non-Jewish dates. In half of those years in hiding, his mother rode 150 km to see their children after two years without seeing them. She visited them for a few hours, and then went away again.

Thus, during war being Jewish was have to flee, hide, be deported, confined to ghettos, having to wear David Stars, and have as their final destination, the camps. Being Jewish was starving, feel cold, and lose family; being Jewish meant being near death.

Cultural identities are not rigid or immutable. They are transient and fleeting results from processes of identification with the culture in which each individual is inserted (Gregolin, 2008). According to Hall (2005), win the world result in an immigrant insertion in fragmented identities, multiple and decentered, implying in elements to think about the flexibility of boundaries in the construction of identity. Femenías (2007; 2011) advocates a complex identity, it means, a construct that does not correspond to fixed traits, determinants and independent of the experiences of individuals, but depends on the own experiences and reference groups, in constant restructuring and motion, in continuous dialogue with the environment and oneself, thus, the identity implies beliefs, customs and lifestyles not static. Also notice that in survivors' lives.

After war Hana was already in Brazil, as we have seen, she worked in a place where the manager was a Jewish, showing the search for the reference group with same identity. Already Benjamin wanted to stay in that third family. His God was divided between Jew and Christian, and sometimes he wondered if God existed. After war he returned to live with her mother and sister. He felt uneasiness related to everything that was Jewish, in the same time he felt the duty to be happy because he survived. He had to keep busy to not remember the time of war. At the first town where he lived in South America, he teamed up with Israeli Congregation, but felt uncomfortable in joining Jewish institutions. He married a Jewish woman and raised their children according to Judaism. In 1968, on a trip to Europe, he visited a Jewish cemetery, and was thrilled with music from their country of origin. The name chosen for his son meant "the small, poor guy that got there." In the 1990s he saw several survivors

who had never before spoken about war, writing books, telling of the aftermath of World War II, and realized that he was not the only one who just "now" could see and face trauma. So he realized that for decades have not lived but survived. For him "the survivor does not support the memory of yesterday, cannot think about today and life always runs after tomorrow." He received a letter from his "Sister of war", saying that for years she had a sister and a brother, and that after war, they suddenly disappeared. He visited the camp where his father was dead, to live the mourning and "bury him". But he felt an orphan for life. Months later was the Bar Mitzvah of his son, which made him feel that he was following the tradition of passing the message from generation to generation. In 2003 he contacted the administration of the law of the Persecuted Disbursements and received a positive response. That left him relieved, not so much for the money, but because he touched on a subject that cannot move for years; and so he achieved his greatest wish: Peace of Mind. One day he was invited to a Christmas night in a church, and became emotional as he recalled the Protestant culture that he was educated in that third family he lived during the war. Today if he feels like going to synagogue, he goes; if feel like going to church, goes. If feel like identify himself as European, he does; if feel like to identify with Latino culture, does. But he does not want to be presented as a Jew European, but as a European Jew.

Through the Social Identity Theory, from the School of Bristol, we understand Jewish identity as likely to conflict between belong in groups. If the identity results from the awareness of belonging to a group and not to another, that is, for Jews living in the Diaspora, there is a double belonging: to the Jewish community and the specific nationality to which they are linked by immigration and such duplication is often experienced in a conflictuous way (Barlach& Pezo, 2008).

The exile, migration or Diaspora is directly linked to nationalism (in the sense of belonging to a place, heritage or people) and stands in opposition to this by the feeling of estrangement and by the frequent emptying of the feeling of belonging, as in the case of Benjamin and Samuel. So soft and provisional identities emerge, and new perceptions of nation and nationality, re-signifying national in a transitional context, by constructing more fluid spaces (Almeida, 2011).

The cultural traits that mark a boundary of an ethnic group may change, and cultural characteristics of the individuals in the group can be transformed. According to Huntington (1997, cited by Junior, 2009) flags and other symbols of cultural identity are important because culture and cultural identity is what is most meaningful to most people. People are finding new identities, and yet old, parading under new flags, but often old.

Samuel realized that war ended when suddenly there was no more German in *Lubeck*, and French Jewish officials, along with American Joint, took them to France. He had found his brother and sister. But when his brother came to visit him, no one knew what to say, because they were seven years without seen each other. He lived from 1946 to 1957 in Western Europe. Went to live with her aunt and uncle, but did not accept the authority of anyone. After everything that happened, lived from 12 to 17 years as a hunted animal, he felt revolted. Samuel does not miss his homeland. After war, he went several times there for work, and he had family there. In 1955 he worked there almost a year. Had a health problem and went to the doctor, who told him that he had ulcers and should operate, but he sought a second opinion, who told him: "you are not sick, when you leave this country will no longer have a problem." He left there and had no further problems really. For Brazil has no patriotic spirit. At this point he never identified with any country.

Concepts of purity ethno-cultural or national subordination to hegemonic cultures prevailing in Nazi Europe were emptied. Brazil, for groups persecuted by prejudice, is the place of mixture and ambivalence, because even in an era where "bleaching" was present, alleviated many Jewish refugees, who were able to resume and strengthen individual identities and freely constructed in opposition to rigidity imposed by the Nazi regime. Even those who felt that being Jewish was just a part of their multiple identity, often being the smallest part, than, for example, being German (Schpun, 2011), were not spared. That's what happened to Samuel.

Samuel transmitted to their children a Jewish liberal education, said that the important thing is question, not accepting. His family is not religious, but he wishes that future generations knew Judaism. He never wanted to talk about the Holocaust, but concluded that the worst is forgetting everything, as some people say it did not exist. The memory must be kept alive in every possible way.

Given that the construction of social reality is eminently symbolic, in relation to the consciousness of the survivors as agents, of how they represent themselves and the world, not means that they live in full consciousness of its determinations, since everything that constrains themselves, delimits the field of possibilities to act and represent (Chartier, cited by Falcon, 2002).

Moses, when the Russians bombed the city he was in, hid in a bunker and was saved. The *Haganah* (Israeli army in formation) took him to the hospital Rothschild in Vienna and then to Bad *Reichenhall* in Bavaria. From there he went to Munich, with the help of *Unra* and Joint (American organization supporting the Jewish survivors of war). In 1947 moved to a town near Hanover, where they remained until 1950. His brother and sister went to Israel in 1948 with the ship *Exodus*. His other sister went to the United States, and Moses chose Brazil

because in the U.S. he would have to fight in the Korean War. He wanted to work, and so, a Jew began to help another.

When an immigrant lacking possessions and government support comes to a new country, the first need is to find a place to sleep, eat and work. These steps should be addressed immediately, not wait days or weeks (Blay, 2009). The Jews came together, and contacted each other. To survive, immigrants needed community (Blay, 2009). If a Jew cannot adapt, seeks a Jew who lives there. To solve the first problems, it was important to relate with other Jews, insert themselves into the community, bridge to the establishment in the new country. After months, or years, other emergency presented itself: build a family. The economic success could wait: find a mate was priority (Blay, 2009), as noted in the history of the survivors.

Moses was told that his brothers were alive. He traveled and met them. They found an uncle who helped them, and together they went to their hometown, which was destroyed. In 1946, Moses and his brothers went to the city of *Bendzin*. They stayed in a kibbutz. There taught Hebrew and Judaism, to bring Jews to Israel. From March 1950 until the end of 1951 he lived in Munich, in a Jewish neighborhood. In Argentina, Bolivia, Sao Paulo and *Porto Alegre*, when he arrived he looked for the Jewish quarter, to feel at home. In Brazil worked in the factory of a Jew. The Jews who immigrated to Brazil after war were called "*Grimberg*", like new. In 1960 he was naturalized Brazilian.

On the Solemnity of the International Day in memory of the Holocaust, in *Porto Alegre*, as representative of the last survivors alive, said that all the suffering that was passed by Jews was only because of being Jew. And being Jew is fighting for life.

After war ended, all survivors, in different ways, kept their Jewish identity, but all of them, somehow, had their identities strongly influenced by the war experience.

Being Jewish after war meant restart, immigrate, doubting whether God existed. Was be afraid of being Jewish, being guilty of having survived. Living with trauma, but also pursue peace, fight against war memories. It meant not having more family and having to get married to have a family again. It was face trauma. Was trying to live and not just survive. It was waking up from a nightmare, but not having anywhere to go. Was to seek help from other Jews, seeking work, try "being human again." Was be changed and do not identify with any place, do not belong to nowhere.

Thus, Jewish identity in the Diaspora was transformed in all survivors. Hana and Moses feel Brazilian Jews. Already Benjamin and Samuel prefer to be recognized as European Jews. About this, Lesser (2001) found that being a Brazilian Jew or a Jew Brazilian is not the same thing, however, these two notions co-exist simultaneously, often in the same people. Showing that identity is always incomplete, open to change (Femenías, 2011), mainly influenced by culture.

The Culture in Europe and in Brazil

Culture is a system of interrelationships between the individual, social and historical processes of collective behavior in a cut of time that make possible cultural products, which include artistic, daily, scientific, technological and folk demonstrations, varying in each culture. The fact that human beings see the world through their culture has resulted in the tendency to consider their way of life as the most accurate and most natural. This trend, called ethnocentrism, is responsible for, in his extreme case, the occurrence of numerous social conflicts, like Nazism of Second World War, which led to the immigration of Jews to other cultures (Noriega, Carvajal & Grubits, 2009).

In the city where Hana lived in Europe, there was a very large Jewish community and many synagogues. In school she had classes of German as a second language, although there has always been hatred between Germans and people of the nationality of Hana. Jews attended theaters and concerts, and this was part of the educational process in her country. The only thing she thanks to her native country is the education. In her hometown teaching was excellent, the knowledge in terms of art (theater, music, art) was of good quality and a rich cultural life.

The issue of education was considered a key part of this cultural group. Language is the main cultural code that allows communication between people. And from the ninth and tenth centuries, Yiddish, the language of the merged Hebrew, German and medieval Slavic languages, was the main language of communication of Ashkenazi Jews, as realized in the survivors' stories. *Yiddish* is a language identified by some studies as part of Jewish identity for Jews coming from Central Europe. And the *ladino*, a language for Jews from *Sefarad* - region of Spain and Portugal. The language occupies predominant place for a people scattered in the Diaspora (Barlach& Pezo, 2008).

In the same country of Hana, in another city, Moses' family also spoke Yiddish. He studied in a public school that had few Jews. Teachers and peers were anti-Semitic. Envy was strong, because the Jews were wealthier, and the Church spread anti-Semitism, from Moses viewpoint. The religion came first of everything. In his hometown all Jews were religious. A goy (non-Jew) could not go to the synagogue, Jews and non-Jews did not marry each other. They felt more Jews than Europeans. The Hasidic (religious Jews) commanded the community. They made charity without wanting anything in return, different than Brazil. After the war in their country, followed by killing Jews.

Samuel was also born in a city with large and active Jewish community. His father was a store manager until 1933, when he was fired in the Hitler government. In 1938 his brother and sister went to a country in Western Europe, where his father's cousins were willing to stay with them, but Samuel was the youngest and too small to be sent. And he ended up in a concentration camp.

Where Benjamin was born there were two Jewish communities. In his school he had no friends. There was a saying that reflects the culture of his country, "talking is silver, silence is gold." If everyone knew how it was World War II, there was no point of everyone whimper. That's why he took so long to talk about his war experience. In his country culture was different from Brazil, the laws were followed.

The elements that represent the Jewish culture are diverse. In the new homeland Jews brought in their luggage cultural elements making explicit the desire they had to express and celebrate their rituals in the new space (Santos & Bezzi, 2009). So while immigrants bring with them habits and values of their home countries, they adopt transnational practices, merging the source with the Brazilian looking to recreate a familiar environment and deal with adjustment difficulties (Rial&Assunção, 2011).

Before Hana was born, her father was in Brazil. When he arrived in Brazil the Brazilian anthem was played and a "black man" took his hat and said him to stand up. Her father was touched by his kindness, because if it was in Europe, would have given a slap on him. Her father loved Brazil and soon adapted to the new country. After years of living in Santos/SP, after the first war, he returned to Europe and met her mother. After Hanna was born her father always dreamed of returning to Brazil. Because even in restaurants in Europe, the people said: "Jews undesirable." Her father immigrated in January 1939. The money that Hana's mother had saved was to buy the tickets and arranged to buy clothes to live in Brazil,

because where they were there wasn't the habit of get well dressed. Even in the theaters at night they dressed uniform. Hana, her sister and her mother arrived in August 1939 in Brazil. The father was hired by a firm of a Jew, and was part of the Israelite Congregation, where they had Portuguese classes. Later, Hana went to college. She followed some habits of her native country, such as food.

The food tradition is very strong in Judaism, and the surviving immigrants brought their traditions when immigrated. The food is another expression of Jewish culture and identity, with grandmothers teaching granddaughters, mothers and daughters gathered around a flavor and its own knowledge, distinguished and distinctive in the region to which they belong, but only because it pertains to the same people or knowledge. There is a food for every occasion, linked to what one is celebrating: fried cakes in oil to commemorate the miracle of the oil (Chanuka, when the oil light lasted much longer); milk and honey for a sweet reminder of the grant of the Boards of Law to Moses; on Passover unleavened bread, as it is written in the Bible, "will eat unleavened bread in a holy place" in memory of the deliverance of the Jews from slavery in Egypt (Barlach & Pezo, 2008).

Like Hana, Moses also heard that Brazil was a paradise. But Jews had difficulty getting visas. So, he went first to Paris to get a visa for Bolivia, that in his opinion, was a corrupt country and was giving, easily, a visa. Arrived in La Paz and thought : "Where am I going?", "Jew look for Jew." His area of living was in the Jewish quarter. But then Bolivia had a revolution every year, an inflation was rampant, there was instability and corruption, and he spoke Yiddish, but not Spanish. Decades later he got a visa for Brazil.

The difficulty of getting visa was due to concern about the ethnic formation in Brazil, permeated by the search for a national identity. Between the 1920 and 1940 Jews, Japanese and Germans, were objects of study for the formulation of Brazilian ethnic type. The concern

intensified in the 1930s with the advancement of racist and imperialist thought influenced by the Nazism. Between 1819 and 1947, the country received about 4.9 million immigrants (Cross, 2009; Kreutz, 2010).

The visa to immigrate to Brazil was achieved years later by Moses, Samuel and Benjamin. Well apart from the identity, when immigrate, transform with time, representations about different categories of immigrants (whether by race, national origin, religion or gender) are transformed. (Green, 2011)

The transformation of Moses occurred in relation to language, because before learning Portuguese, he spoke Yiddish. In his native country, Jews could not have land, so most of Jews worked with commerce. In his country he was first Jew and then European. The *shtetl* was Hasidic. In Brazil he entered the Brazilian culture "normally". He was used to travel around the world and concluded that he had to fit in the place where he was. In *Porto Alegre* went to the Jewish quarter, where have a small community, and he has adapted because did not intended to be alone. In Brazil he feels like Brazilian first and then Jew, and thinks that Brazilians consider all equal. He married and had children, and all family live according to Judaism. He feels anti-Semitism, but less than Europe because there are too many immigrants in Brazil. In Brazil people marry with people of different religions, different from his country of origin.

However the four survivors married Jews. Marriage between Jews incorporated diverse experiences and values, such as those brought from countries of origin. This synthesis resulted in the new Brazilian Jewish families. The marriage between immigrants Jews took place, in most cases, besides with partners of their own ethnic group, with partners of the same national origin, who identified themselves because they followed the rules brought from the country of birth, which varied according to the customs and local ties with the Jewish

religion. Behind these choices, there were a sure to find a partner whose values and behaviors would be similar, if not identical, to the partner: compliance with religious rules, the organization of the home, children's education, communication in a common language (Blay, 2009). Weddings interethnic evidence that ethnicity also migrates and so ethno-cultural territories are produced, reproduced and mobilize with the migratory dynamics (Tedesco, 2011).

Benjamin immigrated twice and had no idea what it meant to go to South America, with another language and culture. One scale, from the ship, was in Rio de Janeiro, and when he saw *Corcovado*, he had the impression that he was saying "welcome and see all the beautiful things we offer". On the scale of SP he already perceived the reality from Brazil, when he saw a victim of fatal car accident. And in the scale in *Porto Alegre* he played football. So he went to the final destination, where would live before Brazil. A first experience that contrasted with Europe, in South American, was bureaucracy. Also remember the pension that he stayed, where the owner of the pension spoke Yiddish, and the first meal was *Nudelsuppe*, but when questioned what was that, the owner of the pension said, "it is called like this all around the world, how come you do not know?" . Demonstrating that despite the Jewish communities from the outside appear homogeneous, are heterogeneous with diverse food traditions, political orientations, religious, socioeconomic and educational classes, and various national origins. Even so, among the Jews, it is created an Ethnic bond (Blay, 2009).

Benjamin spoke no Yiddish, and after a year already spoke Spanish. Since got the first job, tried to integrate socially and culturally in the community, but their mental confusion was increased by the difficulties of adapting to the new culture. So he made friends with who had cultural traits in common. In his country of origin, sex was only for procreation, unlike Brazil.

As had no Latin American citizenship, when he needed to leave the country to work, had to ask for a visa to return. Realized in these trips throughout Latin America, that the gap between rich and poor is huge and prejudice too. In 1969, due to businesses that went badly, decided to move to Brazil, *Porto Alegre*, where assumed the role of director of the company where he worked. Since he came to Brazil for work, had to adapt. He had no option to like or dislike the country, he had to work. He agreed to come to Brazil when looked at the map the size of the country. In the 1980s was already "acclimated." At that time, only used his native language to write letters to his mother or to speak with friends of same nationality. He felt that Brazilians also have prejudices, but learn to live with. He does not understand the existence of different trends of Judaism in *Porto Alegre*, believing that unity is strength. Noticed that inherited cultural facets of the family that hid him for longer in Europe.

Already Samuel, after war in Europe was not happy, and after years of working in a country in Western Europe went to South America. He wanted to go to Uruguay, which until 1960 was called the Switzerland of South America for its economic stability, and social policy. However the factory that worked in Europe, needed someone in Brazil, and got the letter guaranteeing employment visa. In this firm people were Jewish. The barriers that he encountered were at work. But he has adapted and changed for that, and feels repatriated. He used to speak Yiddish, before learned Portuguese. Came to work, but he is still working for living; unlike Europe, where he worked for 12 years and receives retirement. He sees this as one of defects of Brazil, but nowhere is perfect, and the country was good for him and thinks he's being right.

From survivor's life's histories, is evidenced that the acculturation process occurred gradually in the course of time. An example of this process refers to abandon Yiddish and adopted Portuguese. Although Jews have a defined identity, the survivors lived the process of

acculturation abandoning some customs and habits that shaped the Jewish community in their homelands, and acquired other cultural elements in Brazil.

Final thoughts

There is a growing interest by researchers about memories of Holocaust survivors and World War II, which occurs at a time when these traumatic events are no longer part of living memory. This interest in historical memories probably occurs because there is an acceleration of social and cultural changes that threaten identities, to separate what we are from what we were (Burke, 2004).

Besides memory work, rescue, giving voice to trauma, there is an effort of theoretical and critical elaboration about identities. There is an important statement that holds much to do with the concept of psychosocial identity: after the Holocaust, the recognition of Jews to their Jewish identity was great. If, before the Holocaust, to be accepted socially implied deny Jewish identity, then change can be seen in proliferation of autobiographical publications of survivors (Barlach& Pezo, 2008).

Surviving Jews migrated to another economic, political and social reality. Cultural identity, being a dynamic process is modified over time and in historical context, seen in assimilations of new customs and traditions in the new territory. The cultural aspect also undergoes transformations from one generation to another within the same culture. At the same time that Jewish cultural identity was preserved through celebrations and rituals that were performed in Europe before immigrating and which are still held in Brazil, with some changes due to process of acculturation, which occurred over time.

As events recede in time, lose some of its specificity, it means, to be elaborated, memories, pervade unconscious and become fit in recurring general schemes of culture. Such schemes help perpetuate memories, but at the cost of distortion (Burke, 2005), which could be considered a limitation of studies with survivors of WWII, but no less important and necessary. After all, according to Burke (2004) we still live in an era of ethnic conflict, and unfortunately, it is more common that we see these conflicts in history. Therefore we cannot forget such conflicts, and memory plays a key role.

Thus war trauma in memory are developed on a notion of confession in search of the truth of self (Telles, 2011), as seen in biographies of survivors. And this study also had a connotation of writing another experiment to try to understand another experience, if not traumatic, at least stressful, that it was immigration.

Perhaps by having borne the pain of war and immigration, that they could not change, that these four survivors did not die, as said Almeida (2011): "What cannot be changed must be endured." War offers a lesson of darkness as a gift irreversible to death (Minh-ha, 2011). And escape death was not possible for 6 million Jews. So the guilt is so common among those who survived.

The horror experienced by survivors, their elaboration and work of trauma can be thought, but what interested in this research is that testimony has an important social function: remember what happened, not forgetting which group one belongs (Barlach & Pezo, 2008). And even more, giving visibility to what has been overlooked: the phenomenon of immigration.

Referências

- Allum, N. (2002). In Martin W. Bauer; George Gaskell (Ed.), *Pesquisa Qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático*. Petrópolis: Vozes.
- Barlach, L., e Pezo, M. (2008). A identidade Judaica: Uma identidade religiosa? *Estudos de Religião*, Ano XXII, n. 34, p.184-194, jan/jun.
- Calado, S., & Ferreira, S. (2006). Análise de documentos: método de recolha e análise de dados.
- Chagall, Instituto Cultural Judaico Marc (1992). *Imigração Judaica no Rio Grande do Sul* (Vol. 2). Porto Alegre.
- Cruz, N. (2009). A imigração judaica no Brasil e o anti-semitismo no discurso das elites. *Política e Sociedade*, 8(15), 225-250.
- Falcon, F. (2002). História Cultural: uma visão sobre a sociedade e a cultura, Rio de Janeiro: Campus, 115p.
- Gill, R. (2002). Análise de discurso. In Martin W. Bauer; George Gaskell (Ed.), *Pesquisa Qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático*. Petrópolis: Vozes.
- Hall, S. (2005). A identidade cultural na pós-modernidade. [s.d.]: DP&A (1992).
- Junior, L. (2009). As questões demográficas, religiosas e culturais na Europa do século XXI: Imigração, multiculturalismo e o choque de civilizações. *Revista Direitos Fundamentais e Democracia*, 6, 1-20.
- Kreutz, L. (2010). Escolas Étnicas no Brasil e a formação do estado nacional: A nacionalização compulsória das escolas dos imigrantes (1937-1945). *P O I É S I S*, 3(5), 71-84.
- Lesser, J. (2001). Jewish Brazilians or Brazilian Jews? A Reflection on Brazilian Ethnicity *Shofar: Interdisciplinary Journal of Jewish Studies*, 19(3), 65-72.

- Lesser, J. (Ed.). (1995). *O Brasil e a questão judaica: imigração, diplomacia e preconceito*. Rio de Janeiro: Imago.
- Minh-há, Trinh T. (2011). Milhas de estranheza. In: Arend, Silvia M. F., Rial, Carmen S. d. M., e Pedro, Joana M. (orgs.). *Diásporas, mobilidades e migrações* (17-34). Florianópolis: Ed. Mulheres, 326p.
- Pedro, H., Ferreira, A., & Moraes, V. (2009). Notas sobre identidade: identidade no contexto contemporâneo *Revista Eletrônica de Ciências Sociais*, 3(6), 232-239.
- Reis, A. , & Schucman, L. (2010). A constituição social da memória: lembranças de uma testemunha da II Guerra Mundial. *Psicologia em Revista*, 16(2), 388-408.
- Rial, C.; Assunção, V. (2011). As viagens da comida: notas a partir de etnografias de brasileiros emigrantes na região de Boston e com futebolistas que circulam no mundo. In: Arend, Silvia M. F., Rial, Carmen S. d. M., e Pedro, Joana M. (orgs.). *Diásporas, mobilidades e migrações* (p.191-220). Florianópolis: Ed. Mulheres, 326p.
- Schpun, M. (2011). Corpo *versus* texto. Margarethe Levy e Aracy de Carvalho: entre a Alemanha nazista e o Brasil da Era Vargas. In: Arend, Silvia M. F., Rial, Carmen S. d. M., e Pedro, Joana M. (orgs.). *Diásporas, mobilidades e migrações* (p.79-101). Florianópolis: Ed. Mulheres, 326p.
- Tedesco, J. (2011). O Gênero na Imigração: Redefinições de Papéis e Dinâmicas Étnicas. *Revista Latino-americana de Geografia e Gênero*, 2(1), 44-55.
- Telles, N. (2011). Memórias do fundo do poço. In: Pedro, Joana M., Arend, Silvia M. F., e Rial, Carmen S. d. M.(orgs.). *Fronteiras de gênero* (p.89-105). Florianópolis: Ed. Mulheres, 328p.
- Noriega, J. A. V., Carvajal, C. K. R. and Grubits, S. La Psicología Social y el concepto de cultura. *Psicologia & Sociedade*, 21 (1), 100-107, 2009.

SOBREVIVENTES DA SEGUNDA GUERRA: GÊNERO E IMIGRAÇÃO

Bruna Krimberg von Muhlen*
Marlene Neves Strey**

RESUMO

Este estudo é parte da pesquisa de dissertação em psicologia social da primeira autora, sob a orientação da segunda autora, sobre os sobreviventes judeus da Segunda Guerra Mundial que imigraram para o Sul do Brasil. Considerando que migrações impulsionam mudanças de atitudes e de identidade, entre outros aspectos, relacionados com as relações de gênero, esta pesquisa teve como objetivo verificar diferenças e semelhanças nas relações de gênero vivenciadas pelos sobreviventes na Europa e no Brasil. O método consistiu em uma análise documental, seguida de uma análise de discurso dos documentos dos sobreviventes, arquivados no Instituto Cultural Judaico Marc Chagall. Verificou-se que os imigrantes passaram por uma aculturação em que suas identidades de gênero adquiriam novas marcas a partir de uma nova construção social no novo espaço.

Palavras-chave: Sobreviventes, Segunda Guerra Mundial, Gênero, imigração e Sul do Brasil.

GENDER IN IMMIGRATION OF SECOND WORLD WAR SURVIVORS

ABSTRACT

This study is part of dissertation research in social psychology from the first author under the guidance of the second author on Jewish survivors of Second World War who immigrated to southern Brazil. Whereas migrations drive changing attitudes and identity, among other things, related to gender relations, this study aimed to verify differences and similarities in gender relationships experienced by survivors in Europe and in Brazil. The method consisted of a document analysis, followed by a discourse analysis of the survivors documents, filed in Instituto Cultural Judaico Marc Chagall. It was found that immigrants went through an acculturation in which their gender identities acquired new brands from a new social construction in the new space.

Key-words: Survivors, Second World War, Gender, immigration and Southern Brazil.

* Psicóloga e mestranda na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul

** Psicóloga, doutora e professora na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul

Introdução

O tema do Holocausto da Segunda Guerra Mundial segue atual, mesmo sete décadas após seu fim, pois ainda é difícil de ser compreendido, além de que, as únicas provas vivas de que milhões de vidas foram exterminadas - os sobreviventes -, logo não estarão mais aqui.

Pesquisadores (as) interessados (as) por esse tema, na maioria das vezes focam apenas a experiência da guerra em si, o que é muito importante; no entanto, o fenômeno da imigração, que também tem conotação de experiência bastante significativa, devido ao difícil processo de adaptação e de aculturação, raramente é focado. Isto é, o impacto da imigração nas vidas dos que sobreviveram ao nazismo ainda foi pouco estudado.

Considerando que as migrações podem atuar como um motor que impulsiona mudanças de representações culturais e atitudes, entre outras, referentes ao gênero, e que estar em um novo espaço geográfico implica aculturação e se desfazer de alguns padrões da cultura de origem, estudar as experiências de aculturação dos judeus europeus que sobreviveram ao Nazismo, sob a ótica de gênero, interessa em particular, especificamente os sobreviventes do Holocausto que imigraram para o sul do Brasil. Assim, esta pesquisa visou compreender como se deu o processo de aculturação de três imigrantes homens e uma imigrante mulher, vindos da Europa para o Brasil, como sobreviventes da Segunda Guerra Mundial, tendo como norte as experiências vividas nas relações de gênero no Brasil em comparação com as relações de gênero vividas na Europa.

Os conceitos de relações de gênero são complementares ao conceito de aculturação e indispensáveis ao entendimento das migrações, visto que estar em um diferente e novo território cultural implica se desfazer de padrões de gênero oriundos de culturas anteriores. As relações de gênero são construções culturais na medida em que as culturas, com base nas diferenças de sexo, instituem determinados modelos de como ser homem e mulher. No entanto, as questões de gênero nunca aparecem isoladas, mas estão entrelaçadas com outros aspectos, tais como a etnia, por exemplo. Em função disso, os conceitos de feminilidade e masculinidade podem assumir diferentes significados em diversas culturas e podem ser diferentes dentro de um mesmo grupo étnico dependendo de diferentes configurações históricas ou econômicas. Considerando que ser do gênero feminino ou do gênero masculino pode levar a perceber o mundo diferentemente e a estar no mundo de modos diferenciados, podemos constatar que costumam haver diferenças quanto à distribuição de poder entre mulheres e homens (Alencar-Rodrigues, Strey, & Cantera-Espinosa, 2009; Neto, 2002).

As migrações foram inicialmente representadas como dinâmicas orientadas e viabilizadas pela esfera masculina, em que o homem abria o caminho e a mulher vinha depois ou junto, mas não como protagonista central (Tedesco, 2011). Zamberlam (2004) fala da feminilização das migrações, em que diferente do passado, hoje as mulheres predominam nesse processo. Está havendo uma mudança de paradigmas nos estudos migratórios: de homens para mulheres. Estudos têm investigado como o gênero tem causado impacto nas migrações e como a migração tem influenciado as relações de gênero. Green (2011) propõe fundir a história das mulheres e a história de gênero a fim de entender melhor as migrações, através da investigação de interações sociais entre homens e mulheres.

Gênero e cultura são fatores inter-relacionados e dinâmicos, que implicam retroações. Considerando que culturas distintas produzem resultados diferentes, em cada cultura pode haver variados incentivos comportamentais em relação à aprendizagem de gênero, clarificando o que é apropriado para homens e para mulheres. Por exemplo, enquanto uma cultura pode criar grandes diferenças entre os sexos, e incentivar a reprodução de práticas culturais associadas a papéis de gênero, outra cultura pode criar igualdade entre os sexos, havendo poucas diferenças nas práticas culturais (Neto, 2002).

Assim, gênero é significado e elaborado culturalmente, e por isso mutável, variável e aberto a mudanças (Beauvoir, 1967, citada por Ornat, 2008).

Segundo Butler (2003), papéis de gênero seriam cotidianamente re-trabalhados, demonstrando instabilidade, temporalidade e espacialidade. O conceito de *performatividade*, da mesma autora, fala da reiteração de um conjunto de normas que são anteriores aos sujeitos.

Por fim, ao tratar da categoria gênero, deve-se evitar a falácia comum de tratar gênero como se dissesse respeito unicamente às mulheres, ou seja, gênero é uma categoria relacional (Kosminsky, 2004).

Método

Esta é uma pesquisa qualitativa, visto que trabalha com interpretações das realidades sociais, valorizando o significado dos dados coletados e a importância do contexto social em que foram expressos, interpretando o corpus e gerando sentido (Allum, 2002).

Nesta pesquisa foi realizada uma análise de documentos coletados no *Instituto Cultural Judaico Marc Chagall de Porto Alegre (ICJMC)*, o qual tem arquivado entrevistas

de imigrantes judeus. Tais documentos foram produzidos pelo ICJMC, no projeto de Preservação da Memória Judaica, a partir de entrevistas realizadas com imigrantes que vieram de diversos países da Europa para Porto Alegre, realizadas por uma equipe de forma permanente e abrangente. Tais entrevistas sobre a imigração, além de fotos e vídeos, são arquivadas no Acervo de História Oral para pesquisadores (as) interessados (as) em desenvolver estudos relacionados ao judaísmo. Todos os documentos do Acervo são para consulta local (Chagall, 1992).

A história oral é um recurso usado para a elaboração de registros, documentos, arquivamento e estudos referentes à experiência social de pessoas e de grupos, além de reconhecida como história viva (Meihy e Holanda, 2007). Além disso, a análise documental das fontes orais proporciona a obtenção de informações sobre ocorrências passadas que não foram observadas diretamente (Calado & Ferreira, 2006).

O objeto desta pesquisa é parte específica da vida de sobreviventes que envolve as questões de gênero no processo de aculturação, assim utilizamos recortes dessas histórias de vida para a análise. O ponto inicial da pesquisa foi o contato com o ICJMC, que apoia e incentiva pesquisadores (as) para a realização de trabalhos voltados para a preservação da memória judaica e o estudo do povo judeu como parte integrante da sociedade brasileira, levando em consideração sua importância na formação da mesma.

Em nossa análise dos documentos foram tomadas todas as medidas, para assegurar a não identificação de nenhuma das pessoas cuja documentação foi lida, estudada e analisada. Neste texto utilizamos nomes judaicos fictícios quando nos referimos às pessoas escolhidas para nosso trabalho. Todas as entrevistas arquivadas no ICJMC, bem como os demais documentos utilizados, apresentam um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido assinado por cada entrevistado (a) que colaborou ou colabora com seu depoimento.

A Análise de Discurso utilizada trabalha com o sentido do discurso e não com o conteúdo do texto, busca os efeitos de sentido relacionados ao discurso e preocupa-se em compreender os sentidos que o sujeito manifesta. Segundo Gill (2002), há muitos estilos de análise de discurso, mas todas defendem a importância do discurso na construção da vida social, caracterizada por conflitos de diversos tipos. O termo discurso se refere a todas as formas de fala e a todos os tipos de textos. Um (a) analista de discurso está interessado(a) no texto em si mesmo, além de ver todos os discursos como prática social, inseridos em um contexto, e não em um vácuo social (Gill, 2002).

A análise realizada se apoiou nas teorias feministas de gênero (Colling, 2004; Scott, 2002; Strey, 2004), que compreendem o masculino como hegemônico nas diferentes sociedades e submete as mulheres a um papel de inferioridade, colocando-as à margem de um sistema patriarcal. Entretanto, gênero não pode ser visto e analisado de forma isolada. Mais do que isso, gênero é dinâmico e se articula com outros eixos de diferenciação, como a etnia, levando-se em consideração que todas as diferenciações sociais compreendem estruturas de poder (Kosminsky, 2007).

Resultados e discussão

Os participantes da pesquisa são: Hana, que nasceu no leste europeu, perto da fronteira russa, em 1923; Moisés, que nasceu em 1928 em uma pequena cidade ao sul, no mesmo país que Hana; Benjamin, que nasceu em 1936, em uma pequena cidade de um pequeno país do noroeste europeu; e Samuel, que nasceu em 1929, em um país da Europa central, mas que, depois da guerra, de 1946 até 1958, morou em outro país do oeste europeu, onde se naturalizou.

Considerando que migrações possibilitam a oportunidade para que mecanismos de controle de algumas pessoas sobre outras sejam desfeitos, tornando-os menos eficazes (Scott, 2011), na Europa, os nazistas exerciam controle sobre a liberdade e a vida dos judeus, e no Brasil, os judeus se sentiram livres desse tipo de controle. A mobilidade favorece uma intensificação das agências femininas e masculinas fazendo com que negociações entre homens e mulheres fiquem mais transparentes (Scott, 2011). Almeida (2011) defende o agenciamento das mulheres no contexto da imigração, ao invés de adotar um discurso marginalizante. Na história de vida de Hana, de Moisés, de Benjamin e de Samuel percebemos que há padrões de ser homem e mulher, tanto no Brasil quanto na Europa.

Nos depoimentos documentados de Hana, podemos observar esses padrões. Seu pai, na Europa, estudou “para subir mais alto que seu avô”, embora sua avó quisesse que ele fosse trabalhar na loja da família. Mas quando o avô de Hana chamou o pai dela de vagabundo, o pai levou a sério a reprimenda e um dia, quando um senhor lhe disse para ir para o Brasil que ele ia gostar, ele aproveitou e foi embora. Desembarcou no Brasil, onde ficou durante a primeira guerra mundial. Depois de oito anos morando em Santos, seu pai voltou para Europa em 1920, com 27 anos, por que sua mãe escrevia pedindo para ele voltar, já que seu pai estava

doente. De volta à Europa, foi visitar uma irmã e conheceu a mãe de Hana, e logo se casaram. Eram de diferentes nacionalidades. Naquele país, os filhos assumiam a nacionalidade do pai, por lei. Com o casamento seu pai ganhou um dote, uma loja vazia, que foi subsistência da família durante anos. Como homem judeu, seu pai sentia muito de não ter tido um filho homem, por que queria muito um *kadish* (oração pelos mortos que só homens podem fazer) quando morresse. Mesmo quando seu pai não podia ir trabalhar de tanta dor, “como ele não era homem de ficar parado”, começou a pintar telas para enfeitar as vitrines da loja, e as mandou para feiras, onde foram premiadas. A mãe de Hana ajudava na loja, mas ela era uma exceção entre as mulheres de seu tempo e lugar. Não era uma mulher caseira, desde pequena os pais dela a colocaram no balcão. Ela estudava escondido. Ia a concertos. Em casa tinham empregada. Então ela também se dedicava às coisas de casa, mas à sua maneira. Era perfeccionista. Ao mesmo tempo em que sua mãe dela era diferente da maioria das mulheres conterrâneas, não era ambiciosa. Amava música e tinha gosto refinado pela arte. No país de Hana, os professores chamavam as meninas de senhoritas, para sentirem a responsabilidade de serem mulheres. Hana, embora fosse uma “senhorita”, se dizia ser revoltada, pois até mordeu o braço do policial que apareceu quando a loja do seu pai foi saqueada por antissemitas.

Quando a historiografia relaciona feminismo a viagens e ao exílio não se pode ignorar que há razões para mulheres intensificarem o feminismo, e é possível que o feminismo fosse uma possibilidade nos jogos de poder que precisavam enfrentar (Pedro, 2011). Talvez Hana tenha encontrado na “revolta” uma maneira de resistir ao poder antissemita predominante no seu país antes de imigrar.

O pai imigrou primeiro, em janeiro de 1939. Sua mãe falava que teriam que “beijar os pés” de alguém para que seu pai conseguisse ficar na Europa, o que causou repugnância em Hana depois. Hana imigrou com a mãe e a irmã em agosto de 1939. Na cidade em que iam embarcar para imigrarem, havia duas mulheres na estação que disseram “mulheres sozinhas” e iam levá-las para uma hospedaria até o dia do embarque. Falaram que se ela quisesse ficar na Europa, teria que se divorciar. Ela estava prestes a se divorciar e mandar as filhas para o Brasil, para salvá-las, mas pela insistência do marido, resolveu ir junto com elas.

Na história de Hana, percebemos questões de gênero bastante fortes. Por exemplo, era esperado que os homens “subissem” mais alto que as mulheres, no espaço público, ao mesmo tempo em que a mulher judia tinha voz ativa na família, no espaço privado. No seu país o que

determinava a nacionalidade dos filhos e filhas era a nacionalidade do pai e não a da mãe. A mãe de Hana “ajudava” seu marido, mas era uma exceção entre as mulheres. Ou seja, ser mulher era ser caseira, não estudar nem trabalhar fora de casa, mas a mãe de Hana rompeu com os padrões de gênero da época naquele lugar. Por outro lado seu pai ganhou um dote por se casar com sua mãe, o que nos leva a refletir em quais seriam as possibilidades das jovens que não tivessem uma família que pudesse oferecer esse dote. Quais seriam suas oportunidades no “mercado” matrimonial? Qual era a finalidade do dote? Assegurar um marido para uma jovem mulher, ou possibilitar que um homem tivesse um ponto de partida para garantir sua posição de provedor da família, mantendo as tradições patriarcais? A leitura do material analisado não permitiu encontrar respostas empíricas para essa questão.

A mãe de Hana, ao mesmo tempo em que trabalhava e estudava, e por um lado rompia com padrões de ser mulher naquela cultura, por outro ela não era ambiciosa, talvez, pois mulheres não podiam conquistar muitas coisas. Já em relação a Hana, que era chamada de senhorita pelos professores, para se sentir mais “responsável”, por trás havia a vulnerabilidade e fragilidade implícitos ao termo, e claro que os homens não eram chamados de “senhoritos”, provavelmente porque já eram considerados responsáveis. A valorização do homem e desvalorização da mulher é evidenciada também quando o pai de Hana diz sentir muito por não ter tido filho homem. Também quando o pai de Hana se machucou percebemos a questão da masculinidade hegemônica: o homem mesmo com dor não fica parado, é forte, e ainda é premiado. Outro fato onde se percebe as relações de poder dos homens em relação às mulheres é quando o pai de Hana comprou um carro, e provavelmente mulheres não dirigiam. Outra questão relevante que evidencia a questão da submissão da mulher em relação aos homens, é que o pai de Hana deixou a mulher e filha na Europa para imigrar primeiro. Além da situação de Hana e a mãe estarem “sozinhas” ao embarcar para o Brasil ser vista como algo negativo para a mulher; diferente do homem. Por fim, o fato da mãe de Hana pensar em se divorciar, pois provavelmente estava se sentindo infeliz e talvez cativa no casamento, mas ao final não se divorciou, e imigrou, também mostra a submissão da mulher naquela cultura.

O papel da mulher na cultura judaica é fundamental. Ela possui algumas atribuições que lhe são peculiares, como no que se refere ao aspecto gastronômico, por isso mãe de Hana era exceção. A mulher judia além de ser a responsável pela cozinha, produzindo comidas típicas judaicas, era destinada a realizar determinados rituais judaicos, como no *Shabat* (dia do descanso, desde a primeira estrela de sexta até a primeira de sábado) onde a mãe tem a

função de acender as velas, cuja finalidade é trazer mais luz para o lar (Santos & Bezzi, 2009). Percebe-se a importância da mulher no espaço privado, em contraste com sua desvalorização no espaço público.

Em relação a questões de gênero na vida de Moisés na Europa, no colégio em que estudava, era proibido que meninas brincassem com meninos, assim como judeus brincarem com não judeus. Em seu país natal, as mulheres judias usavam perucas, e os homens usavam barba. Na sinagoga, as mulheres sentavam separadas dos homens. Seu pai era comerciante, e sua mãe “ajudava”. A mãe cuidava da cozinha, e o pai dos negócios. Ou seja, ser mulher na Europa pré-guerra era ocupar o espaço privado, a casa, a cozinha; já ser homem era ocupar o espaço público, sair para trabalhar

Benjamin, que durante a guerra esteve escondido com uma família não judia, recebeu a visita da mãe, após anos sem vê-la. Essa visita reativou seus vínculos com a figura materna que ele pensava estarem perdidos para sempre. No entanto, foi uma visita muito breve. Quando ele “recuperou” a mãe, logo em seguida ela foi embora outra vez, pois não podia ficar naquele lugar. Segundo a interpretação de Benjamin, isso lhe causou problema com as mulheres, pois ao invés de buscar uma namorada, por muito tempo buscou a mãe que não pôde ter. Com a aproximação do fim da guerra, as pessoas da comunidade onde vivia foram passar umas noites no campo para se protegerem de possíveis ataques a suas casas, e poucos dias depois, quando acabou a guerra, voltaram para casa e perceberam que os nazistas haviam invadido a casa, quebrado móveis, acabado com a comida. Benjamin lembra que várias mulheres foram detidas e tiveram a cabeça raspada por terem tido relações sexuais com os alemães. Ainda em relação às mulheres, depois da guerra, quando tinha 14 anos, em um acampamento juvenil, sentiu que a líder era muito querida com ele, mas depois viu que ela era assim com todos. Essa foi a primeira frustração amorosa, entre muitas outras no futuro.

Após da guerra, sua mãe fazia o que podia para levarem uma vida normal, mas havia problemas financeiros, pois o provedor da família sempre havia sido o pai. A mãe era professora, fazia artesanatos, “coisas pequenas”. Benjamin conta que fazia esportes, aulas de piano, violino. Poucas vezes participou de um coral, e desistiu finalmente, pois achava essa atividade não “suficientemente masculina”. Devido ao preconceito que sua mãe sofria por não ter um marido, depois que seu pai morreu, decidiram emigrar para América Latina, pois já tinham familiares que emigraram para lá. Diziam, na Europa, que para uma mãe com situação

financeira precária, era mais fácil colocar dois filhos na universidade na América do Sul que na Europa.

As mulheres eram vistas por Benjamin de maneira pejorativa. Embora buscasse a mãe nas mulheres que encontrava, não conseguia esquecer que ela o havia “abandonado”. Que esse abandono tivesse sido involuntário, não atenuava o sentimento de ter sido deixado à sua sorte com pessoas que não eram sua “verdadeira” família e nem pertenciam à sua etnia. O pai tinha sido morto, mas o fato da mãe ter se separado dos filhos para protegê-los, não foi visto como algo positivo. Após a guerra, ele lembra que foram as mulheres e não homens, que receberam punição, sendo mutiladas em seus símbolos femininos mais expressivos na época, como os cabelos que eram raspados pelos homens, ansiando controlá-las. Dizia que sua mãe trabalhava, mas “fazia coisas pequenas”, menosprezando seu trabalho. Nas recordações de Benjamin, podemos perceber que sua visão negativa sobre as mulheres era oriunda não só dos traumas de guerra, mas também da posição de inferioridade que as mulheres ocupavam no seu entorno familiar e na sociedade onde foi criado, evidenciando preconceito contra a mulher e um comportamento e pensamento sexista. Após a morte do pai, por exemplo, tiveram que emigrar já que sua mãe não teria condições de enviá-los a estudar nas boas universidades europeias, mas isso seria possível em um país considerado inferior.

Na história de Samuel, no colégio judaico que estudou meninos e meninas estudavam juntos. No colégio em que estudavam judeus e não judeus, meninos e meninas não se misturavam. Samuel lembra que raramente havia professoras nos colégios de sua região. Sua mãe não trabalhava fora de casa, mas conta que outras sim mulheres trabalhavam. Quando seu pai morreu, ficou só com sua mãe durante algum tempo, e depois foram deportados para *Awshwitz*, onde pouco depois foram separados.

No processo de imigrar, o contato intercultural com a sociedade de destino pode apresentar novas formas de ser homem e ser mulher, o que pode levar a repensar as concepções e os papéis de gênero de mulheres e homens imigrantes no processo. Identidades aparentemente sólidas estão em constante processo de transformação (Gregolin, 2008). As masculinidades e as feminilidades se apresentam com roteiros diferentes em distintas culturas, aprendidos no colo de mães e pais; são mais tarde modificadas por influência de grupos, instituições e imigrações. Um ponto bastante enfatizado em trabalhos recentes é a interdependência de modelos de masculinidade e feminilidade em uma mesma cultura (Burke,

2005). Esses aspectos podem ser constatados nos relatos encontrados nos documentos examinados.

Um dos papéis femininos corriqueiros era o de cuidar das pessoas, familiares ou não. Isso foi encontrado tanto em relação às histórias contadas sobre a Europa como nas pós-emigração ao Brasil. O pai de Hana, por exemplo, quando certa vez ficou doente e não tinha sua esposa por perto para cuidá-lo, foi cuidado pela mulher que fazia a faxina na pensão em que residia. Um fato interessante foi que uma vez seu pai foi carregar um suposto morto da gripe e viu que o braço do homem se mexeu. Descobriu que a esposa queria se livrar do marido, pois eles brigavam muito e não existia a possibilidade de divórcio. Essa foi a estratégia que usou para tentar escapar do cativo que era seu casamento e que tanta infelicidade lhe causava.

Hana estudou secretariado no Brasil e trabalhou em uma empresa como secretária. Morava em São Paulo e veio para Porto Alegre por causa do marido. Em Porto Alegre, fez supletivo e passou em primeiro lugar na faculdade que queria cursar. Começou a escrever livros de receitas. Vemos nessa trajetória diferenças relativas ao papel feminino de antes e de depois da vinda ao Brasil. Ela estudou, trabalhou, mas a sua mobilidade dependia da mobilidade do marido. Seu livro de receitas remete a questões femininas da época, como a casa, a cozinha, a comida – coisas de mulher. No entanto, tanto os papéis femininos quanto os masculinos não eram completamente determinados e rígidos. No século XIX e começo do XX, as mulheres também trabalhavam na Europa em atividades econômicas: acompanhavam as atividades artesanais de seus maridos e vendiam os produtos que eles produziam, outras eram operárias, e algumas, poucas, exerciam atividades qualificadas (Blay, 2009). Ao chegar ao Brasil, esse comportamento teve continuidade, como no caso de Hana, que fez faculdade e trabalhava.

Na história de Benjamin, no primeiro país que morou na América Latina, havia o costume das meninas fazerem festas de 15 anos, para, a partir dali, serem consideradas “casáveis”. Quanto maior o número de convidados, maior o número de candidatos. Para conquistar as mulheres “se precisava de quatro rodas e um motor”, e todo contato que os meninos tinham com garotas era para levá-las para a cama, para demonstrar para os amigos a sua “masculinidade”. Naquele primeiro país, associou-se a um clube centenário, que estava aceitando pela primeira vez a entrada de mulheres. Quando pensou em voltar para seu país de origem, soube que sendo o único suporte financeiro masculino da sua mãe, ganharia isenção

no serviço militar, pois como filho varão, teria que sustentar a família, já que essa era a obrigação masculina. Em 1961 casou na congregação israelita. Em seguida comprou o primeiro carro. Disse que ver uma mulher dirigindo era estranho, pois na Europa não se via mulher conduzindo carros. Pensavam até que se a mulher tinha carro, era porque tinha ganhado do pai ou do marido. Em 1968 foi para Europa e para Israel por dois meses a trabalho, deixando a mulher e a filha no Brasil. Achou tempo demais. A mulher dele trabalhou na sua fazenda, para fazê-la de investimento. Por alguns anos o relacionamento com a esposa não ia bem e decidiram separar-se por um tempo. Isso permitiu que ele se ocupasse mais de si mesmo. Como viajava muito, quem ficava com a responsabilidade de educar os filhos era a sua mulher. Ela, que se dizia atea, foi quem passou o judaísmo para os filhos. Como ele só estudou o judaísmo para fazer o Bar-Mitzvá, e sua esposa estudou história, ela “sabia melhor”.

Na América Latina Benjamin ficou chocado com a maneira como os meninos lidavam com as mulheres, de forma bem diferente de seus país de origem. Segundo ele, as mulheres na América Latina eram conquistadas com um carro, e já naquela época eram vistas como objetos sexuais. Já no seu país mulheres eram “para casar e procriar”. Também mulheres estavam conquistando mais espaço, como participar de clubes, o que antes só era restrito aos homens. Foi sua mulher que educou filhos, pois a mãe deve ser a “educadora” e o pai o “provedor”. Uma coisa a mulher sabia melhor: ensinar os filhos. No entanto, quando Benjamin colocou o *thalit* (acessório judaico em forma de xale usado pelos homens no momento da oração na sinagoga) em seu filho em seu Bar-Mitzvá, sentiu-se outra pessoa, mais completa. Ou seja, um filho homem, por meio de rituais masculinos, capacita melhor um homem como homem. Percebe-se que gênero é um fator fundamental que organiza a vida social, pois como processo, significa lançar uma perspectiva mais dirigida para a práxis, na qual as identidades e as relações de gênero são fluidas e não fixas (Kosminsky, 2007), como foi evidenciado no processo de imigração dos sobreviventes.

Samuel e sua esposa se casaram um ano após se conhecerem. Segundo ele, no Brasil as coisas mudaram “violentissimamente” nos últimos anos. Quando chegou ao Brasil e se casou, contava aos amigos que ia se casar e que sua mulhere iria trabalhar e não ficar em casa. Diversos amigos seus perguntavam na época, “tu não ganhas o suficiente para sustentar a tua mulher?”. Não era costume a mulher trabalhar fora de casa. Quando trabalhavam era por necessidade financeira. Algumas das moças que conhecia davam aulas de inglês. Em São

Paulo, muitas conhecidas suas trabalhavam. Não por necessidade, mas por vontade. Já em Porto Alegre isso não era aceito. Acha que a mentalidade era antiquada. Mas mesmo assim sua esposa trabalhou. Quando seus filhos eram pequenos não, mas depois sim. Ela tinha um negócio e hoje trabalha na empresa dele.

Samuel relata que, na América Latina, o fato de sua mulher trabalhar era visto como se ele não tivesse condições de sustentá-la, pois a sociedade cobra que o homem seja o provedor. Mesmo as mulheres que trabalhavam eram como “educadoras”, papel também atribuído pela sociedade à mulher, ou mesmo sua mulher que embora trabalhasse, só fez isso depois que os filhos cresceram. Enquanto as crianças eram pequenas, seu único papel era de mãe e educadora. Depois houve a tentativa de se independizar com seu próprio negócio, mas depois voltou a “ajudar” o marido.

Homens e mulheres podem vivenciar a imigração de maneira diferente. A maioria das mulheres tem maior flexibilidade para integração psico-social-política, e tendem a construir suas identidades em termos de maior capacidade de integração a novas situações; enquanto os homens tendem a viver a imigração com maior tensão, devido aos discursos que os pressionam a ter que ascender como provedor, o que pode ser mais difícil no novo país, pois ao imigrarem podem perder benefícios de status das estruturas hierárquicas de conhecimento da comunidade de origem, o que implica em uma estabilidade mais precária e incerta, atentando contra sua masculinidade (Femenías, 2011).

Comparando as relações de gênero na Europa e no Brasil, as diferenças tem a ver tanto com a época em que estavam na Europa e depois no Brasil, quanto com o espaço geográfico e cultural. No país de Hana e de Moisés a comunidade judaica era muito mais religiosa em comparação com o Brasil. Hana e a mulher de Moisés não usavam perucas; Moisés não usava barba. As mulheres dirigiam carros na América, mas não na Europa, onde relações sexuais eram para procriar, diferente do que Benjamin encontrou entre os jovens na América do Sul. Outra diferença é que na Europa as mulheres começaram a trabalhar fora de casa antes que no Brasil, pois aqui isso era ainda “mal visto” naquela época.

Considerações finais

A imigração pode levar a articulações de desigualdades, assim como de mudanças para igualdades. Redes de apoio formadas no país de destino mostram a ativa articulação

feminina de redes domésticas e de alianças matrimoniais – podendo sinalizar um retorno à subordinação feminina, mas a experiência no mercado de trabalho e a educação podem dificultar que tal retorno seja no mesmo patamar que na geração de suas mães na Europa (Scott, 2011). Como no caso de Hana. Para ganhar autonomia, os imigrantes se envolvem em diversas redes que oferecem oportunidades, passageiras ou duradouras, em um mundo em constante fluxo. As redes sugerem ser, enganosamente, estruturas pouco hierárquicas, quando na verdade há desigualdades de poder na maneira como se organizam, assim se torna um terreno fértil para jogos de poder, inclusive no que diz respeito às relações de gênero. As identidades representadas sobre uma hierarquia “natural” são reforçadas por discursos sobre masculinidade e feminilidade, no entanto tais discursos são ingênuos e configuram em uma forma única de como devem funcionar homens e mulheres, rechaçando as mudanças (Femenías, 2011), que fazem são inevitáveis.

Assim, as relações de gênero hierarquizam culturas e nações. A utilização de perucas e roupas compridas – tido como questão de desigualdade que atingia mulheres ortodoxas judias – evidencia tradições culturais de certos países, o que era comum na Europa oriental, mas não na ocidental (Piscitelli, 2011). Mesmo os casamentos sendo entre pessoas da mesma etnia, muitas vezes são transnacionais, havendo hierarquia entre nacionalidades, como o caso de judeus da Europa Ocidental e central que menosprezam os da Europa oriental. Casar, para os imigrantes judeus, significava incluir-se em um grupo social específico, obter novos vínculos sociais, definir cooperação e divisão social do trabalho entre os cônjuges. De modo geral, os casamentos eram resultados de vários tipos de arranjos matrimoniais e eram duráveis “até que a morte os separasse”. As uniões respondiam a um projeto de vida que incluía manter a identidade judaica, a cidadania no novo país, a construção do grupo familiar, a educação dos filhos, a ascensão social (Blay, 2009). Todos os sobreviventes ao imigrarem casaram com pessoas da mesma etnia. O que ao mesmo tempo era um princípio de âmbitos sociais europeus, também significava segurança, casar com alguém que teria os mesmos costumes e valores.

Por fim, os judeus são reconhecidos como povo do livro. Neste sentido, eles sempre fixaram as formas de sua relação com o mundo a partir de um texto revelador: a Tora. É em torno e a partir dela que o judaísmo se constitui e se transforma em tradição transmitida de geração a geração (Santos & Bezzi, 2009), inclusive no que diz respeito a ser homem, e ser mulher.

Referências

- ALENCAR-RODRIGUES, Roberta, STREY, Marlene Neves, & CANTERA-ESPINOSA, Leonor. (2009). “Marcas do gênero nas migrações internacionais das mulheres”. *Psicologia & Sociedade*, 21(3): 421-430.
- ALLUM, Nicholas C. (2002). In: BAUER, Martin W.; GASKELL, George (Ed.), *Pesquisa Qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático*. Petrópolis: Vozes.
- ALMEIDA, Sandra Regina G. (2011). “Exílios e diásporas: cartografias de gênero na contemporaneidade”. In: AREND, Silvia M. F., RIAL, Carmen S. d. M., & PEDRO, Joana M. (orgs.). *Diásporas, mobilidades e migrações* (p.239-256). Florianópolis: Ed. Mulheres, 326p.
- BLAY, Eva Alterman. (2009). “Gênero, resistência e identidade: Imigrantes judeus no Brasil”. *Tempo Social*, São Paulo, 21(2):.
- BURKE, Peter. (2005). *O que é história cultural?* Tradução Paula, Sérgio Góes de, Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 191p.
- BUTLER, Judith. (2003). *Problemas de gênero: Feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- CALADO, Silvia, & FERREIRA, Silvia (2006). *Análise de documentos: método de recolha e análise de dados*.
- CHAGALL, Instituto Cultural Judaico Marc (1992). *Imigração Judaica no Rio Grande do Sul* (Vol. 2). Porto Alegre.
- COLLING, Ana M. (2004). “A construção histórica do feminino e do masculino”. In STREY, Marlene Neves; CABEDA, Sonia T. L.; PREHN, Denise R. (Ed.), *Gênero e cultura: questões contemporâneas*. Porto Alegre: EDIPUCRS.
- FEMENÍAS, Maria Luisa. (2008). Simone de Beauvoir: Hacer tr iunfar el reino de la bibertad. *Oficos terrestres 21, Revista de la Facultad dePeriodismo y Ciências de ça comunicacion*, Universidad Nacional de La Plata, 2008/1.
- _____. (2007). *El gênero del multiculturalismo*. Bernal: Universidad Nacional de Quilmas.
- _____. (2011). “Migración, Globalización y violencia: las construcciones identitarias”. In: AREND, Silvia M. F., RIAL, Carmen S. d. M., & PEDRO, Joana M., (orgs.). *Fronteiras de gênero* (p. 167-189). Florianópolis: Ed. Mulheres, 328p.

- GILL, Rosalind (2002). "Análise de discurso". In: BAUER, Martin W.; GASKELL, George (Ed.), Pesquisa Qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático. Petrópolis: Vozes.
- GONÇALVES, Rita De Cássia, & LISBOA, Teresa Kleba. (2007). Sobre o método da história oral em sua modalidade trajetórias de vida. Rev. Katál, 10 (esp.), 83-92.
- GREEN, Nancy L. (2011). "Mudando paradigmas em estudos de migração. De homens para mulheres para gênero". In: AREND, Silvia M. F., RIAL, Carmen S. d. M., e PEDRO, Joana M. (orgs.). Diásporas, mobilidades e migrações (p.35-46). Florianópolis: Ed. Mulheres, 326p.
- GREGOLIN, Maria Do Rosário. (2008). "Identidade: objeto ainda não identificado?" Estudos da Língua(gem), 6(1): 81-97.
- KOSMINSKY, Ethel V. (2004). "Questões de gênero em estudos comparativos de imigração: mulheres judias em São Paulo e em Nova York". Cadernos Pagu, (23): 279-328.
- _____. (2007). "Por uma etnografia feminista das migrações internacionais: dos estudos de aculturação para os estudos de gênero". Estudos Feministas, 13(3): 773-804.
- MEIHY, José Carlos Sebe B., & HOLANDA, Fabíola (2007). História oral: como fazer, como pensar. São Paulo: Contexto.
- NETO, Félix Fernando Monteiro. (2002). Psicologia Intercultural. Lisboa: Universidade Aberta.
- NUNES, Maria Helena, PRÁ, Jussara Reis, GRAEBIN, Cleusa M. G., & BASTANI, Roshangela F. (2008). In: PAIVA, Sergio Rosa de (Ed.), Mulheres do Rio Grande do Sul - Diversidade (pp. 340). Porto Alegre: SferaSRP Editora de Artes Ltda.
- ORNAT, Marcio Jose. (2008). "Sobre espaço e gênero, sexualidade e geografia feminista". Terr@Plural, 2(2): 309-322.
- PEDRO, Joana Maria. (2011). "Trajetórias políticas em mudança: Tornar-se feminista no Cone Sul". In.: AREND, Silvia M. F., RIAL, Carmen S. d. M. & PEDRO, Joana M., (orgs.). Fronteiras de gênero (p. 135-149). Florianópolis: Ed. Mulheres, 328p.
- PISCITELLI, Adriana. (2011). "'Papéis', interesse e afeto, relacionamentos amoroso/sexuais e migração". In: AREND, Silvia M. F., RIAL, Carmen S. d. M., e PEDRO, Joana M. (orgs.). Diásporas, mobilidades e migrações (p.103-127). Florianópolis: Ed. Mulheres, 326p.
- SANTOS, Maria Medianeira dos & BEZZI, Meri Lourdes. (2009). "A manifestação da cultura judaica no território de Philippon/Santa Maria/RS". Geografia: Ensino & Pesquisa, Santa Maria, 13(2): 156-162.

SCOTT, Joan W. (2002). “Fantasy echo: História e a construção da identidade”. Estudos Feministas, 1(2).

SCOTT, Parry. (2011). “Fluxos migratórios femininos, desigualdades, autonomização e violência. Gênero”. In: AREND, Silvia M. F., RIAL, Carmen S. d. M., e PEDRO, Joana M. (orgs.). Diásporas, mobilidades e migrações (p.47-66). Florianópolis: Ed. Mulheres, 326p.

STREY, Marlene Neves (2004). “Ser sujeito ou ser o outro? Algumas reflexões históricas”. In STREY, Marlene Neves, CABEDA, Sonia T.L., PREHN, Denise R (Ed.), Gênero e cultura: questões contemporâneas. Porto Alegre: EDIPUCRS.

TEDESCO, João Carlos (2011). “O Gênero na Imigração: Redefinições de Papéis e Dinâmicas Étnicas”. Revista Latino-americana de Geografia e Gênero, 2(1): 44-55.

VALOBRA, Adriana Maria. (2011). “Los caminos de la historia de las mujeres y de género”. In: AREND, Silvia M. F., RIAL, Carmen S. d. M.; & PEDRO, Joana M., (orgs.). Fronteiras de gênero (p. 15-34). Florianópolis: Ed. Mulheres, 328p.

ZAMBERLAM, Jurandir. (2004). O processo migratório no Brasil e os desafios da mobilidade humana na globalização. Porto Alegre: Pallotti.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta dissertação de mestrado partiu de um caminho inusitado, ao combinar psicologia social, psicologia intercultural e estudos sobre relações de gênero para estudar a imigração de sobreviventes da Segunda Guerra Mundial para Porto Alegre. Principalmente porque a imigração desta população foi pouco estudada, já que pesquisadores e pesquisadoras interessados em sobreviventes geralmente querem investigar os traumas de guerra em si, e também porque a imigração de sobreviventes nunca havia sido estudada à luz das teorias de gênero.

Deve ser ressaltada a importância da escolha do assunto pesquisado, o qual, devido minha origem judaica, ao mesmo tempo em que num primeiro momento me gerou resistência devido ao “peso” da temática, num segundo momento me provocou motivação para estudar, fazendo com que, ao longo desses quase dois anos de mestrado, a motivação fosse maior que a resistência. Também gerou gratificação, de modo que de alguma forma esta pesquisa contribuiu para que o holocausto não seja esquecido, para não se repetir; além de dar visibilidade a novas questões sobre os sobreviventes, sobretudo as mulheres; mas também valorizando a experiência única de vida de cada sobrevivente, focando na imigração e processo de aculturação; tão peculiar já que a imigração foi forçada, já que perderam a proteção dos governos de seus países de origem, que os perseguiam, fazendo com que perdessem seus direitos de cidadãos e cidadãs; além de terem perdido suas famílias e suas casas.

A realização desta pesquisa foi bastante mobilizadora, no sentido emocional, pois cada história de vida dos sobreviventes estudados foi marcada por muitas perdas, mas felizmente, também por ganhos, pois eles resistiram e estão hoje vivos para contar o que passaram, já que mais de seis milhões não puderam fazer isso. Fato que leva os sobreviventes a sentirem culpa por estarem vivos, enquanto tantos outros não conseguiram escapar à perseguição; mas fato também que comove, pois é inevitável não pensar que, como judia, eu poderia ter sido vítima de perseguição, já que a história mostra que pessoas foram mortas pelo simples fato de serem judias; além de que não foi sua escolha nascer nessa etnia, simplesmente a herdaram de seus pais. Então, mesmo, felizmente, não tendo vivenciado o holocausto, isso atravessa os judeus e minorias étnicas perseguidas de maneira bastante intensa.

Cada experiência vivenciada por cada homem e cada mulher é única, assim esse estudo, como outros de memória coletiva e historiografia, buscou analisar eventos de importância central nas culturas de origem e no Brasil, focando por que devem ser lembrados e não esquecidos. Segundo Reid (2008), a maneira como esses eventos são explicados, significados ou ignorados é importante em estudos de Guerra, fenômenos que questionam e reforçam elementos de identidade nacional. A forma pela qual são significados as experiências em um novo espaço cultural revela o que é valorizado na sociedade e o que não é. A experiência de sobreviventes é de importância universal nesse sentido.

Entre tantos aprendizados no mestrado, destaco os referentes às questões de gênero, que antes eram invisíveis, visto que nunca havia tido a oportunidade de me aproximar de estudos de gênero e feministas antes de iniciar a dissertação. Poder analisar a história dos sobreviventes e a imigração sob a categoria de gênero permitiu dar visibilidade a muitas questões cotidianas naturalizadas, bem como aprender e me modificar não só como pesquisadora, mas também como ser humano, a partir do momento em que tomei consciência da importância de conquistar, aos poucos, a igualdade de gênero, no Brasil, no mundo, e em diferentes contextos; combatendo desigualdades e discriminações.

Acredito que um dos principais pontos desta pesquisa é a desconstrução de estereótipos criados pela sociedade em diferentes culturas, que originam os preconceitos e discriminações étnico-raciais e de gênero, entre outros. Apesar de aqui ter focado a etnia judaica, acho importante ressaltar a importância de não discriminar nenhuma minoria étnica, racial, de gênero, entre tantas outras. Além de que existem diversos tipos de judeus, assim como várias mulheres, brasileiros, negros... Gostaria que esta pesquisa servisse para mostrar que seres humanos devem ser respeitados da mesma forma dentro das diferenças de cada um, e que a diversidade enriquece culturas e sociedades.

Também ressalto que para desconstruir estereótipos, é fundamental sempre questionar e problematizar ao invés de apenas reproduzir sem pensar; assim talvez seres humanos se respeitassem mais e haveria menos conflitos no mundo, pois a origem da maioria das guerras é a intolerância ao outro, que é diferente.

Outro aspecto importante diz respeito à identidade de cada sobrevivente imigrante, que ao se aculturar teve que repensar seus valores e também se desfazer de alguns padrões de gênero que estavam arraigados em suas vivências europeias, e adquirir alguns novos, além de rever suas atitudes e comportamentos, ao se inserir numa na nova cultura brasileira tão

diferente da dos países europeus de origem; em vários aspectos depois da chegada no Brasil, após décadas, suas identidades seguem se modificando e se transformando, já que ela é um processo contínuo, influenciada pelas experiências de vida desde o nascimento até a morte. A imigração apenas atua como aceleradora dessas mudanças.

Algo peculiar no processo de imigração dos sobreviventes, que diferentemente da maioria de imigrantes de hoje, ou que não vivenciaram uma imigração forçada, é que os sobreviventes não sentem saudades de seus países de origem, e apenas um deles cogitou voltar a morar na Europa, mas a ideia passou. Dois não voltaram para visitar e nunca desejaram voltar. Um deles teve uma crise psicossomática quando voltou ao seu país natal, evidenciando o quão traumática havia sido a experiência de guerra e imigração, ao perder tudo e ainda ser expulso de sua casa e separado de sua família.

Fico com a sensação de que o que aprendi nesse período da pesquisa, não caberia nesta dissertação. Cada congresso, jornada, encontro, em que apresentei recortes da dissertação, quando estava em andamento, e tantas contribuições recebidas e ideias, além da sensação de poder estar transmitindo algum conhecimento sobre este assunto para tantas pessoas que não o tinham/têm foi muito além da pesquisa. Recentemente fui convidada a dar uma palestra para um grupo de judeus, de mais idade, em que foi a primeira vez que falei da pesquisa para a própria população estudada, pois, eram todos imigrantes judeus ou descendentes, e havia um sobrevivente. Este retorno, que enquanto pesquisadora tive oportunidade de dar, é compensador; as palavras de agradecimento e os rostos de satisfação daqueles judeus por ver que suas histórias têm um registro, é compensador.

Importante destacar uma limitação da pesquisa. A desvantagem de usar análise documental, é quando os dados de um documento foram inicialmente coletados para um propósito de pesquisa diferente do que se deseja investigar na pesquisa atual e podem ser incompletos. Ao mesmo tempo em que a vantagem de usar a fonte documental é a sua disponibilidade e o baixo custo; além de ser apropriada para quando se deseja encontrar informações de acontecimentos passados, que não se pode observar por outros meios no presente; a (D'ancona, 1996).

Por fim, um ponto que não posso deixar de mencionar diz respeito à análise de discurso realizada em que alguns sentidos podem ter passado em branco, já que cada pesquisador(a) é influenciado por sua subjetividade no momento de interpretar os dados coletados (Gill, 2002). Assim, a investigação proporcionou muitos aprendizados, desde

descobertas novas ao longo das leituras, coletas e análise dos dados, até mesmo repensar e ressignificar valores e conceitos. Sei que provavelmente ainda surgirão novos questionamentos frente ao tema, inclusive na banca de defesa; mas que, sobretudo, a ideia sempre é melhorar, construir, contribuir.

Referências

D'ancona, Maria Angeles Cea. (1996). Metodología Cuantitativa: Estrategias y tecnicas de investigación social. Madrid.

Reid, Donald (2008). America so far from Ravensbrück. *Histoire@Politique*, 2 (5), 1-12.

Gill, Rosalind (2002). Análise de discurso. In Martin W. Bauer; George Gaskell (Ed.), *Pesquisa Qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático*. Petrópolis: Vozes.

ARTIGO 1

<http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/maaravi/about/submissions#authorGuidelines>

Arquivo Maaravi: Rev. Dig. Estudos Judaicos/UFMG.

N.13: As mulheres no arquivo da tradição judaica

Diretrizes para Autores

Normas Editoriais

1. Os artigos submetidos à *Arquivo Maaravi* devem corresponder preferencialmente ao tema do dossiê. Artigos enviados que não correspondam a essa especificação, mas que sejam de interesse científico comprovado pelos pareceristas, poderão ser publicados em uma seção geral. Os textos devem ser inéditos, digitados em Word 6.0 ou superior, fonte Palatino Linotype, tamanho 10. Para as citações destacadas, com mais de 4 linhas, usa-se a mesma fonte e o mesmo tamanho, sem aspas e com recuo de 4 cm da margem esquerda. Deve-se usar parágrafo americano, ou seja, sem recuo na primeira linha, com espaço simples entre linhas e duplo entre parágrafos. As páginas não devem ser numeradas e devem ser configuradas no formato A4.

Os artigos deverão ter no mínimo 10 e no máximo 20 páginas. Em sua primeira página deve-se incluir:

- a) título com negrito na língua do artigo e sua tradução para o inglês ou o espanhol; nome do autor com letras maiúsculas somente para as iniciais, duas linhas abaixo do título, com um asterisco que remeterá ao final do texto para um mini-curriculo com identificação da instituição a que pertence o autor e da função que nela ocupa;
- b) Resumo e Abstract ou Resumen: colocar as palavras RESUMO, ABSTRACT ou RESUMEN em caixa alta, seguidas de dois pontos. Colocar o resumo duas linhas abaixo do autor e separar o resumo em língua estrangeira por espaço duplo e os textos-resumo deverão ser feitos em fonte 10 seguidos de dois pontos;

c) Palavras-chave e Keywords ou Palabras claves: colocar as PALAVRAS-CHAVE e KEYWORDS ou PALABRAS CLAVES em caixa alta, seguidas de dois pontos; colocar as palavras-chave duas linhas abaixo do resumo em língua estrangeira, separando as *keywords* ou *palabras claves* das palavras-chave por duas linhas; as palavras-chave e as *keywords* ou *palabras claves* deverão ser digitadas também em fonte 10. Os títulos das seções do artigo devem vir sem recuo, em negrito, com maiúscula somente na palavra inicial e numerados em algarismos arábicos. A numeração não deve incluir a introdução e a conclusão.

As Notas, que se fizerem necessárias, devem aparecer no final do artigo, em corpo 10 e numeradas na ordem de aparecimento; o número referente à nota deve estar sobrescrito.

As Referências devem vir após as Notas e seguir, rigorosamente, as normas da ABNT:

a) para títulos de livros, usa-se itálico;

b) subtítulos, sem itálico, precedidos de dois-pontos; para capítulos de livros do mesmo autor, deve-se usar a expressão In: seguida de 5 travessões e ponto: In: _____.

c) para Organizadores e Coordenadores, emprega-se (Org.) ou (Coord.);

d) após a citação, deve-se colocar, entre parênteses, o sobrenome do autor em caixa alta, seguido do ano e do número da página. p. ex.: (SCLIAR, 2006, p. 85).

2. As Resenhas poderão ser de tema livre, dentro da área de publicação da revista, ou seja, a dos Estudos Judaicos, devem referir-se a obras publicadas há, no máximo, 2 anos e ter de 3 a 5 páginas. Na resenha deverá constar as referências completas, inclusive de tradutor e número de páginas do livro resenhado. As resenhas deverão ser digitadas em Word 6.0, ou superior, fonte Palatino Linotype, tamanho 10.

3. Poemas, contos e trabalhos artísticos também serão avaliados pela Comissão Editorial. Os textos poderão ter no máximo 20 páginas. Os textos deverão ser digitados em Word 6.0, ou superior, fonte Palatino Linotype, tamanho 10.

4. Todos os trabalhos (artigos, resenhas, poemas, contos, artes) deverão ser enviados, EXCLUSIVAMENTE para (arquivomaaravi@yahoo.com.br), como anexo. Em separado, no corpo da mensagem, deverão constar os dados do autor: Nome completo, Endereço completo (com CEP), e-mail, Titulação e Instituição, além de um currículo resumido (até 5 linhas). Os textos serão enviados para 3 pareceristas integrantes da Comissão Editorial da Arquivo Maaravi que se manifestarão sobre o seu aceite ou não.

A revista publicará artigos de doutores. Pós-graduandos publicarão com coautoria com os orientadores. Outros pesquisadores, escritores e artistas publicarão mediante avaliação do Conselho Editorial.

5. Os textos que não apresentarem as normas estipuladas NÃO serão avaliados ou devolvidos.

Condições para submissão

Como parte do processo de submissão, os autores são obrigados a verificar a conformidade da submissão em relação a todos os itens listados a seguir. As submissões que não estiverem de acordo com as normas serão devolvidas aos autores.

1. A contribuição é original e inédita, e não está sendo avaliada para publicação por outra revista; caso contrário, deve-se justificar em "Comentários ao editor".
2. URLs para as referências foram informadas quando possível.
3. O texto segue os padrões de estilo e requisitos bibliográficos descritos em [Diretrizes para Autores](#), na página Sobre a Revista.
4. Em caso de submissão a uma seção com avaliação pelos pares (ex.: artigos), as instruções disponíveis em [Assegurando a avaliação pelos pares cega](#) foram seguidas.

Política de Privacidade

Os nomes e endereços informados nesta revista serão usados exclusivamente para os serviços prestados por esta publicação, não sendo disponibilizados para outras finalidades ou a terceiros.



ARTIGO 2

Chamada - publicação

10º NÚMERO DOS CADERNOS DE LÍNGUA E LITERATURA HEBRAICA

Os artigos podem ser enviados por e-mail para cejudaic@usp.br

Os textos devem ser formatados segundo as especificações abaixo:

- Fonte *Times New Roman* 12 para corpo de texto e 11 para citações em parágrafo próprio, separado do corpo de texto com um espaço simples antes e dois espaços simples depois.
- Caracteres em itálico para ressaltar palavras e expressões em língua estrangeira, títulos de livros e de periódicos. Margens de 3 cm, exceto a margem direita, que deverá ter 2 cm.
- Recuo de 1 cm no início do parágrafo. Recuo de 2 cm (esquerdo) para citações em parágrafo próprio. Entrelinhas em espaço duplo para o corpo do texto e simples para as citações em parágrafo próprio. Uso de aspas duplas para títulos de artigos e obras de arte e para citações em corpo de texto (até quatro linhas). Formato do papel: A4.
- As referências bibliográficas deverão ser indicadas em notas de rodapé no final da página, com as seguintes informações: sobrenome do autor em caixa alta, vírgula, data da publicação, vírgula, abreviatura de página (p.) e o número desta (Ex.: OLIVEIRA, 2001, p. 40-44).
- Notas explicativas, restritas ao mínimo indispensável, deverão ser apresentadas no final da página, do mesmo modo que as referências bibliográficas.
- As ilustrações deverão ter a qualidade necessária para uma boa reprodução gráfica, sempre em preto e branco, sem meios tons. O formato do arquivo de imagem deverá ser JPG ou TIF. Devendo ser identificadas, com título ou legenda, e designadas, no texto, de forma abreviada, como figura (Fig. 1, Fig. 2, etc.).

- As referências bibliográficas deverão obedecer às normas da ABNT (NBR-6023):

Livro: sobrenome do autor, título do livro (em itálico), local de publicação, editora, data.

Ex.: WALDMAN, Berta. Linhas de força: escritos sobre literatura hebraica. São Paulo: Humanitas, 2004.

Artigo: nome do autor, título do artigo, título do periódico (itálico), local de publicação, editora ou entidade responsável pela publicação, volume e número, data, números inicial e final das páginas do artigo.

Ex.: ROZENCHAN, Nancy. Tradução: Literatura Israelense com Sotaque Português. Cadernos de Língua e Literatura Hebraica. São Paulo: Humanitas, n° 3, 2003, p. 331-320.

- A primeira página do trabalho deve incluir: a) o título centralizado, em caixa alta, com negrito; o(s) nome(s) do(a)s autor(e)(a)(s), com letras maiúsculas somente para as iniciais, duas linhas abaixo do título à direita, com um asterisco que remeterá ao final da página para identificação da instituição a que pertence(m) o(a)s autor(e)(a)(s) e da função que nela ocupa(m).

- Os subtítulos devem ser formatados: sem recuo, em negrito, com maiúscula somente na palavra inicial, numerados em algarismos arábicos; a numeração não inclui a introdução e a conclusão.

- As resenhas serão de tema livre, dentro do conteúdo temático deste número, conforme já mencionado. As resenhas selecionadas devem referir-se a obras publicadas há, no máximo, 03 anos.

- Os textos que não apresentarem as normas estipuladas para publicação não serão aceitos.

- Originais não aprovados não serão devolvidos. Os colaboradores terão direito a dois exemplares da revista.

Além do envio eletrônico (pelo e-mail), os trabalhos originais também deverão ser enviados para:

CEJ - Centro de Estudos Judaicos - USP

Av. Prof. Luciano Gualberto, nº 403, sala 105, Prédio de Letras - Cidade Universitária,

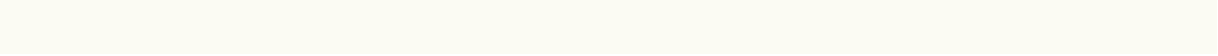
CEP: 05508-080 - São Paulo - SP

Informações: Tel.: +55 11 3813-6528 E-mail: cejudaic@usp.br

Atenciosamente,

Coordenador deste número:

Prof. Dr. Luis S. Krausz



ARTIGO 3

Proceedings 21st International Congress of the International Association of Cross-Cultural Psychology

Since the beginning of IACCP conferences books with proceedings have been published. These books consist of a selection of papers presented at the conference. The Stellenbosch organizers will continue this tradition. Below you will practical information about the proceedings.

Who can submit? (Only) manuscripts about papers presented at the 21st IACCP can be submitted.

Publication type: an e-book will be published. No hard copies of the proceedings will be printed. Examples of proceedings published as e-books can be found at <http://www.iaccp.org/drupal/ebooks>.

Submission guidelines: manuscripts should be formatted in line with APA Guidelines (6th edition); chapters can be at most 7,000 words (everything included). Manuscripts can be submitted in Word (doc or docx) or PDF format; accepted versions will need to be submitted in Word format.

Review process: the submitted chapters will be externally reviewed as well as by the editors. Only the accepted chapters, possibly after one or revisions, will be published in the e-book.

Editors: editors will be the main organizers of the congress.

Title (tentative): Toward sustainable development: Nurturing **diversity** (the title is derived from the theme of the conference).

Important Date: chapters can be submitted until October 1. The review process will start after this date.

Where to submit? Chapters can be submitted to fons.vandevijver@tilburguniversity.edu.

Fee structure: The chapters can be downloaded free of charge. No charges apply to submissions of chapters.

ARTIGO 4

Instruções aos Autores

Revista Tempo Social

<http://www.fflch.usp.br/sociologia/temposocial/site/index.php/autores>

1. Os artigos são de responsabilidade exclusiva dos autores. É permitida sua reprodução, total ou parcial, desde que seja citada a fonte.
2. Os trabalhos enviados para publicação devem ser inéditos, não sendo permitida sua apresentação simultânea em outro periódico nacional. De preferência, devem ser redigidos em português.
3. Os artigos de autores estrangeiros, quando enviados no original, serão traduzidos pelo autor depois de aceitos para publicação. Os artigos de autores estrangeiros, quando enviados traduzidos, devem ser acompanhados do original. Tempo Social reserva-se o direito de substituir a tradução sem aviso prévio, se assim achar necessário.
4. Os artigos são submetidos a pareceristas ad hoc, após prévia avaliação da Comissão Editorial, os quais podem aceitar, recusar ou reapresentar o original ao autor com sugestões de alterações. Os nomes dos pareceristas permanecem em sigilo, bem como os nomes dos autores.
5. Tempo Social reserva-se todos os direitos autorais dos artigos publicados, inclusive os de tradução, permitindo, entretanto, sua posterior reprodução com a devida citação da fonte.
6. Tempo Social restringe o trabalho do corpo discente aos doutorandos; artigos de autoria de mestres e mestrados devem ser encaminhados à Plural – Revista dos Alunos de Pós-Graduação do Departamento de Sociologia da USP (plural@usp.br).

Preparação dos manuscritos

1. Os artigos devem ter no máximo 51.000 toques (incluindo os espaços), com fonte Times New Roman, tamanho 12; espaço de 1,5 entre linhas, com as seguintes margens: superior 2,5 cm e inferior 2,5 cm; direita 3,0 cm e esquerda 3,0 cm.
2. As resenhas devem ter no máximo 7.000 toques (incluindo os espaços), com fonte Times New Roman, tamanho 12; espaço de 1,5 entre linhas, com as seguintes margens:

superior 2,5 cm e inferior 2,5 cm; direita 3,0 cm e esquerda 3,0 cm.

Tanto os artigos quanto as resenhas devem ser enviados:

- i. pela Internet, no e-mail temposoc@usp.br
ou, caso não se tenha acesso à rede, deve-se encaminhar por SEDEX:
- ii. 1 (uma) cópia em CD-Rom (Word for Windows) e
- iii. 1 (uma) cópia impressa para

Revista Tempo Social – Departamento de Sociologia – FFLCH/USP, Av. Prof. Luciano Gualberto, nº 315, São Paulo, SP, CEP 05508-010

3. No cabeçalho do artigo são indicados o título (com no máximo 45 toques) e o nome do(s) autor(es), com indicação, em nota de rodapé, da titulação do(s) mesmo(s), do Departamento, Faculdade e Universidade nos quais leciona(m) ou realiza(m) pós-graduação (doutorado ou pós-doutorado).

4. O artigo deve ser acompanhado de:

- i. um resumo, com a respectiva versão em inglês (abstract), incluindo título, de no máximo 750 toques, que sintetize os propósitos, métodos e conclusões do texto
- ii. um conjunto de palavras-chave, no mínimo 3 e no máximo 5, que identifique o conteúdo do artigo

5. As notas de rodapé devem ser de natureza substantiva, indicadas por algarismos arábicos em ordem crescente e incluídas no fim do texto.

Formato das referências no texto

1. As citações devem seguir os exemplos abaixo:

- a) ...ao horror, como "fonte de narração" e "obstáculo à linguagem" (Gagnebin, 1994, p. 124).
- b) "uma parte da existência [...] ligado ao centro" (Simmel, 1998, pp. 171-172).

2. As referências que não incluem citações devem seguir os exemplos abaixo:

- a) ... a produção de seus docentes (cf. Goldemberg, 1992).
- b) ... que não podiam ser sustentados logicamente (cf. Weber, 1982b, p. 171).

b) ... que não podiam ser sustentados logicamente (cf. Weber, 1982b, p. 171).

3. Quando a referência imediatamente posterior se referir ao mesmo autor e/ou obra, devem-se utilizar entre parênteses as fórmulas das citações (Idem, p. tal) ou (Idem, ibidem) ou ainda somente (Idem).

Formato das referências bibliográficas

A bibliografia (ou referências bibliográficas) é apresentada no final do trabalho, listada em ordem alfabética, segundo os padrões exemplificados abaixo (solicita-se observar rigorosamente a seqüência e a pontuação):

1. Livro

SOBRENOME, Nome. (ano), Título da obra em itálico. Local de publicação, editora.

Exemplo:

DURKHEIM, Émile. (1963), *As regras do método sociológico*. São Paulo, Editora Nacional.

2. Livro de dois autores

SOBRENOME, Nome & SOBRENOME, Nome. (ano), Título da obra em itálico. Local de publicação, editora.

Exemplo:

MARX, Karl & ENGELS, Friedrich. (1980), *Obras escolhidas*. 3 vols. São Paulo, Alfa-Omega.

3. Livro de vários autores

SOBRENOME, Nome et al. (ano), Título da obra em itálico. Local de publicação, editora.

Exemplo:

WAGLEY, Charles et al. (1952), *Race and class in rural Brazil*. Paris, Unesco.

4. Capítulo de livro

SOBRENOME, Nome. (ano), "Título do capítulo". In: SOBRENOME, Nome. Título da obra. Local de publicação, editora.

Exemplo:

BENJAMIN, Walter. (1986), “A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica”.

In: _____. Obras escolhidas I. São Paulo, Brasiliense, pp. 165-196.

5. Artigo em coletânea organizada pelo mesmo autor do artigo

SOBRENOME, Nome. (ano), “Título do artigo”. In: _____ (org.). Título da coletânea. Local de publicação, editora, vol., pp. ii-ii.

Exemplo:

MICELI, Sergio. (1989), “Condicionantes do desenvolvimento das ciências sociais”. In: _____ (org.). História das ciências sociais no Brasil. São Paulo, Edições Vértice/Idesp, vol. 1, pp. 72-110.

6. Artigo em coletânea organizada pelo autor em conjunto com outro

SOBRENOME, Nome. (ano), “Título do artigo”. In: _____ & SOBRENOME, Nome (orgs.). Título da coletânea. Local de publicação, editora, vol., pp. ii-ii.

Exemplo:

CARDOSO, Irene. (1997), “A narrativa silenciada”. In: _____ & SILVEIRA, Paulo (orgs.). Utopia e mal-estar na cultura: perspectivas psicanalíticas. São Paulo, Hucitec, pp. 169-196.

7. Artigo em coletânea organizada por outro autor

SOBRENOME, Nome. (ano), “Título do artigo”. In: SOBRENOME, Nome (org.). Título da coletânea. Local de publicação, editora, pp. ii-ii.

Exemplo:

FERNANDES, Florestan. (1986), “As relações raciais em São Paulo reexaminadas”. In: SIMSON, Olga R. de M. (org.). Revisitando a terra de contrastes. São Paulo, FFLCH-USP, pp. 13-19.

8. Artigo em periódico

SOBRENOME, Nome. (ano), “Título do artigo”. Título do periódico, local de publicação, nº do periódico(volume do periódico): pp. ii-ii, mês.

Exemplo:

IANNI, Octavio. (2000), “Tendências do pensamento brasileiro”. *Tempo Social*, São Paulo, 12 (2): 49-54, novembro.

9. Tese acadêmica

SOBRENOME, Nome. (ano), Título da tese. Local de publicação, nº de páginas. Dissertação de mestrado ou Tese de doutorado. Instituição em que foi defendida (Faculdade e Universidade).

Exemplo:

HIRANO, Sedi. (1986), *Pré-capitalismo e capitalismo: a formação do Brasil colonial*. São Paulo, 403 p. Tese de doutorado. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.

10. Artigo de jornal

SOBRENOME, Nome. (ano), “Título do artigo”. Título do periódico, local de publicação, data, pp. ii-ii.

Exemplo:

DUARTE, Paulo. (1947), “Negros do Brasil”. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 16/04, pp. 5-6.

11. Segunda ocorrência seguida do mesmo autor

SOBRENOME, Nome. (ano), Título em itálico. Local de publicação, editora.
_____. (ano), Título da obra. Local de publicação, editora.

Exemplo:

ARENDT, Hannah. (1993a), *A condição humana*. Rio de Janeiro, Forense Universitária.

_____. (1993b), *A dignidade da política*. Rio de Janeiro, Relume-Dumará.

WILLEMS, Emílio. (1940), *Assimilação e populações marginais no Brasil*. São Paulo, Companhia Editora Nacional.

_____ & BALDUS, Herbert. (1939), *Dicionário de etnologia e sociologia*. São Paulo, Companhia Editora Nacional.

Companhia Editora Nacional.

KOESTLER, Arthur. (1945), *Le zéro et l’infini*. Paris, Calmann Levy.

_____ et al. (1950), *The God that failed*. Zürich, Europa Verlag.

12. Indicação de edição original, se necessário

a) No corpo do texto:

(Sobrenome, [ano 1ª ed.]* ano, p. iii)

(Burton, [1869]* 1979, p. 13).

Na primeira ocorrência, será inserida a nota explicativa:

* A data entre colchetes refere-se à edição original da obra. Ela é indicada na primeira vez que a obra é citada. Nas demais, indica-se somente a edição utilizada pelo autor (N.E.).

b) Nas referências bibliográficas:

BURTON, Richard Francis. (1979), *Viagem de canoa de Sabará ao oceano Atlântico*. 1ª edição 1869. Belo Horizonte/São Paulo, Itatiaia/Edusp.

13. Publicações em outro idioma: não traduzir nada

SOBRENOME, Nome. (ano), Título da obra. Local de publicação, editora.

Exemplo:

HARRIS, Marvin. (1974), *Patterns of race in the Americas*. New York, Walker and Company.

BLUMMER, Herbert. (1958), *Race prejudice as a sense of group position*. *Pacific Sociological Review*, Beverly Hills, 1: 3-8, spring.

14. Consultas on-line

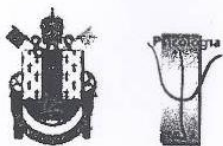
SOBRENOME, Nome. "Título do artigo". <http://endereço> do site, consultado em dd/mm/aaaa.

Exemplo:

NORTH, Douglas. (1993), "Economics and cognitive science".

<http://econwp.wustl.edu/eprints/eh/paper/9309/9309003>

consultado em 06/04/2004.



Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul
Faculdade de Psicologia
Programa de Pós-Graduação em Psicologia

Ofício 039/2011 – FCC

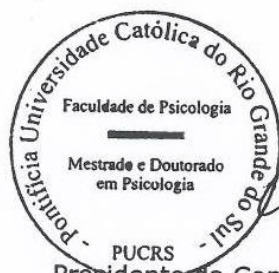
Porto Alegre, 09 de novembro de 2011.

Senhor(a) Pesquisador(a)

A Comissão Científica da Faculdade de Psicologia da PUCRS apreciou e aprovou seu protocolo intitulado **“Cultura, Identidade e Gênero no Processo de Imigração Judaica de Sobreviventes da Segunda Guerra Mundial”**.

Sua investigação está autorizada a partir da presente data, sem a necessidade de passar pelo Comitê de Ética, devido a características específicas da pesquisa, explicitadas no parecer final.

Atenciosamente,



Adolfo Pizzinato
Prof. Dr. Adolfo Pizzinato

Presidente da Comissão Científica da Faculdade de Psicologia

Ilmo(a) Sr(a)

Orientador(a): Marlene Neves Strey

Pesquisador(a): Bruna Krimberg Von Mühlen

PUCRS

Campus Central
Av. Ipiranga, 6681 – P. 11– 9º andar – CEP 90619-900
Porto Alegre – RS – Brasil
Fone: (51) 3320-3500 – Fax (51) 3320 – 3633
E-mail: psicologia-pg@pucrs.br
www.pucrs.br/psipos